



**O mérito do homem não reside no conhecimento que tem,
mas no esforço que despendeu para alcançá-lo.**

AS MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS

III

Chefe Osvaldo

A arte de contar histórias.

“Não há quem resista a boas histórias. Nas páginas dos livros, dos jornais e das revistas, na tela do computador e na televisão, narradas presencialmente ou transmitidas pelo rádio... Seja lá onde e como aparecem, elas encantam, amedrontam, fazem rir ou chorar. Assustam e são capazes de levar, ainda que em pensamento, até os lugares distantes pessoas de qualquer idade, especialmente as crianças”.

“Contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas: e a Grécia assim o compreendeu, divinizando Homero que não era mais que um sublime contador de contos da carochinha” Todas as outras ocupações humanas tendem mais ou menos a explorar o homem; só essa de contar histórias se dedica amoravelmente a entretê-lo, o que tantas vezes equivale a consolá-lo. Infelizmente, quase sempre, os contistas estragam os seus contos por os encherem de literatura, de tanta literatura que nos sufoca a vida! Eça de Queirós.

Eu gosto de contar histórias. Influências diversas me colocaram em fábulas reais ou imaginárias. Garatujo algumas baseadas em fatos autênticos, outras com uma pequena dose de ficção deixando no ar o gostinho da dúvida – Será que foi ou não verdade? – É o meu estilo de escrever. Minha biografia escoteira e pessoal foi cheias de episódios, momento alegres, algumas peripécias com desfechos nem sempre felizes. Todos eles ficaram marcados na memória. Alguns legítimos, outros apócrifos, e outros... Ah! Nestes casos ficam anotados na mente, com espaços ilimitados gravados em micro chips humanos, como recordação para a posteridade. Desses não esqueço nunca. Outros nem tanto. Um amigo já me disse que preciso fazer um backup da mente para nada se perder no tempo quando me for.

Alguns contos ou narrativas são flashbacks que surgem com final feliz. Poucos com desfechos um tanto tristonhos, mas que fazem parte da vida e da história da humanidade. Importante saber que todos nós temos sempre uma história para contar. E se pudéssemos montar nossas biografias com fatos e feitos ocorridos, teríamos um volume imenso em páginas impressas no imaginário livro da vida.

Faça sua própria aventura!

“Boi não é vaca feijão não é arroz...
“Quem quiser que conte dois”.

Intróito.



Há alguns anos comecei a organizar contos e histórias que escrevia tentando fazer um pequeno livro. O título foi de Histórias Escoteiras. Em PDF foi distribuído a vários amigos que se interessaram em ler. Um amigo de nome Fernando Robleño gentilmente organizou e formatou outras histórias fazendo um excelente trabalho em histórias Escoteiras II. Um sucesso, pois recebi mais de quatrocentos e-mails solicitando uma cópia em PDF.

De lá para cá muitas novas histórias foram escritas, escolhi trinta e uma delas para fazer as Histórias Escoteiras III. Espero que os leitores apreciem como apreciaram o primeiro e o segundo. Quero lembrar aos meus amigos que a correção final não foi feita. Sempre contei com a colaboração de amigos, pois escrever para mim não tem segredos, corrigir não é minha praia. Risos.

Todos que lêem meus livros e histórias sabem que não foram editados. Meus livros são para Escoteiros e nunca darão o retorno se um dia uma editora os editar. Os que me pediram foram enviados uma cópia sem ônus em PDF. Sempre será assim. Distribuição gratuita. Quem sabe no futuro surja um livro impresso um velho sonho meu.

Mas chega de delongas e estratégias iniciais. Vamos aos fatos e os fatos são as histórias e contos que para os apreciadores de histórias escoteiras eu tenho certeza que irão gostar.

Chefe Osvaldo.

Lei do Escoteiro - Uma filosofia de vida.

¶Prometo neste dia, cumprir a lei
Sou teu Escoteiro, senhor e Rei.

Ele passou a semana pensando se poderia assumir tamanha responsabilidade. Com seus onze anos ainda não tinha aprendido que assumir o que lhe pediram não seria fácil. Seus sonhos eram outros e quando estava em sua patrulha ele sentia o amor de todos por ele. Era o terceiro da fila e mesmo sendo olhado como o novo Pata-tenra isto não o incomodava. Tinha três anos de lobo e agora iniciando na tropa já sabia fazer muitos nós, sinais de pista e era bamba em subir em arvores ou descer pela corda. Assustou-se quando o Monitor lhe disse que o Chefe queria falar com ele. Uma conversa amigável, mas que o preocupou muito. Afinal Albino nunca pensou nada sobre o que o Chefe lhe falou. Nos lobinhos ele brincava, cantava, fazia excursões e acantonamentos. Sim, ele sabia que fez uma promessa quando lobo, mas nada que pudesse comparar com esta agora que ia fazer nos Escoteiros. Ele seria capaz de cumprir a lei?

¶Da fé eu sinto orgulho, quero viver
Tal como ensinaste, até morrer!

- Albino, dizia o Chefe, acho que sabe que sua promessa vai ser um dia especial para você. Eu sei que você entende o que é coragem dignidade e honradez. Isto meu caro Escoteiro chamamos honra. Quem não há tem perdeu tudo o que tinha de civilidade. Quando você estiver olhando para nossa Bandeira e se perceber bem acima dela, estará de braços abertos o nosso Senhor supremo. Ele não vai exigir de você nada mais do que você um dia irá enfrentar em sua vida. Ela lhe dará vários caminhos e compete a você escolher o certo. Sempre você terá direito a fazer a escolha que julgar correto. Não vou repetir artigo por artigo da lei. Você os conhece de cor. Dizem que nós Escoteiros primamos pelo caráter. Você sabe o que é isto.

Um dia aprendi que caráter é a soma de nossos hábitos, virtudes e vícios. Em sua definição mais simples resume-se em índole ou firmeza de vontade. O caráter de uma pessoa pode ser dramático, religioso, especulativo ou desafiador. Pode ser também covarde e inconstante. Compete a você escolher de que forma seu caráter será formado. Nunca em tempo algum perca sua honra e seu caráter.

Com a alma apaixonada, segui-la-ei,
A minha Pátria amada, fiel serei!

Albino não sabia o que dizer, olhava nos olhos do seu Chefe para sentir tudo que ele dizia e não perder uma só frase, uma só palavra. Conversaram por mais de meia hora. Ele sabia que o próximo sábado seria só dele. Seria o dia que faria a promessa nos Escoteiros. Nunca pensou que haveria tanta responsabilidade. Já tinha visto a Promessa do Rodriguinho, pois na tropa poucos novos eram aceitos. Não porque não queriam, mas sim porque dificilmente alguém saía da tropa a não ser quando iam para os seniores. Quando seu Chefe falou da Lei Escoteira Albino silenciou. Não sabia por que, mas tinha medo dela. Medo? Sim, ele achava muito difícil cumprir a lei. Foi para sua casa pensativo. Prometer junto ao pavilhão nacional e ao nosso Mestre que irei cumprir a lei? Será que mantereí minha palavra já que o primeiro artigo diz que temos uma só? Difícil decisão. Albino dormiu mal naquela noite. Mas não desistiu. Nonato seu amigo de patrulha riu quando ele contou sobre isto. Meu amigo ele disse, você vai fazer o melhor possível, nada mais que isto.

¶Promessa que um dia, eu fiz junto à tí,
Para toda a minha vida, a prometi!

Albino resolveu buscar ajuda. Quem sabe o Pastor Leôncio poderia aconselhar. Assim o fez. O Pastor só ouviu e pouco falou. No final disse: - Albino, acredite em você. Decisões são difíceis para serem tomadas mas não podem ser postergadas. Toda sua vida será cheia de caminhos e em cada um você terá de tomar uma decisão. Está quem sabe é a sua primeira. Confie em você. Escoteiro é assim a cada dia um desafio novo. Esqueça o difícil o impossível pois ao abrir a porta de um novo dia e ver o sol brilhando é porque você se encheu de coragem e venceu seus medos. Parta e busque sua força. Ela existe. Albino saiu da casa do Pastor cheio de coragem. Ele iria cumprir a lei. Ele tinha de cumprir a lei. Seria sua força e não podia perder a honra e caráter por toda a vida. Albino fez sua promessa e ao dizer as belas palavras ele olhou para o céu e viu uma nuvem branca com alguém a lhe abanar a mão e sussurrando:

¶Eu te amarei para sempre, cada vez mais,
Senhor minha promessa, protegerás!

Pirilampo, um Beija Flor no verde Vale de Nagoya.

Não faz muito tempo quem sabe uns trinta ou quarenta anos. Já não era mocinho e meus anos ultrapassavam as trinta primaveras. Éramos mais de doze e menos de quinze. A quantidade não lembro-me bem. Foi até um acampamento gostoso, só de chefes. Tínhamos feitos outros e não pertencíamos ao mesmo grupo e isto nada significava para a fraternidade e irmandade que existia entre nós. Programa? Duas patrulhas, dois compôs, trabalhando e se divertindo com seus patrulheiros. Eu era um Guanambi, e quando me disseram o que era fiquei perplexo – Chefe, Guanambi é um beija-flor! Tudo bem, eu admirava os pequenos voadores a procura de seu néctar das flores. Eles entre os pássaros poderiam ser considerados príncipes ou quem sabe Reis? Sabia que tinham todas as cores e nunca parei para observar melhor. Onde estávamos acampados uma calma enorme se fazia acontecer no campo. Uma gostosa passarada a cantar seus cantos maravilhosos, o som intermitente de uma pequena cascata, grilos que anunciavam tempo bom e formigas indo e vindo sem pressa com suas cargas enormes.

As noites para nós eram belas. Não havia pressa para nada, que o jantar ficasse pronto quando estivesse pronto. O banho da tarde no pequeno remanso refrescou o corpo de tanto sol, que tentado se aproximar pé ante pé de um esquilo deixava o suor correr do sol das três horas da tarde. Aos poucos iam chegando na Pedra do Conselho, nome pomposo que dávamos ao fogo da noite e seus participantes, nome roubado dos lobos, mas que seria devolvido tão logo o acampamento terminasse. O Cantor logo deu o ar da graça. Terra do Belo Olmeiro. Linda canção dos caçadores de pele dos

lagos canadenses. – ¶“Terra do belo olmeiro, lar do castor, lá onde o alce airoso é o senhor”... Uma letra de tirar o folego. Alguém contou uma piada. Uma piada Escoteira. Ali a pureza nos pensamentos palavras e ações tinham seu lugar ao sol, ou melhor, à noite.

O bule de café e outro de chá a beira do fogo tinha visitantes frequentes. Todos nós esperávamos que Cabelos Vermelhos pedisse a palavra. Sabíamos que ele sempre tinha uma bela história para contar. – Ficou em pé, olhou para o céu, sentou novamente e com uma voz clara começou mais uma bela história para nosso deleite. - Era uma vez... Há muito tempo, eu era menino de calças curtas e recém admitido na tropa. – Cada um de nós nos refestelamos no banco tosco e nenhum som mais se ouviu a não ser o crepitar do fogo e olhar pequenas fagulhas dengosas a subir aos céus. A voz de Cabelos Vermelhos era sonhadora, ele sabia como contar uma história. A princípio sentado, mas a gente já sabia que ele ia ficar em pé, ia gesticular pular e cantar. Era seu dom. ele sim era um contador de histórias. – Naquela época, dizia Cabelos Vermelhos a nossa inocência, o nosso amor e a fraternidade nos dava oportunidade de conviver com os animais com os pássaros e até os reptéis eram nossos amigos.

Nos preparamos para mais um acampamento de verão. Dizem que no verão as chuvas caem mais forte, mas nós não nos importávamos. Não foi Edson quem disse que tudo passa, a chuva passa, tempestades passam. Até furacão passa difícil é saber o que sobra? Sabe amigos, nos amávamos a chuva. Dizíamos para nós mesmos que não importa a chuva que cai... Pois eu tenho encontros com o sol! Nossos preparativos foram rapidamente realizados. Em uma bela manhã partimos rumo verde Vale de Nagoya. Era um dos vales mais lindos que conhecíamos. Era lá que o sol quando nascia nos dava um sorriso e quando se ponha deixava escrito no céu – Que a lua e as estrelas cuidem de vocês como eu cuidei. Não choveu a não ser uma pequena garoa no terceiro dia. O nosso programa nos dava tempo para belas construções e explorações de grutas que lá havia as dezenas.

Foi em uma tarde bolorenta, daquelas que dá vontade de cochilar e não acordar que vi um Beija Flor em cima da mesa do refeitório. Semblante triste asa caída me olhou choroso e disse – Olá Escoteiro, foi bom ver vocês. Estou partindo do Vale de Nagoya aqui nunca mais voltarei. – Olhei espantado para o Beija Flor e sem precisar perguntar ele continuou. Meu nome? Pirlampo. No passado diziam que eu tinha luzes que piscavam que eu levava o sorriso aos meus irmãos. Hoje Escoteiro, hoje não sou nada aqui neste vale que um dia foi florido e hoje não é mais. Vou as escarpas, voo rasante pelas cascatas no vale, tento subir mais alto para descobrir flores que agora não existem mais. Você meu amigo Escoteiro sabe como somos.

Temos o dom de voar em marcha-ré e de permanecer imóveis no ar. Você sabe que podemos voar a velocidade do som e que adianta tudo isto?

Olhei o Pirilampo e não disse nada. A patrulha já tinha observado que o Vale de Nagoya já não era mais o mesmo. As flores desapareceram com as queimadas dos sitiantes, onde havia um bosque com uma nascente cristalina desapareceu. As árvores eram vendidas pelo melhor preço para servirem de carvão e nas usinas siderúrgicas produzirem o ferro ou o aço para as máquinas infernais. Vi nos olhos de Pirilampo pequenas gotas de lágrimas que caíam. – Pois e Escoteiro, os sitiantes acreditam que nós somos anjos, que podemos voar em suas terras, que nosso néctar nunca ia se acabar. Eles mesmos inventaram o meio de nos dar água com açúcar como isto fosse substituir nosso néctar. Eles não sabem que quando o sol esquentava fermenta a água e ela tem nos feito tanto mal que alguns de nós morreram.

Tenho de partir, meus irmãos já foram. Eu sou o último beija flor do Vale de Nagoya. Não sei se aqui voltaremos, pois acredito que o Vale de Nagoya se foi para sempre. Não queria ir sem me despedir de vocês. A vida aqui no vale me ensinou a dizer adeus às pessoas que tenho amizades e vocês ficarão para sempre em meu coração. Adeus Escoteiro, que as gotas de chuva de hoje possam lavar os pensamentos ruins e alegrar os olhos de vocês para sonhar que no futuro, o Vale de Nagoya será novamente um vale florido, cheio de Beijas Flores no céu. Pirilampo levantou voo e se foi. Não deu uma revoada em cima do nosso campo de patrulha. Partiu como se quisesse esquecer aquele vale de agora e lembrar sempre como foi em um passado distante.

Cabelos Vermelhos se calou. Todos nós estávamos calados. Não havia o que dizer alguém com os olhos cheios de lágrimas perguntou – E aí Cabelos Vermelhos, como é hoje o Vale de Nagoya? – Aquele Chefe contador de histórias nos olhou, fechou os olhos e disse: - O homem destrói a natureza na justificativa de sobreviver, a natureza luta para sobreviver, para garantir a sobrevivência do homem!

A morte de João Liborno teve uma festa no céu.

Quer saber? Eu conheci João Liborno. Tudo bem, eu sei que muitos que o conheceram se arrependeram. Mas eu não. Disseram-me que ele era prepotente, não sabia abaixar a cabeça, se achava o dono do mundo. Nunca pensei assim, quem sabe por que entrei em sua alma, seu coração e sua vida. Não pensem que tenho premonição, conhecimentos de psicologia, que sou um adivinho ou um religioso a ponto de conhecer alguém por dentro. Mas João Liborno tinha algum especial. Seu olhar. Olhar? Podem me dizer o que quiserem, ele era mesmo alguém especial. Mal educado eu sei que era. Valente então? Sempre tinha uma resposta na ponta da língua, mas meu Deus! Que faria o que ele fez? Juro que já vi igual, mas melhor não. Quando o Prefeito Zeca do Som sabia que ele estava na prefeitura a sua procura se escondia no banheiro. Quando o delegado Jacutinga era informado que ele estava aprontando, pegava sua varinha e ia pescar no córrego do Cavalo Doido.

Tudo porque detestava um não. Achava que todos deviam ser como ele. Afinal o que João Liborno fazia? Nada que as autoridades deviam fazer e não faziam. Ele recolhia os pedintes, os enfermos jogados na rua e os levava para seu galpão. Isto mesmo ele com as próprias mãos fez um galpão. Não tão grande, mas com a nossa ajuda e dos pioneiros dava para quebrar o galho. Dizem que seu galpão era igual coração de mãe, sempre cabe mais um. Nunca que passei por lá ele estava vazio. E sempre cheio de gente. Gente? Indigentes isto sim. Doença de chagas, doentes de pulmão, doentes de AIDS, pobres que não tinham onde dormir. João Liborno nunca foi médico e nem enfermeiro. Dizem que ele era um excelente Chefe Escoteiro até que um dia o mandaram embora do grupo que ajudava. E quer saber? Foi tudo futrica fofoca da oposição. Não tem no escotismo? Oposição? Pois sim que não tem.

João Liborno foi Escoteiro sênior e pioneiro. Assumiu a Tropa Sênior em meados de abril de 1956. Os seniores faltavam pouco carregá-lo de tão contentes. O danado nem ligava, mas pegava os seniores e ia sempre onde ninguém nunca foi. A inveja começou aí. O disse me disse das comadres no Grupo Escoteiro. – Um dia ele vai trazer nos braços alguém morto, dizia uma, não duvido dizia outra. Mas João Liborno tinha feito as pazes com Deus. Dizem que hoje em dia não tem mais comadres nos Grupos Escoteiros. Sei não! – Tônico Carçoço que o diga. Chefe da Tropa Escoteira

exigiu que todos fossem tratados igualmente e ninguém iria receber nenhum distintivo se não o merecessem. O Pai de Constantino ficou uma fera. Procurou o Chefe Tibúrcio e disse – Ou ele ou eu! O que houve Natalino? Meu filho Chefe, o senhor sabe que me mato aqui no grupo, faço tudo, levo para os acampamentos em minha Kombi, pago em dia minhas mensalidades e agora ele está negando dois distintivos e cinco especialidades ao meu filho.

O caldo cresceu e entornou. A chefaiada dividida. Na reunião de chefes do grupo metade pedia sua saída, a outra metade dizia que se saísse sairia com ele. Melhor procurar o distrito. Este tinha enorme simpatia por Natalino. Afinal era Juiz de Direito da cidade e diziam que seria o futuro prefeito. Dizem que politica e escotismo não se misturam, mas ali em Pau D'Alho era diferente. João Liborno foi chamado. O distrital já o tinha encravado na garganta. Quantas vezes aprontou? Quantas vezes criou caso por uma simples questão de semântica? Agora o prefeito Bafudonça lhe telefonando todo dia porque ele fez um galpão e lá esta alojando a “peste negra” da cidade. Não tinha jeito. Mandou uma carta para João Liborno avisando que um processo estava em andamento e enquanto isto ele estava suspenso de suas funções. Dois dias depois recebeu uma resposta de João Liborno. Duas palavras somente. Nada mais. – “Vá à merda”! Foi à conta. A carta foi xerografada. Deus e o mundo recebeu uma copia. A UEB não se manifestou. Disse ser problema da região e do distrito.

João Liborno todos os sábados impreterivelmente às duas da tarde lá estava na sede Escoteira. Isto sem contar a ultima excursão que fez com os seniores que ficou na história. Alugou dois carros de bois do Chico Landi, um fazendeiro amigo dos Escoteiros e com uma dúzia de bons Guzerá lá foi ele com seus seniores para fazerem a mais aventura de suas vidas. Japielton me contou que nunca se divertiu tanto. Adorava o lamento ou canto que as rodas faziam. Todos aprenderam a colocar a canga, o canzil, a arreia, o cabeçalho, manuseavam com perfeição a cheda, a cantadeira, o cocão, o fueiro, e quando não estavam assentados na mesa lá ia eles se revezando com a vara do ferrão a gritar: - Vamo Risoleta, vai que vai Tira Forno. Foram quinze dias inesquecíveis pelas estradas e serras do sertão. Quando voltou lá estava na sede o distrital e dois soldados. – Fora, fora, você esta exonerado. Me entregue seus distintivos e uniforme. João Liborno ficou branco. Ia falar um palavrão mas deu as costas a todos e foi embora.

Não voltou mais ao grupo. Agora se dedicava aos seus doentes e os sem sorte na vida. Não dava sossego a ninguém. Sempre pedindo para seus pobres. Claro que o galpão não acomodava mais ninguém mas João Liborno não desistia. Nas eleições de novembro ele disse a um candidato a

governador: - Me ajuda com meus pobres? Doutor Pasquacio foi eleito. Não esqueceu o pedido de João Liborno. Mandou fazer um prédio enorme, com todas as condições para ser o melhor hospital da cidade. João acompanhava as obras sempre sorrindo, claro que os seniores não o abandonaram. O dia da inauguração chegou. João Liborno colocou seu uniforme caqui e seu Chapelão, e lá foi ele tomar posse do que era seu. Coitado do João. Nem o deixaram entrar. Ficou estupefato com a traição do Presidente Pasquacio. Foi para casa tão triste que resolveu fazer o ato que nunca teria feito. Afinal ele era um bom Escoteiro, um bom companheiro. Dizem que os seniores o ajudaram, eu não acredito.

Não era duas da manhã e o Hospital novo estava em chamas. Não havia ainda bombeiros naquela época. Ninguém sabe o que aconteceu. Os seniores não moveram uma palha para ajudar a apagar o fogo. Tudo foi destruído. Todos já sabiam que só podia ser João Liborno. Mas ninguém podia provar e ninguém o viu de novo na cidade. Só pode ter fugido. Ao fazer a limpeza das chamas encontraram seu corpo Em uma placa de metal ele deixou escrito. Escoteiro eu fui. Sua filosofia morou em meu coração. Mas que Deus me desculpe, não suporto a traição. Quem com ferro fere com ferro será ferido. Dizem eu não sei se foi verdade que mesmo com o hospital destruído o Prefeito Bafodonça decretou três dias de festividade. Ele mesmo fez uma festança em sua fazenda. Livre dele era ficar feliz para sempre!

No auge da festa, uma fumaceira tomou conta, sua casa sede pegava fogo. Todo mundo corria para todo lado. Não podia ser João Liborno. Ele estava mortinho da silva. Quem seria então o culpado? Decida você leitor.

A lenda de Tiger Joy, o pássaro preto cantador.

“Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
não vendo a luz, ai, canta de dor.

Tarvez por ignorança
ou mardade das pió
furaro os óio do assum preto
para ele assim, ai, cantá mió".
Humberto Teixeira/ Luiz Gonzaga

Zito Francesco era um bom Escoteiro. Não era faroleiro e nem mal educado. Almozarife na Patrulha Gralha ele fez história. Uma história que até hoje é contada pelos Escoteiros do sertão do Piauí. Poderia dizer que Zito Francesco era um gentleman, de uma maneira tal que alguns se incomodavam. Mas ele tinha um defeito, defeito que muitos jovens ainda não aprenderam que fazer o bem sem olhar a quem é vida dentro do Espírito Escoteiro. Seu hobby favorito era ouvir o cantar dos pássaros. Sabia de cor e salteado quando algum cantava. Era comum a patrulha em reunião ou em marcha de estrada ele parar e dizer: - Parem! Ouçam, é um Rouxinol da montanha! Todos já conheciam os pássaros cantores por causa de Zito Francesco. Podia ser um Uirapuru, um Rouxinol, um Curió, um Sabiá Laranjeira ou um Pintassilgo. Ficou dois dias na Mata do Roncador a procura de um Inhapim, que muitos diziam estar em extinção. Mas ficou dez dias na Mata do Azulão só para ouvir o Tuiuiu cantar.

Era amado pela tropa, pelos chefes e em seu lar seus pais sentiam uma vibração boa quando estava à família toda reunida. Não foi um Escoteiro que fez carreira. Mal chegou a Segunda Classe. Poucas especialidades. O cantar dos pássaros o prendiam mais que o sonho de ser um Correia de Mateiro ou mesmo um Cordão Dourado. A vida ia passando, as chuvas de verão chegaram e os acampamentos diminuíram de intensidade. Zito Francesco não se incomodava. Ele tinha aonde ir e viver seu sonho aventureiro. Gostava da chuva, e elas lhe faziam muito bem, pois ele sabia que nas chuvas de verão ao aproximar-se a primavera era a época onde os pássaros cantavam melhor. Ninguém se preocupava quando ele passava de mochila e Chapelão, com a borrasca no seu auge em direção a Mata do Jaú. Sabiam que dois ou três dias depois ele voltava sorrindo, cantando baixinho a imitar seu pássaro preferido.

A história de tudo que aconteceu ninguém até hoje soube explicar muito bem. Juan Maneco seu Monitor contou que ele ao passar em frente à Barbearia do Fagundes uma das poucas existentes em Barra Vermelha, viu uma aglomeração de gente em volta da porta. Fizeram silêncio e ele ouviu o canto triste de um Pássaro Preto. Triste, choroso, aflito em sua gaiola azul a olhar para o nada. Zito Francesco viu os seus olhos opacos, sem destino, com dois buracos negros como se tivesse sido furados, sem olhar para ninguém. Ele estava cego. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Era penoso, era

angustiante ver que existia alguém capaz de furar os olhos de um lindo passado como aquele só para vê-lo cantar diferente. Zito Francesco não ficou ali a ouvir o cantar do Pássaro Preto. Foi para casa penalizado e choroso pelo pobre pássaro. Ficou dias sem falar com ninguém. Na reunião do sábado seguinte todos estranharam sua tristeza. – O que foi Zito? Todos perguntavam. Ele não disse nada. Seu coração estava machucado. Para ele era uma maldade tão cruel como matar alguém.

Um Chefe um dia lhe disse que matar alguém é tirar tudo que ele tem e o que ele poderia ter um dia. O Pássaro Preto perdeu tudo que tinha ao perder a visão e nunca mais na vida teria nada. Seu cantar era para lembrar o tempo que viveu a voar pelos céus. Uma tarde a mãe de Zito Francesco foi à casa do Monitor de sua patrulha a procura dele. – Não sei Dona Mercedes. Ela procurou o Delegado Tonhão. Cidade pequena impossível sumir assim. Uma semana, um mês, dois três. Zito Francesco o Escoteiro nunca mais apareceu. Quem sabe estaria ligado ao sumiço do Pássaro Preto do Barbeiro Tobias? Ninguém sabia explicar. O pássaro desaparecera da noite para o dia de sua gaiola azul. Enfim a vida passa, as nuvens passam, e as histórias continuam a ser contadas. Muitos juraram que o viram com o Pássaro Preto na Floresta Negra. Reviraram a floresta e nada. Outros estranharam porque uma nuvem de pássaros pretos saía pela manhã e voltava à tarde para a Floresta Negra. À noite ninguém se arriscava a entrar lá. Histórias, ah! Quantas histórias fizeram de Zito Francesco.

Uma tarde de outono eu e minha patrulha Pico da Neblina passamos por Barra Vermelha. Tínhamos amigos lá no Grupo Escoteiro. Ficaríamos lá aquela noite e no dia seguinte o destino era Águas do Ventos Sul, uma cidade onde um Grupo Escoteiro estava iniciando. Em uma gostosa Conversa ao Pé do fogo na sede do grupo e tantos assuntos rolaram. Escoteiros quando se encontram matam as saudades e deixam chegar os sorrisos gostosos de bons companheiros. Foi Neco Sartano Sub Monitor da Gralha quem contou a história de Zito Francesco. Fazia dois anos que ele sumira. Ninguém nunca mais ouviu falar nele e os poucos que o viram disseram que era um fantasma da Floresta Negra. A conversa foi até lá pelas tantas. Preferimos armar a barraca no pátio da sede, pois o local era excelente. Após a partida de todos eu sabia ao olhar o semblante de cada escoteiro sênior da patrulha que não podíamos partir sem antes saber o que aconteceu lá na Floresta Negra.

Tínhamos tempo. Nossa jornada era de doze dias e nada que perder dois ou três dias poderia fazer falta. Levantamos cedo. Nossas tralhas foram amarradas nas bicicletas e partimos. Vimos do alto do Monte Sultão a Floresta Negra. Não era grande e era linda. Achamos uma clareira e ali

montamos nosso campo. Era notável o silêncio da floresta e nenhum cantar dos pássaros nativos. Foi à noite que tudo começou. Um pio angustiado de um Pássaro Preto se fez ouvir. Logo foi acompanhado por milhares de outros Pássaros Preto. Ficamos estáticos. Ninguém falava nada. Não era uma sinfonia de pássaros a cantar, parecia mais uma melancólica canção cantada por tantos pássaros que ninguém via. Um brilho azul reluziu no caminho que chegamos. Um vulto Escoteiro, só vimos o chapéu e um choro convulsivo. Se for Zito Francesco não sabíamos. Assim como chegou partiu adentro da Floresta Negra. O silêncio se fez novamente. A Floresta parecia mergulhar numa nudez penosa e triste. Alguns segundos depois só um pássaro se fez ouvir. Tinha que ser o Tuiuiú com sua melodia majestosa. Uma calma gostosa voltou a vibrar naquela noite sem luar, mas com lindas estrelas no céu.

Dormimos sem sobressaltos e pela manhã partimos. Nunca em minha vida tive uma noite como aquela. Onde a tristeza foi substituída pelo cantar da floresta e de um lindo pássaro que quando canta fica preso na garganta de quem pode ouvir e sentir uma felicidade imensa. Antes de partir fizemos uma oração para Zito Francesco. Não esquecemos também Tiger Joy o pássaro Preto cego pela maldade dos homens. Quem sabe ele devia ter nascido soturno, calado sem voz e assim estaria hoje vendo a natureza em flor? O desabrochar da Primavera? Ou até mesmo um outono suave ou um verão onde ele poderia voar pelos campos verdes onde os pássaros voam ao sabor do vento como se fossem entes mágicos a trazer para os homens o que eles ainda não tem: A paz e amor no coração!

“Assum Preto teve sorte
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá (bis)
Assum Preto, o meu cantar.
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus”.

Adoro lavar panelas no acampamento. E quem não gosta? Rsrrsrs.

¶No acampamento, o nosso tormento,
é ter que usar PANELAS.
Pois o alimento requer cozimento,
e ao fogo vão as PANELAS¶.

Dizem e eu assino embaixo que o escotismo é maravilhoso. Disse também nosso líder que escotismo se faz no campo e o acampamento é o melhor meio para ensinar honra ética e formar caráter. Perfeito. Tem aqueles que adoram um grande jogo, outros amam fazer uma bela pioneira. E aqueles que se sentem bem com uma lauta refeição no campo. São coisas que marcam principalmente o Fogo do Conselho. Mas meus amigos, e lavar panelas quem gosta? Dei uma olhada no filme da minha vida Escoteira. Consultei amigos daquela época, fiz uma pesquisa tipo as da UEB em Grupos Escoteiros e a conclusão? – Ninguém, mas ninguém mesmo gosta de lavar panelas. Soube de um Escoteiro novato que gostava e até hoje faz terapia de grupo com um Psiquiatra. Mas por que não gostam? Elas não são importantes? Porque os chefes são tão exigentes na limpeza das panelas? Afinal em cada casa os Escoteiros sabem que não fazem isto. A mamãe ou a empregada que se virem.

¶Lá o carvão e a fumaça,
põe tigna no caldeirão.
Dentro se é macarrão,
fica um grude que não sai não¶.

Eu gostava de cantar o hino do Ajuri Nacional do Rio de Janeiro. Tinha uma estrofe que dizia – ¶ Se ele é gaúcho, você do Amazonas, debaixo das lonas são todos irmãos, qualquer cor ou classe, qualquer raça ou credo lavando as panelas são todos irmãos¶. Arre! É isto mesmo? Lavar panelas para sermos irmãos? Rsrrsrs. Sei que cada um entendeu. Afinal pegar as sebatas e agachar em um riacho ou ficar curvados em um tanque, limpando, esfregando aquelas negras queimadas, nojentas, sebatas, pára muitos é um horror. Imagine os novatos pata tenra. Já vi alguns deles gritarem – Deixa que eu lavo! E dá aquele sorriso que todos nós conhecemos

– Todos os outros da patrulha batem palmas. Coitado, nem sabia o que estava dizendo. Era terminar e o Monitor dizer – Limpas? Faz favor Escoteiro, toma vergonha na cara e lave direito! Depois quando o noviço Pata-terra crescia na patrulha ele chegava à conclusão que já tinha direito de escolher e falar sim ou não, e o bom nisto tudo é que sempre havia um novato chegando. Panela nele!

¶Foi-se o alimento, chegou o momento,
de ter que lavar, PANELAS.

Negras, queimadas, nojentas, sebentas,
nas mãos, nos dão as PANELAS¶.

Não esqueço o dia que o Pinta Silgo da Patrulha Coruja chegou correndo na casa do Jaci Cata Prego, Monitor da patrulha e disse para ele: - Monitor! Monitor! Acabou o suplicio. – Porque respondeu Jaci Cata Prego – Elas estão sendo aceitas. – Elas quem? As meninas Monitor, as meninas. Agora a função é delas, afinal sempre foi. Não é a mamãe, a titia a vovô quem lavam? Melhor que elas comecem agora desde cedo para aprender! Bem nem todas as patrulhas e patrulheiros são revoltados em lavar panelas. Eu mesmo em cursos Escoteiros sorria azedamente quando lavava panelas só para demonstrar meu espírito Escoteiro. Putz! Que idiotice! Mas pense bem, se você é menino e entrou em uma patrulha, viu que as panelas eram poucas logo pediu a sua mãe para doar uma. Qual ela vai escolher? Claro, as amassadas, as mais negras e as mais sebentas. Elas existem em sua casa? Em principio você nunca prestou atenção, mas cuidado quando pedir uma doação.

¶Chega à chefia no meio dia,
para inspecionar, PANELAS.

E os escoteiros respondem fagueiros,
não existem mais, PANELAS¶.

Sei que existem exceções. Conheci um grupo que de tão podre de rico levava senhoras contratadas para lavar as panelas. Quem pode, pode quem não pode se sacode! E tem aqueles que lutaram para arrumar um dinheirinho e compraram aqueles famosos conjuntos de panelas. Uma cabia dentro da outra. Beleza. Mas no segundo acampamento não se encaixavam mais. Que houve? – Ficaram amaçadas, pretas, sebentas e puxa vida agora eram sucatas! Rsrtrs. Bem falando em exceções encontrei patrulhas excelentes, com panelas brilhando e fazia gosto fazer a inspeção na sua intendência. Eram poucas é verdade. Observando quase todos da mesma idade, com o mesmo conhecimento técnico Escoteiro, cada um mais experiente que o outro, enfim patrulha que sempre pensamos em ter em

nossos grupos. Como ali só havia mateiros sabidos, ou todos lavavam juntos ou ninguém lavava nada. E sem essa do Monitor mandar e ficar numa boa.

¶Lá o carvão e a fumaça, põe. . .

Estou sabendo que no escotismo moderno isto não vai mais existir. Agora é pedir uma “quentinha” e elas chegam rapidamente. Um bifeinho, um arrozinho, um feijãozinho, um tomatinho e dois pedacinhos de batata frita e pronto. Dizem que será lei e que breve estará nas páginas do POR. Afinal se muitos sonham com as barracas existentes na nave Enterprise que os Escoteiros do futuro usam porque lavar panelas? Veja o que existe na nave NCC-1701-D a mais moderna: - Aperta-se um botão e lá está ela a barraca armada. Dentro cama de casal, geladeira, TV por assinatura, Kit completo de chuveiros e banheiros. Telefone, interfone, vídeo game, Tablet e smart fone, o que mais você vai querer? Lavar panelas? Putz Chefe, nem morto, nem morto. Afinal agora temos uma vestimenta ultramoderna e o senhor quer nos levar aos tempos da caverna?

¶Lá o carvão e a fumaça,
põe tizna no caldeirão.
Dentro se é macarrão,
fica um grude que não sai não¶.

A Canção da Despedida.

Diga-me quem não a conhece? Quem nunca se emocionou a ponto de chorar quando a cantou pela primeira vez? Impossível dizer que existe alguém assim. Não importa a idade, a cor, a crença, a religião. A Canção da Despedida marca. Ela entra na gente e nos faz tremer de emoção. Ela é incrível quando cantada em volta do fogo, olhos dormentes a entorpecer o corpo, mãos firmes entrelaçadas, um círculo perdido em sonhos de nunca

mais perder as esperanças. Ah! Quantas esperanças de nos tornar a ver. Nesta hora não dá para olhar o amigo do lado. Os olhos estão marejados de lágrimas. Seria tristeza? Seria alegria? Difícil explicar. “Os antigos conhecidos deveriam ser esquecidos e nunca lembrados”? Diz sua letra original. Nunca poderiam dizer. “Pelos velhos tempos, nunca vamos esquecer um dos outros. Iremos correr as colinas, colher as margaridas, mas já vamos a tantos lugares e estamos cansados, vamos ainda recordar os velhos tempos”? É... A letra original é bem diferente da nossa.

Bendito Robert Burns que escreveu a letra. Das terras da Escócia alcançou o mundo e Guy Lombardo criou a música. Deus do céu! O mundo mudou depois desta linda canção. Tornou-se tradição nas comemorações de ano novo em centenas de países. Seu nome em Inglês é Auld Lang Syne. Dizem que significa Velho longo, uma vez que, ou outros dizem que seria muito tempo atrás, dias de muito tempo, pelos velhos tempos ou quem sabe para os bons e velhos tempos. De uma coisa eu sei, ela sempre que nos vem à mente nos emociona mesmo nos longínquos tempos. Quando surgiu no passado já significava que era importante lembrar amizades de hoje e de ontem. Nós mantemos a tradição de cantar sempre nos Fogos de Conselho, em nossos encontros Escoteiros, em atividades mil. Ela virou uma tradição também em outras partes do mundo. Pelos velhos e bons tempos que vivemos neste mundo! E melhor ainda, pois nunca iremos perder a esperança de nos ver novamente!

Cada um de nós tem uma história para contar. Uma história que esta canção faz parte da vida, da história Escoteira e que quem sabe de tão linda poderia ser escrita no livro da vida de cada um Badeniano. Poderia dizer que a vida escoteira se tornaria sem sentido sem ela. Esquecer que não é mais que um até logo? É um breve adeus meu amigo, você sabe haverá outros dias e junto ao fogo vamos de novo nos ver e nos encontrar. A Canção da Despedida marca. Ela entra em nós como se fosse um novo mundo para vivermos. Temos mil canções, mas esta é especial. Nunca descobri quem foi que fez a letra para os Escoteiros e esteja onde estiver ele estava iluminado pela maravilhosa letra que escreveu. “Com as mãos entrelaçadas, ao redor do calor, formemos esta noite um círculo de amor” Maravilhoso! Espetacular! Incrível a emoção quando se canta apertando as mãos dos companheiros que estão junto a nós e olhando o crepitar da fogueira, das fagulhas se perdendo no céu.

Ah! Meus fogos de Conselho. Lembranças que não se apagam. A gente ali, com muitos amigos em volta, o fogo crepitando, quem sabe alguma tocha vermelha iluminando ao redor. A escoteirada gargalhando, apresentações lindas, Do Rei da Macedônia, do Professor Pardal e do

Serafim – Aquele que fica assim! Demais, demais mesmo. As palmas se desdobrando, são tantas. Adorava a do peixinho, do trem, do sapo falante da batida no corpo, da mexicana, e claro da nossa mais famosa palma Escoteira. À noite alta, o fogo terminando, a gente olha para o céu estrelado e pensa que não tem mais nada tão lindo para viver. É uma hora de plena felicidade. Todos esperam ansiosa a última apresentação. De todos. Agora é hora de entrelaçar as mãos. Sentir o calor do seu amigo ou da amiga, ver seu sorriso, olhar nos seus olhos e ver a esperança nascendo, pois ele assim como os outros sabem que a Canção da Despedida marca, hora de chorar? Para alguns não dá para evitar. Melhor é deixar as lágrimas rolarem pela face, e dizer – É de alegrias seu moço!

A Canção da Despedida seja aonde for é um espetáculo a parte. Cantar e deixar-se levar pela brisa, pelo vento, é um encantamento. Agora é deixar as lágrimas rolarem, elas fazem parte de você agora e você sabe isto acontece com todos. À cada estrofe olhamos para o céu estrelado e pensamos quão pequenos somos neste imenso universo. Mas ali, com as mãos entrelaçadas e junto aos amigos Escoteiros temos uma força enorme. Elevamos nosso pensamento ao criador para agradecer o que estamos recebendo. Uma força incomum nos move como a dizer que nunca haverá um adeus, sabemos que sempre haverá a realização de um sonho, um sonho Escoteiro, um sonho que fica marcado para sempre em nossos corações. E finalmente já com a mente posta um no outro, onde podemos dizer que somos irmãos para sempre, e finalmente agradecer a ele, pois nos trouxe a alegria de viver e conhecer que a felicidade está ali, junto a nós, entrando devagar em nossos corações.

Pois o Senhor que nos protege
E nos vai abençoar
Um dia certamente
Vai de novo nos juntar.

A canção que fiz para ela, o vento levou.

Nunca pensei que você me deixaria desse jeito, sem dormir direito. Imaginei que fosse um passatempo qualquer, uma aventura de amor, mas meu coração me enganou.

E agora meu mundo é seu mundo, seu corpo em meu corpo é um só, é um sentimento maior. Eu te amo como nunca amei ninguém, te quero como nunca quis um dia alguém, você mudou a minha história.

Todo dia, a todo o momento estás presente no meu pensamento, perco a noção do tempo só por causa de você. Amo-te muito.

Eu tive dois amores na vida. Amei quem não devia amar e amei por sentir por dentro a alegria de ser, de pertencer e viver junto a amigos que me faziam feliz. Ser Escoteiro sempre foi meu sonho, não aquele sonho que a brisa leva, e um dia volta com o vento. Era um escotismo gostoso, franco, amigo, sincero e leal. Mesmo com a adversidade de ela ter aparecido em minha vida nunca reclamei aos meus amigos, das noites gostosas e mal dormidas e das refeições enfumaçadas dos maravilhosos acampamentos. Poderia dizer que o escotismo foi mais que um sonho, nele eu era como o vento e podia voar, voei pelos campos, pelas montanhas, voei a noite pelas estrelas e vivendo as maravilhas de cada lugar. Antes que ela aparecesse na minha vida, eu tinha outro amor, gostava de cantar. Diziam que eu tinha uma bela voz, e mesmo arranhando o velho violão que meu pai me presenteou eu conseguia nos fogos de conselho, nas noites maravilhosas de uma conversa ao pé do fogo, cantar para meus irmãos de patrulha, de outras patrulhas e eles adoravam.

Podia dizer que nos meus catorzes anos eu tinha tudo que um jovem Escoteiro poderia ter. A felicidade de um pai e mãe queridos, uma escola onde todos me amavam, uma patrulha que nos considerávamos irmãos. Todos sorriam para mim e eu valorizava aquele sorriso. Não era o melhor, mas também não era o pior. Tudo na minha vida era só felicidade até o dia que ela apareceu. Impossível alguém sentir o que eu senti, era apenas um Escoteiro Primeira Classe no alto dos meus catorze anos. Dizem que meninos não amam, não sabem o que é uma paixão, não sente no corpo o calor de quem ama, não tem ainda mente formada para sonhar sonhos de amor. Foi em um sábado de reunião que ela chegou. A primeira Escoteira da Patrulha Leão. Todos ficaram boquiabertos com seu sorriso, com sua voz, com sua beleza e sua maneira de jogar os cabelos compridos para trás e sorrir. Nossa primeira Escoteira e meu primeiro e único amor.

À noite na varanda da minha morada, não toquei no violão. Na varanda deitado na rede do meu pai eu olhava para o céu e pensava: Quem é você? Será alguém que nunca vi e que apareceu na minha vida assim do nada? Você que um dia levou meus sentimentos como se tudo o que tivesse guardado na vida fosse meus sábados Escoteiros e solitários depois que você chegou? Custei para dormir. Minha mãe lá pelas tantas quase me carregou no colo até meu quarto onde consegui dormir. – Escoteiros! – o Chefe dizia – Esta jovem é Lisabel, será a primeira Escoteira da tropa. Teremos muitas outras! Ninguém falou nada, só Josué que me cutucou e disse: - Sabe Richard, ela não trará a felicidade para ninguém. Josué era um visionário. Ela não ficou muito tempo. Três anos talvez? No primeiro ano eu fazia planos, planos incríveis de me apresentar. Apresentar como? Ela me conhecia, sabia meu nome, sorria para mim com aquele estilo maroto como a dizer que nem amizade lhe interessava.

Nos acampamentos eu não era mais o mesmo. Ajudava a patrulha sim, mas sempre a pensar e sonhar com ela. Sua voz gritava para mim com um grito o seu nome ao vento. Lisabel! E meu pensamento queria encontrar seu olhar no ar, ver seus olhos da cor da noite perdidos no luar. Eu fiz uma canção para ela. Demorou. Fechava os olhos e pedia um favor à brisa da madrugada, leve tudo que for necessário, ando cansado sem saber o que dizer, eu preciso mudar e daqui para frente vou levar apenas o que couber no meu bolso e no meu coração. Na melodia eu pedia ao vento que varresse tudo para longe... Sentava-me no alto da montanha, pois eu sabia que lá ventava forte. Sábio é o mar que nas idas e vindas sabe ser imensidão.

Lisabel partiu do Grupo Escoteiro e da cidade. Foram quase cinco anos três no escotismo e dois olhando de longe sua janela da casa onde morava. Não me entreguei como um Escoteiro apaixonado. Minha vida continuou mesmo depois que fui feito gerente do Banco da cidade. Só pensava nela. O escotismo que um dia completou fases da minha vida já não era mais o mesmo. Não parti, não deixei para trás minhas raízes Escoteiras. Todas as noites pegava meu violão e na varanda do meu lar eu cantava a canção que fiz para ela. Eu ouvia o vento e ele me ouvia. Ele dançava no meu corpo, flutuava como uma pluma. Voava até o topo da árvore e quando batia o vento, caía novamente. Rotina de sempre, todos os dias o mesmo percurso. Eu me acostumei com a forma que o vento me consolava, dava vontade de voltar todos os dias, mesmo sabendo que meu destino era grama fresca.

O tempo e o vento. Palavras que fizeram sonhos, livros históricos, e que me fazia viver sem rumo sem pensar. Cada ano era uma lembrança. Aquilo era uma doença em minha mente. Ela tinha partido, nunca mais ia

voltar e porque não esquecer? Trinta anos, quarenta, sessenta. Ainda no Grupo Escoteiro. Não casei, não amei mais ninguém. Agora amava o escotismo e ela onde estivesse. Na minha canção eu escrevi – Se não era para ficar, para que você apareceu na minha vida? Bobagem. Canção que não cantei para ninguém. Devia ter dito para ela mesmo de longe e sussurrando – Lisabel, você apareceu na vida, como amiga foi chegando, de mansinho ganhou minha confiança e logo ganhou o meu coração... Mas ela partiu para sempre.

A ideia não foi minha. Foi do Chefe Pascoal. Levar um pouco de amor e carinho em uma casa de repouso de idosos. Uma boa ideia eu achei, pois já me considerava um idoso. Quem sabe a melhor ideia que não foi minha. Meu Deus! Que surpresa! Ela estava lá. Acabrunhada, cabelos brancos, sorriso perdido no tempo. Não reconheceu ninguém. Nem se lembrou dos seus velhos tempos de Escoteira. Cheguei de mansinho. Acariciei seus cabelos, ela levantou os olhos sorriu e nada disse. Meu amor que nunca tinha esquecido agora estava ali na minha frente. Velha, alquebrada, doente. Mas eu só via a Lisabel do passado. – Perguntei na secretaria quem era responsável por ela. Ninguém disse a enfermeira. Tomei uma resolução, ia cuidar dela para toda a vida. Custou muito à papelada ser aprovada. Eu já cuidava de minha mãe acamada e agora tinha Lisabel para cuidar.

Ela as noites de luar sentava comigo na varanda e eu cantava para ela. De olhos fechados não sabia se ela entendia a canção, se a melodia entrava em sua mente ou se apenas sentia a brisa da noite e o vento passar. De vez em quando ela me olhava com seus olhos miúdos, deixava uma lágrima rolar pelo rosto, eu chorava por dentro e não parava de cantar: - “Quando você apareceu na minha vida, eu era apenas um alguém sem saber aonde ir, o tempo passou, e você tomou meu coração”. - Sei que um dia ela vai partir. Sei que um dia eu poderei ir também. Mas confesso que agora era feliz. Lisabel estava ali, junto a mim e mesmo sem dizer que me amava me fazia o Escoteiro mais feliz do mundo!

O amor deveria perdoar todos os pecados, menos um pecado contra o amor.

O amor verdadeiro deveria ter perdão para todas as vidas, menos para as vidas sem amor.

Maneco Cozinheiro, o Escoteiro azarado e trapalhão.

A patrulha não sabia mais o que fazer. Maneco tinha um sorriso encantador, mas era um perfeito azarado e porque não dizer desastrado. Lilico o Monitor tentou e tentou e nada. Deu conselhos, ficou ao lado dele mas parecia que o azar o perseguia. - Chefe! Não dá mais. Se ele continuar na patrulha não ganhamos uma. Ontem mesmo quando o senhor deixou que o chamássemos para o cerimonial ele deu um belo sorriso e depois aprontou aquela. “Aquela” foi um “pum” que de tão alto fez todos gargalharem na ferradura. O Chefe Luiz pensou e pensou. Não era a primeira vez. Maneco cozinheiro além de aprontar sem querer era mesmo um azarado. A patrulha quando ele entrou se divertia com ele. No primeiro acampamento lá foi ele para o “Miguel” e em vez de ter folhas preparadas pegou logo um punhado de urtigas. Deus do céu! Ele gritou feito um louco e por toda a noite não dormiu e não deixou ninguém dormir.

Aos poucos Maneco cozinheiro foi se integrando a patrulha, mas sempre aprontando. Por sorte ou azar o colocaram como bombeiro/aguador e ele se achava o máximo. Contava para todos que seria o futuro Monitor, pois seu cargo atual na escala hierárquica o próximo cozinheiro seria ele. Todos sabiam que se isto acontece à patrulha ia para o brejo. Maneco Cozinheiro nem sorte tinha. Sua mochila nas marchas de estrada mesmo levando quase nada quebrava sempre as alças. Lá estavam todos para ajudar a costurar. Quando o Comissário Fugimoto compareceu em um acampamento aceitou o convite de sua patrulha para almoçar. Todos assustados sabiam que Maneco ia aprontar e não deu outra. Todos sentaram nos bancos em volta de mesa e quando ele foi sentar apoiou na mesa e ela veio abaixo. Os pratos esparramados com o almoço pelo chão. Não havia repetição e as demais patrulhas dividiram com eles. Fazer o que? O próprio comissário Fugimoto riu a valer e achou que isto acontece com todo mundo. Ele não conhecia Maneco Cozinheiro.

Pintassilgo era o cozinheiro. Batuta, um grande cara e um excelente cozinheiro. Fazia milagres com pouca coisa. Saía pelos campos e voltava com um bernal cheio. Sorria e dizia – Comida para dois dias! Ele salvava a patrulha no campo. Podiam perder jogos, inspeção, podiam

perder em tudo, mas na cozinha Pintassilgo dava show. Um dia chegou chorando na sede. – Turma, minha mãe vai para a capital, ela quer achar meu pai que sumiu! Careca o sub não acreditou. Perder Pintassilgo e ganhar Maneco Cozinheiro? Que bela troca! Mas não teve jeito, uma semana depois Pintassilgo despediu de todos e foi embora. Jurou que um dia voltaria. Deste que Pintassilgo deu a notícia que Maneco Cozinheiro sorria de orelha em orelha. Fizeram um Conselho de Patrulha. Ele tinha de participar também. Discutiram, discutiram e não teve jeito, Maneco Cozinheiro foi empossado. O mundo desabou em cima dos Corujas. Agora estavam perdidos em tudo.

No primeiro acampamento os patrulheiros choraram. O arroz queimado. O feijão duro, o bife sem tostar e sangrando. Batatas fritas? Só na terra dele. Perna Curta o Monitor procurou o Chefe – Não dá Chefe, ou mude ele de patrulha ou a nossa não vai ficar ninguém. Chefe Pascoal não sabia o que fazer. Já sabia das aventuras de Maneco cozinheiro e suas trapalhadas. Sempre achou que o tempo iria ajudar e ele ia se incorporar a patrulha. No final de acampamento todos viraram as costas para Maneco Cozinheiro. Ele foi para a casa chorando. Sabia que fez tudo errado, devia ter pedido a sua mãe para ensiná-lo e não fez isto. Achou que olhando Pintassilgo bastava. Pensou em sair do escotismo, quem sabe seria melhor para todos?

No sábado seguinte voltou à sede e na bandeira pediu a palavra - Chorando disse que estava saindo do escotismo. A patrulha sorriu os demais disseram baixinho – Graças a Deus. E não é que o Chefe Pascoal tomou as dores dele e não o deixou sair? Devia ter deixado, pois o mastro da bandeira se partiu e caiu na cabeça do Chefe! Bem feito disseram todos. Todos sabiam que ele o Maneco Cozinheiro era mais azarado que Chico Feliz. O danado não era Escoteiro, fez um jogo na sena ganhou e cadê o jogo? Sumiu! Todos seus amigos sabiam dos números que ele jogava, mas não adiantou. A Caixa não pagou. O Chefe Pascoal chamou os monitores. Explicou sua atitude que mesmo razoável não convenceu. Maneco Cozinheiro sabia que todos eram contra ele. Sabia que eles estavam certos. Foi para a casa e passou cinco dias lá trancado no seu quarto pensando.

Mandou um recado para a patrulha e o Chefe. – Preciso de uma licença de sessenta dias! Todos aceitaram pulando de alegria menos o Chefe. No tempo determinado Maneco Cozinheiro retornou. Quem o visse não acreditava. Cabelos longos presos por um elástico tipo rabo de cavalo. Porte de atleta, muito bem uniformizado e sempre sério, quase não sorria. A patrulha sentiu força nele. No acampamento deu o maior show. Fez um arroz de forno (ele mesmo construiu) um feijão tropeiro e as batatinhas fritas eram demais. As demais patrulhas ficaram estupefatas. À noite na conversa ao pé do fogo o Monitor Perna Curta insistiu com ele que contasse o que

aconteceu. Maneco Cozinheiro sorriu. – Meu Monitor um milagre. Como ele aconteceu fica somente entre Deus e eu. – Todos riram e bateram palmas para Maneco cozinheiro. A Patrulha Coruja nunca mais foi à mesma. Ganhava tudo, era a melhor sempre. E a comida? Nota dez!

Maneco Cozinheiro nunca contou que procurou o Professor Sabe Tudo. Abriu-se com ele. Ele sorriu. Ficaram juntos por dois meses e ele ensinou tudo que sabia sobre como conquistar as pessoas. Fez questão que seu Filho um famoso cozinheiro que fez curso na França lhe desse umas aulas. O resto sua mãe terminou. Em casa desenhou fogões, fornos, tipos de fogos e ficou bamba treinando no seu quintal. São coisas que só aqueles que acreditam em mudar acontece. Ninguém é só aquilo que outros veem. Em cada um de nós existe outro eu. Maneco descobriu o seu. Há cinco anos folheando uma revista enquanto esperava minha vez no dentista, vi uma foto que me chamou atenção. Era Maneco Cozinheiro em um concurso de cozinha em Paris. Tirou o primeiro lugar. De um cozinheiro Escoteiro para um cozinheiro internacional. Como dizem por aí? – São coisas de Escoteiros!

Longo é o caminho para ser feliz.

“Nunca esqueci Santillana del Mar. Minha mente e minha alma recordam sempre da minha casa, da minha rua, do hotel e seu bar com pedras. Minha mãe dizia que era um lugar bucólico e que tudo ali era como antigamente.

“Mas meus sonhos sempre me levam de volta a minha cidade que tanto amei”.

Eu estava com onze anos quando meus pais morreram de maneira trágica. Nunca me contaram porque eles estavam naquele ônibus maldito. O que iam fazer em Zaragoza ninguém nunca me disse. Um pavoroso desastre provocado por uma explosão de uma bomba levou para sempre quem eu

sempre amei e respeitei. Completava oito anos quando tudo aconteceu. Todos tentaram esconder de mim todo o trágico acontecimento. Lembro que chorei muito e não sei por que daí em diante nunca mais sorri. Ainda não sabia o que era viver, deixar de viver ou sumir para sempre. Acharam para meu próprio bem que não deveria mais morar ali em Santillana Del Mar. Encontraram uma tia minha que morava no Rio de Janeiro. Nem condições financeiras ela teve para ir me buscar. O “Cuerpo Nacional de Policía” me embarcou um mês depois no “Aeroporto de Barajas” numa tarde cinzenta e olhe, nunca viajei em um avião e mesmo com a atenção das “Aeromoças”, lindas educadas, impecáveis em seus uniformes nem isto conseguiu me fazer sorrir. Ao meu lado uma senhora de idade, de nome Ana Lucia conversou comigo em toda a viagem. Eu escutava nada dizia. Meus pensamentos eram sombrios e nada fazia para esquecer meu pai Lorenzo e minha mamãe Luna.

O avião taxiou em Cumbica, e eu nem prestava atenção a nada. Minha tia me esperava no saguão de espera. Abraçou-me beijou e disse: Bem vinda a São Paulo Polliana. Nada mais disse. Pegou minha pequena sacola de roupas e fomos juntas para minha nova morada. Ela não tinha carro e pegamos um ônibus até o centro onde fomos para o Bairro Bom Jardim onde ela morava. Quer saber? A cidade não me chamou a atenção, nada chamava. Minha mente de sete anos estava presa a minha linda Santillana Del Mar. Meu pai e minha mãe estavam presentes a cada instante e eu sempre me lembrava de sua voz seu jeito de sorrir e minha mãe? Ah! Quantas saudades. Não posso negar que Lavinia minha tia fazia tudo por mim. Mas quando as noites chegavam eu ia para o meu quarto, deitava, começava a pensar e as lágrimas apareciam. Saudades, ah! Meu Deus quantas saudades.

Ia para a escola todos os dias. Aprendi fácil o português e acho que todos me entendiam. Não me enturmei com ninguém. Dona Laurita a professora era simpática e sorria sempre para mim. Um dia me perguntou por que eu não sorria e eu nada disse. Não tinha o que dizer. Não ia contar minha história a uma estranha. Foi numa quinta feira que durante a aula Dona Laurita pediu a atenção de todos. Entram dois jovens pouco mais velhos que eu. Ele e ela portavam lindos uniformes de cor caqui, um chapéu enorme que logo colocaram sobre o coração. Um lenço Verde e Branco que lhes dava um aspecto de gravata. Não sabia quem eram eles. Foi Dona Laurita que os apresentou – Joel e Larissa. Eles são Escoteiros do Grupo São Romão. Vieram aqui hoje para dar um testemunho. Irão lhe explicar o que é escotismo e dizer que hoje 23 de abril é o dia deles.

Larissa era simpática, um sorriso lindo, falava com voz de anjo e pela primeira vez eu prestei atenção. Convidaram seis alunos para uma brincadeira. Chamavam de Serafim. Todos ficaram um ao lado do outro esbarrando ombros, e Joel com cara feia gritava ao primeiro: - Você conhece o Serafim? E ele dizia - Não. Respondia o Joel - aquele que fica assim e fazia uma careta. O primeiro repetia para o segundo que repetia para o terceiro até o último. Primeira cara feia, depois torto para a esquerda, depois meio abaixado e por ultimo Joel sorrindo dizia - aquele que faz assim! Dava um empurrão no primeiro e a fila caía toda no chão. A classe explodiu de tanto rir. Eu queria rir, tentava, fazia força, mas nada. Não consegui. Larissa viu que eu não sorria. Dirigiu-se até a mim e me convidou para ser uma delas. Olhei para aquela menina mais velha que eu e pensei - Porque não?

Tia Lavinia foi comigo em um sábado. Era lindo tudo aquilo. Um deles jurou a bandeira, colocaram nele um lenço e fui apresentada a todos na ferradura. Não me senti importante e nem pensei que minha vida ia mudar, mas como mudou e como mudou! Durante cinco meses permaneci com sempre fora. Olhava as pessoas, os meninos e as meninas Escoteiras, aprendi a dar um abraço, a dar um aperto de mão esquerda e a fazer o sinal Escoteiro e a continuar sem sorrir. No primeiro acampamento estranhei muito. Dormir em uma barraca, fazer pioneirias, comer uma péssima comida (depois acostumei). Que saudades de uma Paella ou de uma Tortilha de Patatas que minha mãe fazia. Mas isto era passado. No segundo dia Larissa a Monitora me convidou a dar um passeio com ela no bosque. De mãos dadas fomos a passear próximo ao lago e ela só apontou um lindo cisne que navegava calmamente sobre as águas. Já era tarde e o por do sol jogava raios vermelhos sobre o lago fazendo um belo espetáculo da natureza.

Levantamos subimos uma pequena trilha e ela me mostrou a lua nascendo atrás de um arvoredo. Lindo, a coisa mais linda que tinha visto. Durante muito tempo nada falamos. Ela baixinho começou a declamar: - Um rastro de lua, na rua de rastros, depois que a chuva parou! Olhei para ela espantada e ela sorriu. Olhou-me no fundo dos olhos e disse: - É fácil apagar nossos rastros, sejam bons ou maus, mas a consciência está sempre de prontidão nos cobrando. Difícil mesmo é caminhar sem pisar no chão da realidade. Voltamos ao campo de patrulha e eu pensava nas suas palavras. Comecei a ver que minha vida não era uma redoma de vidro onde eu me prendia para não sair mais. Se Larissa pensava que eu estava presa ao passado ela estava certa. Nos dois últimos dias me soltei mais. Na penúltima noite estávamos todas em volta do fogo em frente a minha barraca e alguém começou a cantar a Árvore da Montanha, depois cantamos A Santa Catarina

e quando alguém com uma voz doce e suave começou a cantar Adeus Montes e Vales Queridos eu comecei a chorar.

Desta vez não chorava pelo meu passado. Chorava porque aquela música tocou meu coração. Lembrei sim de Papai e Mamãe e em meu pensamento eu os agradei por ter feito de mim o que era. Não podia mais ficar com o coração partido. Eu não queria mais correr sem saber aonde ir, eu queria sorrir na certeza que a minha dor se foi para sempre. Eu iria chorar com certeza, pois a vida é assim, dia de sol dia de chuva. Minhas amigas de patrulha me olharam embevecidas. Sorriram para mim e eu sorri para elas. O céu cheio de estrela me apontou uma lá ao longe que seria minha guia para sempre. Cantei com elas a última canção da noite – Em silêncio acampamento, este canto vinde e ouvir, são fagulhas da fogueira que nos dizem, Escoteiros a Servir! Amo mesmo ser Escoteira. O escotismo me mudou e fez de mim uma nova pessoa. Obrigado meu Deus!

Maninho virou homem e vai acampar!

Ninguém acreditava, todos pensaram que era uma história da carochinha, afinal Maninho com onze anos tinha aparência de cinco. Raquítico, pequeno ele nunca brilhou como tendo uma saúde de ferro. Todos que olhavam para ele morriam de pena. – Não vai durar muito dona Laura – É acho que não dura não. Assim falavam suas vizinhas quando a ambulância após suas crises o trazia de volta a sua casa. Dona Tereza sua mãe era incansável. Nunca reclamou do trabalho que Maninho dava. Dia e noite ao lado dele, fazendo tudo que os médicos pediam, correndo em farmácias atrás de caros remédios e sem um tostão para pagar. Muitos ajudavam outros diziam – É problema do estado! E assim ano após ano ela penou para que Maninho sarasse – Impossível Dona Tereza, dizia o Doutor José. Eu já disse a senhora. Maninho tem Esclerose Lateral Amiotrófica, a senhora sabe, é uma doença devastadora. Se ele viver até os dez anos o que acho impossível é porque um milagre aconteceu. Mas Maninho passou dos dez e agora estava com onze anos.

Muitos achavam que Deus devia levar aquele menino que aqui na terra só penava e dava um trabalhão enorme. Maninho dificilmente dava um sorriso, ele andava com extrema dificuldade e precisava da ajuda da mãe. Adorava ir ao parque próximo a sua casa e ver a meninada correndo, brincando no pula-pula, nas gangorras e descendo a toda no escorregador. Ele nunca soube o que era isto, pois nunca podia brincar como os outros. Um dia sem a mãe perceber, pois estava a conversar com uma amiga ele foi claudicando até a gangorra. Sentou com dificuldade. Outro menino da sua idade o ajudou – Deixa que vou empurrá-lo. Maninho sorria, o vento no balanço batendo no seu rosto era estupendo. Ele vibrava com o balançar para lá e para cá sublime. Só sentiu o baque quando caiu na areia de frente. Desmaiou e acordou no pronto socorro, como sempre tomando soro e com aquela horrível máscara no nariz. O corpo doía horrivelmente. Maninho chorou. Ele ainda não sabia pedir a Deus pela sua recuperação. Sua mãe rezava por ele.

A aposentadoria que Dona Tereza recebia ia quase toda nas despesas de remédios com Maninho. O Pastor Joel muito amigo da família estava sempre lá rezando por ele e pedindo a Deus que fizesse dele um menino normal. De vez em quando ele sentava na cama, pedia água e se podia comer um pedacinho de chocolate. Água sim, chocolate não. Um benemérito doou uma cadeira de rodas para Maninho. Ele a sua moda sorriu e agradeceu. Andar estava muito difícil. Agora ele podia andar pelas estreitas calçadas do parque, explorar lugares nunca visitados e sentir a brisa quando corria um pouco mais na sua cadeira de rodas. Maninho estava parado olhando um pardal no galho da Aroeira. Era lindo. Cantava e pulava em outro galho. Maninho com lágrimas nos olhos pensou porque ele não era um pardal? Podia voar cantar ir para lindos lugares e explorar a montanha que ele avistava ao longe de sua cidade.

Maninho avistou algum impossível. Vários meninos da idade dele com um lindo uniforme, brincando com cordas, levantando bandeiras, cantando e fazendo uma anarquia enorme quando ganhavam algum jogo. Ele ficou boquiaberto. Agora sim estava revoltado com sua vida. - Porque eu não sou como eles mamãe? Dona Tereza não sabia o que dizer. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Um menino de uniforme segurou sua mão. – Vamos você vai brincar conosco – Ele não pode andar, disse Dona Tereza. – Senhora, nós vamos jogar o Kim no espaço. Garanto que ele vai ganhar de todo mundo. Quer saber? Eu mesmo fiquei pasmado com a alegria de Maninho. Ganhou todos os jogos do Kim que o Chefe fez. Foi ovacionado, abraçado e sua alegria era tanta que ele chorava. O Chefe o pegou no colo e gritou – Viva o novo Escoteiro da tropa Avante! – Eu? Eu não posso andar! Nunca vou ser Escoteiro. E lá foi ele para sua casa triste e acabrunhado.

Na outra semana alguém bateu na porta da sua casa. Ele estava tomando soro e sua respiração difícil. Entrou em seu quarto uma patrulha de escoteiros. – Não posso andar e não posso sair. – Vamos Maninho, o Chefe disse que você é um de nós. Dona Tereza sorriu e falou aos Escoteiros que era impossível. Senhora nosso Chefe diz sempre para nós que a sensação de bem estar, estar de bem consigo mesmo é um grande remédio. Maninho precisa sair ver o mundo e aprender a controlar sua própria vida. Ele precisa saber que sua vida é resultado do que ele fizer e assim não se sentirá refém do mundo. Mesmo assim dona Tereza não deixou que eles levassem seu filho. Ela era mais pragmática. Não podia dourar a realidade. Milagres acontecem, mas ele doente ir aos Escoteiros era diferente. Obedientes os Escoteiros foram embora. Os olhos vermelhos de Maninho tinham as lágrimas que ele guardava quando a tristeza chegava.

Os Escoteiros eram insistentes. Duas ou três vezes por semana iam procurar Maninho. Na beira de sua cama cantavam, rezavam e jogavam jogos do Kim. Quando eles apareciam, Maninho dava um enorme sorriso. Parecia outro menino e a não ser pela sua aparecia altura e corpo pequeno ninguém diria que ele estava doente. O mundo é feito de alegrias e tristezas. Uns tem e não podem outros podem e não tem. A insistência dos Escoteiros passava as raias da boa educação. Dona Tereza resolveu dizer aos escoteiros que estavam dando falsas esperanças ao seu filho. Se até hoje ele sobreviveu foi por que ele dedicou sua vida a ele. Naquele sábado ela não pode dizer nada. Eles chegaram como sempre sorrindo e cantando e desta vez com um uniforme para Maninho. Foi demais. Nunca se viu um sorriso tão grande quando ele se olhou no espelho, deu um passo atrás e outro a frente. Com sua voz rouca fez a saudação Escoteira e disse Sempre Alerta!

Podemos leva-lo Dona Tereza? O que fazer? Maninho em pé sorria e beijava sua mãe. Seu semblante era esplêndido. Sua voz mudou. - Deixa mãezinha, deixa. Se tiver de morrer porque não com eles? Lá meu sonho vai se torna realidade, lá eu cantarei com eles, vou brincar e ser a criança que nunca fui. Vou andar com eles e se Deus me reservar que eu possa acampar e quem sabe morrer feliz? Não tinha jeito. Ela foi com ele em espírito. Foi o dia mais feliz da vida de Maninho. Contar tudo que aconteceu é impossível. Quem sabe dizer que as rosas tem o perfume perfeito, que o bosque tem o ar perfeito, que os pássaros quando cantam encantam a todos. Quem sabe dizer que a aurora era mais linda, que o por do sol mudou só para alegrar o mundo? Impossível. – Mamãe, eu vou acampar! Dona Tereza olhou para Maninho, era outro, mais robusto, mais forte, um sorriso que pagava todo amor que ela lhe deu e continuou a dar. Contar como foi o acampamento, me

desculpem, eu não vou contar. Contar como os vizinhos viam e não acreditavam também não vou contar.

Eu só posso dizer que muitos são felizes com o que são eles aprenderam a misturar o amor, o perdão e os sorrisos em um caldeirão da felicidade que se encontra no fundo do coração. Concluo que podemos conseguir a felicidade se fizermos de cada momento de nossa vida uma pequena felicidade! Quando abrimos os olhos de manhã e podemos enxergar o céu azul, as árvores floridas, ouvir os pássaros cantando, abraçar nossos entes queridos compartilhando com eles o pão de cada dia devemos dizer bem alto: obrigado, meu Deus, por mais esse dia de felicidade! Sim, a felicidade é um estado de espírito que nenhum bem material pode nos oferecer e que é alcançada somente com muita meditação, muita oração, e especialmente com a integração completa com o Pai Amor!

A árvore das folhas rosa.

Era uma visão incrível. Apareceu assim do nada. Fez-se presente para sempre em nossas vidas. Dizem por aí que só os escoteiros têm o privilegio de ver e ouvir coisas, pois eles têm o dom de enxergar de outra maneira a natureza hoje perseguida de maneira implacável pelos homens. Acredito piamente que isto é real. Estava eu em uma pequena trilha, mais quatro amigos escoteiros, todos em fila indiana, tentando cortar caminho para chegar ao Tanque dos Afogados. Desculpem, não morreu ninguém lá e nem é um tanque. Uma represa pequena, dócil, rasa, de águas cristalinas que por duas vezes ali estivemos acampando. Sempre passamos pelo caminho do Marquês mais de doze quilômetros. Não lembro quem deu a ideia de cortar caminho em um vale entre duas montanhas. Nem sempre as boas ideias prevalecem. Passava da uma da tarde. Um sol a pico e queimando. Quase quatro horas de caminhada. O suor escorrendo pelo rosto, os olhos vermelhos e o chapelão de três bicos faziam às vezes de um protetor carinhoso, mas que pouco ajudava.

Um local descampado, sem árvores, quem sabe para pasto do gado que ao longe pastava calmamente. Pensei em parar, mas sempre um animando dizia: - Vamos chegar! Vamos chegar! É só encontrar o vale das Vertentes. E esse não chegava nunca. Uma fome brava. Nem um biscoitinho

a solta. Já respirava com dificuldade quando avistei o paraíso. Uma árvore. Não uma árvore qualquer. Era enorme. Incrivelmente linda! Nunca tinha visto uma cerejeira igual. Florida, folhas e flores rosa destoando da natureza ao seu redor. Só ela, ali, imponente e ao seu lado um pequeno riacho de águas claras. Visão maravilhosa. Um oásis dos deuses do paraíso naquele campo seco. Incrivelmente maravilhosa. Molhei o rosto calmamente. A sombra da cerejeira nos dava uma sensação de calma silenciosa e gostosa. Uma brisa fresca soprava de este para oeste. Sentamos embaixo próximo ao tronco. Pés levantados. Dizem ser bom para a circulação. Dez minutos, quinze, vinte. Uma hora. Ninguém animava em partir. Estavam todos no mundo dos sonhos coloridos que só os escoteiros possuem.

A tarde chegou mansamente. O sol estava se despedindo e prometendo voltar amanhã. Vermelho atrás das montanhas verdejantes. Ainda de olhos fechados lembrei que tinha lido não sei onde – “A flor de cerejeira cai da árvore na primeira brisa mais forte, mas não dizemos que ela nunca viveu. Uma flor que só dura um dia, não é menos bonita por isso”. Não queria abrir os olhos. Não queria partir. Eu tinha encontrado o paraíso. Não disseram que o tempo é relativo? Que a flor da cerejeira, por exemplo, dura apenas uma semana e mesmo se durasse mil anos ainda seria efêmera? Flor tão bela como ela não merecia durar eternamente? E o que é eterno se não o que dura com tamanha intensidade? Dormi. Não queria acordar. Agora a cerejeira não dava mais sombra. Não precisava, a noite chegou escura, mas logo o clarão das estrelas no céu dava o seu espetáculo a parte.

Reunião de Patrulha. Partir? Cinco a zero para ficar. Um foguinho. Uma sopa, um café na brasa. Cantando baixinho a *Árvore da Montanha*. O céu estrelado ainda dando seu espetáculo maravilhoso. Um cometa passou correndo deixando um rastro brilhante. Fiz um pedido. Que a cerejeira em flor durasse para sempre! Aos poucos alguns dormiam. A cerejeira das folhas rosa era nossa barraca. O tempo passou. Ao lado algum anjo velava o sono dos escoteiros. Abri os olhos mansamente, uma réstia de luz aportava lá por trás das montanhas distantes. Era a madrugada chegando. O sol já ia nascer. O novo dia chegava sem fazer alarde. O orvalho caía de mansinho. A brisa eterna amiga não nos deixou. Um acalanto para nos dar um novo vigor no dia que chegava sem fazer ruído.

O riacho ao lado parecia cantar canções de ninar. Pequenos peixinhos nadavam como a nos dizer bom dia! Mochila as costas. Olhares e sorrisos entre nós. Escoteiros avante! Pé na estrada, pois o sol agora já estava firme no horizonte. Nosso destino? O Tanque dos Afogados. O último olhar para a árvore das folhas rosa que nos deu abrigo. E lá fomos nós, em marcha de estrada sorrindo, mas saibam que nunca mais, em tempo algum,

nós nos esquecemos da árvore das folhas rosa. Cerejeira em flor. Um amor, uma lembrança que ficou marcada para sempre!

Os anjos existem e muitas vezes não possuem asas, então passamos a chamá-los de amigos.

Nico Fulgêncio para você não existe perdão!

- Olha Senhor Nico Fulgêncio, vou ser sincero, afinal o senhor já passou dos sessenta anos e isto que o Senhor tem aqui em nossa cidade não podemos fazer nada. Um tumor tomou conta do seu cérebro e se não tratar em uma cidade grande o Senhor não terá mais que um ano de vida! – Nico Fulgêncio olhou para o doutor, franziu a testa e não disse nada. Ele se lembrava de estar sentado na Praça Santo Estevão sentiu uma tontura e nada mais lembrava. Deve ter caído e o levaram ao hospital próximo. Sorriu para o Doutor e foi embora. Há tempos ele sentia esta tontura, ela chegava e ele tinha de sentar. Agora piorou ele caía onde andava. Maria Mercês sua vizinha o olhou e perguntou o que ouve. A Ambulância o trouxera até se barraco na Rua B sem número. Ele sorriu e disse ser apenas uma tontura, nada demais.

Nico Fulgêncio era negro, magro, não sabia ler nem escrever. Trabalhou muitos anos de vigia na Fábrica de Doces e um dia o mandaram embora. Havia oito anos que estava desempregado. Não tinha muitos amigos e através deles ainda sobreviveu com a ajuda que lhe davam. Nico pensou em acabar com sua vida, mas porque faria isto? Só porque o médico disse? Nico Fulgêncio tomou uma resolução. Numa mala velha ele encontrou uma mochila que Juventino lhe deu. Velha mas que serviria para seu intento. Colocou lá as roupas que lhe restavam, uma fronha, um cobertor Velho e uma capa azul escura que ganhou quando vigia na empresa. Na despensa quase nada, mas ainda achou um pouco de arroz, feijão, tinha uma carne seca e quatro pães velhos. Embrulhou tudo e colocou na mochila. Andava

sempre com chinelo de dedo e tinha uma “alpercata” das antigas. Nem fechou a casa. – Onde vai seu Nico Fulgêncio? – Embora para a cidade grande Dona Maria Mercês. Olhe, o barraco é seu tudo que encontrar lá também. Nunca mais vou voltar!

Nico Fulgêncio colocou um boné Velho, e saiu sem se despedir de ninguém. Sem saber ele agora seria um daqueles andarilhos de beira de estrada que sempre encontramos por ai. Ninguém na cidade perguntou aonde ia. A cidade o considerava um eterno desconhecido. Quando partiu era meio dia. Pegou a Estrada para Maceió. Asfaltada. Andou a tarde toda e já noitinha parou embaixo de um pé de Pequi enorme. A barriga doía de fome. Viu que tinha arroz e feijão, mas esqueceu da panela. Comeu um bom pedaço da carne seca e um pão velho e dormiu sob as estrelas. Acordou com o sol nascendo e partiu. Donato um dia lhe disse que fora de ônibus a São Paulo e demorou quatro dias para chegar. E a pé? Ele riu, não era importante. Eram quatro da tarde quando avistou uns meninos Escoteiros brincando em volta de umas barracas. Parou e ficou olhando. Gostava do que via. Ele gostava da alegria de um sorriso e as crianças são mestres. Um carro da policia parou ao seu lado. Meteram ele lá dentro e o levaram preso. O acusaram de molestador de menores.

Nico Fulgêncio ficou preso oito dias. O delegado com muito custo foi conversar com os Escoteiros da cidade e eles disseram ter visto o andarilho, mas ele não fez mal a ninguém. O soltaram. Pelo menos ele teve duas refeições na cela. Nico Fulgêncio partiu como tinha traçado seu destino. Na saída da cidade novos Escoteiros o procuraram. Deram-lhe um saco de comida. Ele riu. – Preciso de uma pequena panela disse. Um deles pegou sua bicicleta e partiu em alta velocidade. Pouco tempo depois ele chegou com a panela. Partiram dizendo a ele Sempre Alerta! Lá foi ele estrada a fora. Andou até escurecer. Achou melhor ficar por ali. Não se sabe como surgiu uns Escoteiros maiores. Eram rapazes cantando estrada a fora. Pararam ao lado dele para descansar e lanchar. Foi convidado. A vida estava sendo boa com Nico Fulgêncio. Eles partiram e ele dormiu com a barriga cheia.

Foram quatro meses para chegar próximo a Maceió. Aprendeu a ganhar comida nas casas que encontrava a beira da estrada. Aprendeu e sofreu com o vento e a chuva e teve um dia que achou que sua hora tinha chegado. Desmaiou e acordou em um pequeno hospital. Em volta dele duas meninas e quatro meninos Escoteiros. De novo? Eles sorriram e perguntaram como estava. A enfermeira disse que foram eles que o trouxeram. Dez dias e teve alta. Os meninos Escoteiros o acompanharam até o final da cidade. De Maceió chegou a Recife. Bela cidade. Em uma rua viu a

meninada escoteira correndo para sua sede. Ele agora se achava um deles e entrou no pátio, deu Sempre Alerta e todos responderam. Os Chefes ficaram de olho. Ele contou em uma roda cheia de meninos e meninas de onde veio e para onde ia. Contou também dos meninos Escoteiros que encontrou. Não deu outra. Lá vinha uma enorme mochila cheia de víveres que eles o presentearam.

Nico Fulgêncio um ano depois chegou a Belo Horizonte. Ele sabia agora que aqueles meninos foram sua salvação até ali. Ele parecia atrair os Escoteiros, pois onde passava e andava sempre encontrava um deles. Parou próximo a Rodoviária e viu muitos deles ali esperando a hora do seu transporte. Claro que ele se apresentou e sempre era motivo de abraços e saudações. Nunca fora Escoteiro, mas admirava aqueles meninos que sempre estavam dispostos a ajudar. Pé na estrada e lá foi ele para São Paulo. Oito meses o andarilho gastou na Fernão Dias. Quando chegava a Guarulhos ele ficou estarecido. Estava escurecendo e ele viu um homem enorme atacando uma Escoteira. Ele sabia o que ele ia fazer. Soltou sua mochila e saiu correndo em cima de malfeitor. Levou um tiro nas costas e outro no ombro. Policiais que chegaram e não sabia o que estava acontecendo a não ser a Escoteira que pedia socorro.

Nico Fulgêncio foi levado ao Hospital de Guarulhos. Assustou quando viu um enorme contingente de meninos e meninas Escoteiras. Todos querendo abraçá-lo, pois sabiam do acontecido. O tiro entrou pelas costas e saiu pela frente. Nico Fulgêncio não correu risco de vida. O médico gentil que se apresentou como Chefe Escoteiro disse para ele que mais doze dias poderia ir embora – Parabéns Senhor Nico Fulgêncio, o senhor está com uma saúde de ferro! Mas Doutor! E o tumor em meu cérebro? – Que tumor senhor Nico, o senhor não tem nada. Lágrimas correram pelos olhos de Nico Fulgêncio. Quando saiu o Chefe Wantuil lhe ofereceu um emprego de vigia no Grupo Escolar onde funcionava a sede. Os meninos e as meninas Escoteiras bateram palmas e se Nico nunca teve um amigo agora ele tinha e muitos. Jovens alegres que lhe deram tudo na sua longa jornada.

A vida de Nico Fulgêncio se transformou e ele sempre quando ia para a sede nas reuniões onde ajudava em tudo que eles pediam ele se lembrou de uma canção do Padre Marcelo que dizia:

Tem anjos voando neste lugar.
No meio do povo e em cima do altar.
Subindo e descendo em todas as direções,
Não sei se a igreja subiu ou se o céu desceu

Só sei que está cheio de anjos de Deus.
Porque o próprio Deus está aqui.

Afinal Nico Fulgêncio um Velho que não morreu e viveu por muitos e muitos anos, um caminheiro de muitos mil quilômetros de estrada percorrida, teve a felicidade de ver meninos Escoteiros que sabem ajudar sem olhar a quem. E então Nico Fulgêncio na sua simplicidade sorriu, e pensou – Os anjos também são Escoteiros!

Seja um anjo para alguém, dê asas à sua vida, mostre a ele que é possível voar!

Os anjos também são escoteiros.

Ela nasceu em dezembro, dizem que foi no dia vinte e cinco não sei. Nasceu prematura com sete meses. Dona Esmeralda sorriu quando ela nasceu. Dizem também e eu não posso afirmar que no céu um clarão enorme, como se vários arcos íris cruzassem o espaço iluminando a cidade de Espera Feliz. As pessoas correram para a rua e viram lá ao longe uma estrela brilhante desaparecendo no espaço. Na maternidade ninguém sabia explicar. Rosa Maria sorria. Incrível! Seu pai quando a colocou no colo ela piscou seus olhos negros grandes, como se dissesse – sou eu, Rosa Maria. Você sabe quem eu sou! Nasceu com dois quilos e meio. Ela ficou na maternidade por duas semanas e foi liberada a ir para casa.

Foi um dia que Espera Feliz recebeu uma revoada de pássaros. Tinha canários dourados, bem-te-vis azuis da cor do céu, araras verde e amarela fazendo acrobacias no céu azul. De novo o povo saiu às ruas. Ninguém sabia o que acontecia. O Padre Rosaldo teve uma visão. Um anjo chegou a terra. Na sua cidade. Quem seria o anjo? Ele se lembrou de uma frase de Augusto dos Anjos – “A esperança não murcha, ela não cansa, também como ela não sucumbe à crença. Vão-se sonhos nas asas da descrença, voltam sonhos nas asas da esperança”. Rosa Maria cresceu como

uma jovem menina sonhadora. Não tinha forças para brincar como as outras. Na escola só fazia o bem, dizia amar a todos e ela tinha o mais lindo olhar que uma criança teria. Não era a primeira da classe e nem tinha super poderes. Mas os amigos e amigas sabiam que ela era especial.

Naquele ano, quando ela completou sete primaveras, o Grupo Escoteiro Estrela Verde foi fundado. Rosa Maria se inscreveu. Sua mãe não foi contra só preveniu os chefes sobre sua fraqueza. Na primeira excursão não quiseram que ela fosse. Iam andar muito a pé. Ela insistiu. Foi. Todos acharam muito estranho, ela parecia flutuar no ar mesmo que andando em passos largos. Todos na Patrulha amavam Rosa Maria. Mesmo a Patrulha querendo fazer tudo ela não deixava. Na sua promessa um fato significativo aconteceu. Um lindo casal de Tuiuiú, enormes, pousou no mastro da bandeira. Não era comum. Principalmente naquela região. Quando ela recebeu o distintivo, eles fizeram uma revoada e pousaram em seu ombro. Deste dia em diante uma serie de estranhos acontecimentos começaram a acontecer.

A filha de Dona Matilde tinha quatro anos e estava entre a vida e a morte. Rosa Maria indo para sua casa após a reunião, viu varias pessoas na porta. Entrou. Colocou sua mãozinha na dela e a beijou. A menina sorriu e sentou na cama. Ninguém entendia. As duas começaram a cantar e brincar de roda. A cidade ficou sabendo. Sempre alguém querendo milagres de Rosa Maria. Não houve outros. Não até ela fazer doze anos. Já Escoteira. Espera Feliz sofria uma enorme seca. O gado nas fazendas morria de sede. Os rios estavam secando. Muitos abandonavam a cidade em busca de sonhos que ali não se realizaram. Pela manhã viram Rosa Maria, uniformizada, em pé e em cima de um banco da praça, mãos abertas, olhando para o céu. Nuvens negras apareceram. Uma chuva fina começou a cair. Os rios voltaram. Os pastos ficaram verdes. Houve dezenas de casos. O

O Padre Rosaldo escreveu para o Bispo. Anjo ou Demônio? Ele se lembrou de uma frase de Michele – “Amigos são anjos que não só nos ensinam a voar como também nos mostram a hora de pousar na realidade”. Um padre de Roma chegou à cidade. Um pouco tarde. Uma tosse frenética tomou conta do corpo de Rosa Maria. Disseram que ela estava com leucemia. Ficou entre a vida e a morte por três meses. Um dia pediu sua mãe que lhe trouxessem seu uniforme. Com dificuldade o vestiu. Contra os desejos dos médicos foi à reunião. Deixaram. Seria sua ultima vontade.

Na sede todos a receberam com abraços e beijos. Ela pediu para falar no cerimonial de Bandeira. Não falou muito. Disse que ia para o céu. Lá também é lindo, lá também os anjos são escoteiros e escoteiras. Eles

acampam nas estrelas distantes. Fazem jornadas na Grande Nuvem de Magalhaes, dormem na Via Láctea e adoram passear em Andrômeda. Todos estavam em silencio. Ela tossiu um pouco e continuou. – Deus um dia muito ocupado resolveu criar anjos pra auxiliá-lo. Esses anjos chamam-se amigos. Vocês são meus amigos. Que vocês escoteiros e escoteiras cumpram sua missão. Ajudem uns aos outros. Não chorem por mim, vocês são meus amigos e amigos são como anjos sem asas. Mas que com um único sorriso nos proporcionam tamanha alegria que nos levam até o céu. Eu vou embora logo, não quero que chorem. Devem sorrir e cantar canções alegres quando eu me for. As tristes machucam.

Rosa Maria morreu numa tarde de dezembro. Dizem que foi no dia vinte e cinco de dezembro. Não sei. Morreu sorrindo. Na Necrópole da cidade, lá estavam todos. Os escoteiros e escoteiras foram dar seu último adeus. Não estavam chorando, mas seus olhos marejados de lágrimas era difícil de esconder. Cantaram varias canções. Todas alegres como ela queria. Eles lembraram-se de suas últimas palavras no Grupo Escoteiro. Quando alguém nos vê chorar é como se despencássemos de uma alta nuvem. Vocês são meus amigos. São anjos. Foram escolhidos por Deus. Devemos nos alegrar, consolar e compartilhar os momentos que criamos para nós mesmos. Amo todos vocês!

Dizem, eu não sei que aquela noite milhares de cometas passavam brilhando no espaço sideral sobre a cidade deixando um rastro colorido enorme, com cores azuis, brancas, amarelas, alaranjadas e vermelhas. Dizem também e eu não posso afirmar que o brilho das estrelas se superaram. E acho que não posso acreditar no que me disseram. Nasceu uma nova estrela no céu. Brilhante. Um brilho que quase ofuscava a lua quando aparecia. Ficou lá, no céu de Espera Feliz para sempre!

** - algumas frases são do poeta Bruno Ciquetto.

Corisco, um Chefe de coração de ouro.

- Calma Mariza, no final tudo vai dar certo! - Certo? Falou Mariza. – Desde quando você paga taxa de acampamento para treze meninos e gasta quase toda nossa sobra financeira para o mês e ainda vem dizer que vai dar certo? – Chefe Corisco por as barbas de molho apesar de não ter barba. Ele sabia que não seria fácil conseguir a quantia que gastou para as compras do mês. Mas o que ele podia fazer? Sua tropa tinha trinta meninos Escoteiros e somente dezessete pagou a taxa. Ele era daqueles que dizia – Ou vão todos ou não vai ninguém. Era o acampamento do ano, mais de trinta patrulhas presente, ele e os Escoteiros tinham muitos amigos daquelas patrulhas. – Pois é Corisco, não é a primeira vez. Antes era um ou dois agora são treze meu amor. Como vamos fazer? Naquele dia saiu mais cedo de casa para o trabalho, ele queria pensar uma solução para os dois lados. Mariza tinha razão, mas e os Escoteiros que não iriam? Ele teria condição de dizer a eles que não conseguiu?

Seguia a pé pela Rua dos Aimorés pensativo. Pensava se ia atender ao Chamado do Senhor Nacano. Ele pai de Pirlampo escoteiro da patrulha Quati e era gerente do banco do Comercio da cidade. Recebeu um recado na reunião passada que ele queria vê-lo. Sabia que ia oferecer um emprego, mas nunca quis nada que pudesse ser favorecido pelo escotismo. Ele não era rico, trabalhava com o Chefe Mosquete e nem sempre tinha trabalho. Chefe Mosquete fazia bicos, limpeza de fossas, limpeza de telhados, alguma pintura comum nas casas e assim ele ia vivendo. Queria um emprego melhor, mas ali em Pedra Azul ele nunca iria conseguir. A dúvida assaltava se ia ou não ao Banco. Pensou em ir para a capital, mas deixar a cidade que amava? Ir para um lugar que ele não conhecia para fazer o que? Ouviu alguém gritar Sempre Alerta e olhou para o outro lado da rua. Jonildo Escoteiro da Pantera indo para casa após as aulas. Chefe Corisco sorriu e respondeu. Ele sabia que a tropa tinha metade de sua vida. A outra era Marilda. Casaram-se há poucos anos ela com dezesseis e ele com vinte e um. Ele sabia que apesar de tudo ele podia contar com ela. Apesar de não ter aceitado participar diretamente no Grupo Escoteiro pelo menos aceitava e gostava dos meninos que quase todos os dias enchiam sua casa para papos que se estendiam até a noite.

Na esquina com a Rua Floriano Peixoto ele viu a patrulha Águia já uniformizada seguindo para sua boa ação da semana. Todos o cumprimentaram e seguiram em frente. Chefe Corisco sorriu. Como posso

deixar esta turma? É minha vida, minha razão de ser. Ele amava o escotismo de uma maneira tal que muitos diziam que ele não ia num bom caminho. – Tem que dosar um pouco Chefe Corisco dizia Manfredo, o Presidente do grupo – precisa pensar um pouco em você! Bom sujeito, mas muito pão duro. Como Presidente devia ver as dificuldades que estavam passando e ajudar. Chefe Corisco nunca fora Escoteiro. A cidade não tinha um grupo. Cinco anos atrás começaram um. Capengou um pouco e ele correu para entrar, mas estava com desesseis e disseram que ainda não tinham tropa sênior. Ele todos os sábados ia para a sede ver a correria, as patrulhas. Amava aquilo e dormia pensando em vestir sua calça curta, por seu lenço e seu chapéu, uma bandeira e correr para as montanhas.

Quando fez dezoito anos pediu para entrar. Poderia ajudar como assistente. Chefe Jacob olhou para ele e disse que iria pensar. Que ele voltasse na outra semana. Ele sabia que Corisco mal tinha terminado o segundo grau e não tinha emprego fixo. Chefe Corisco esperou a semana como se fosse sua última semana no mundo. Quase subiu as nuvens quando Chefe Jacob disse que ele podia entrar. Chefe Corisco prometeu a si mesmo mudar de vida, encontrar um emprego, estudar e mostrar aos Escoteiros que ele podia ser alguém e dele orgulhar. Mas não foi bem isto que aconteceu. Não arrumava emprego e nem estudou nada. A cidade não tinha escola para ele e seus pais gente humilde eram aposentados ganhando pouco menos de dois salários mínimos. Um dia Chefe Mosquete o chamou para ser seu ajudante e ele aceitou. No mês que tirou dois mil reais achou que podia casar e casou. Todos foram contra – Chefe Corisco! Você tem 21 anos e a Mariza 16! Porque não esperar? Corisco disse não. Primeiro que amava Mariza e segundo achou que casado os pais dos escoteiros o olhariam com mais respeito.

Esperou o farol abrir para atravessar a Rua Santo Ângelo. Resolveu ir ao banco. Seria indelicado não ir. Ele gostava de Pirilampo. Um Escoteiro avoadado, sorridente e que topava qualquer parada. Lembrou que no mês anterior na jornada ao Vale da Tartaruga Pirilampo quase morreu. As patrulhas andavam a vontade na estrada e por não ter movimento ele gostava que todos pudessem conversar observar a natureza, ouvir o cantar dos pássaros e descobrir pegadas. A turma adorava estas jornadas. Na curva do Cavalo Doido foi que a tragédia quase aconteceu. Dois Touros Guzerá cismaram com a escoteirada. Um deles partiu direto em cima de Pirilampo. Ele viu que se não interferisse uma tragédia ia acontecer. Tomou o bastão de Gentil e correu em cima do Touro. Enfiou a ponteira de aço no meio dos olhos do touro. Este caiu e pouco tempo depois morreu. O Senhor Nacano fez questão de pagar pelo Touro ao Fazendeiro Totonho. Ficou agradecido ao Chefe Corisco e agora o havia chamado. Ele sabia que era por causa do

acidente. Nunca achou que fez nada demais só fez o que devia fazer como um bom Escoteiro que era.

Entrou no Banco ressabiado. Estava cheio e pediu a moça para falar com o Senhor Nacano. Ele veio sorridente a abraçar o Chefe Corisco – Corisco meu amigo, você vai trabalhar aqui. Tenho uma vaga para você com excelente salário. Corisco já sabia e agora iria aceitar. Precisava do emprego e iria mostrar que era capaz não só por gratidão por ter salvado da morte o filho do Senhor Nacano. – “Todo mundo no chão”! - Alguém gritou. Um tiro para o ar e todos deitaram. Um assalto pensou Corisco. – Um bandido chegou à escopeta na testa do Senhor Nacano. – Tem cinco segundos para abrir o cofre – um, dois, três... Chefe Corisco no alto dos seus vinte e um anos, casado, sem filhos, mas que adorava o escotismo levantou de um salto, tomou a escopeta do bandido e com ela bateu em sua cabeça. O Bandido caiu e outro estampido se ouviu. Uma mancha vermelha em cima da blusa de corisco apareceu. Um tiro fatal.

A cidade em peso acorreu na cerimonia fúnebre. Uma cerimonia do Adeus. Não houve o toque do silencio e até esqueceram-se de cantar a canção da despedida. Centenas de pessoas se acotovelaram em volta da Campa simples. Marisa em pé chorava baixinho. O Senhor Nacano engasgado não sabia o que dizer. Padre Tomaz rezou o que tinha de rezar. A escoteirada chorando sem parar. A vida é assim, do nada se vive e do nada se morre. Adeus Corisco, a cidade em pouco tempo vai se esquecer de você. Você não era nada e mesmo virando um herói de nada valeu. Valeu ou não cinquenta anos depois Marisa ainda rezava todos os dias e depositava flores na última morada de Corisco. Ao levantar ele não deixava de ler o que escreveram para ele em uma placa de bronze – Escoteiro eu fui, Escoteiro eu serei até morrer!

A morte da barata.

Esta madrugada eu me levantei lá pelas três. Destino? O banheiro da minha morada. Nem bem acendo a luz e lá está ela. Quieta. Parada, finge-se de morta. Eu a olho e penso: - Mato? Sou um matador? Dizem que todos tem

o sangue de pistoleiro ao avistar uma barata. Coitada, é totalmente indefesa. Tem algumas que correm e escapam tem outras que se fingem de morta. Truque Velho já conhecido pelos matadores. A barata é o terror das mulheres. Claro para alguns homens também. Se você gritar alto – Uma barata! É um Deus nos acuda. É gente correndo para todo lado. E veja a pobre coitada. Pequena, indefesa, não morde e não sabe dar bordoadas. Ela é noctívaga. Só a noite dá as caras, pois espera que os humanos estejam dormindo. Tem aquelas que resolvem passear durante o dia, mas estão cometendo haraquiri.

Não adianta as donas de casa a deixarem um brinco. Elas as perseguidas se escondem nos canos de esgoto ou no próprio esgoto. Deus do céu! Que destino é esse? Morar no esgoto e sair para ser morta? Dizem que elas adoram uma cozinha. Restos de alimentos ou açúcar e quase não bebem água. Os estudiosos separam as famílias de barata como a americana (nunca vi, deve riquíssima e com filhos Marines), a cascuda e a voadora. Esta é demais. De vez em quando estou com a janela do meu pequeno escritório aberta e surge uma voando. Levo o maior susto. Deve ser americana da Air Force saltou de paraquedas e veio parar na minha janela. Falam ainda na barata Alemã e na australiana. Não tem a brasileira? Acho que não. Mas voltemos a nossa mente assassina. Assassina? Era apenas uma barata. Pequena coitada. Tentando se esconder e você atrás com uma metralhadora, uma bazuca e não leva um canhão porque é pesado demais.

Bem para não alongar a história da barata Escoteira... Calma não era Escoteira. Não existe uma barata usando a vestimenta. Kkkkkkk. Elas são contra totalmente contra este tipo de uniforme. Uma me disse que se fosse seria o caqui de calças curtas. Mas voltemos à barata no banheiro. Paro na porta, ela para perto do vaso. Eu olho para ela com os olhos injetados. Ela finge-se de morta. O que devo fazer? Dizem que nós Escoteiros somos bons para os animais e as plantas, mas a barata não é animal, não é pássaro e nem peixe. Dizem que é um inseto perigosíssimo. Penso, analiso, somo dois mais dois, faço uma raiz quadrada de 0,0,3285860. Ainda na dúvida se a mando para a terra dos baratos e baratas fecho os olhos. Uma pena enorme. Se contar para a Célia que a deixei viver vou ouvir o que não quero. Levanto o pé calçado com um chinelo, o levo em cima da barata. Ela imóvel não sabe que vai ser assassinada. Abaixo o pé sem dó e sem piedade. Um barulho de “trak” se fez. A barata morreu!

O último acampamento do chefe Escoteiro.

Essa história foi-me narrada por um Comissário Distrital muito meu amigo, quando o visitei em sua residência a muitos e muitos anos atrás. Era comum visitá-lo. Nos conhecíamos desde o tempo da patrulha sênior. Juntos nós fizemos belas atividades Escoteiras. No seu distrito havia um chefe Escoteiro bem antigo, bem "Velho" aliás. Ficou toda a vida em um só Grupo Escoteiro e era amado e bem considerado por todos. Deixou de frequentar por problemas de saúde. Com 82 anos claudicava, tremia, respira mal e sua voz quase não se entendia. Um dia resolveu lembrar o passado. Comprou um pequeno balão de oxigênio, que dava para seis dias, preparou um bernal para ele, de maneira a não atrapalhar o que iria fazer.

Isso mesmo. Seu último acampamento. Ele queria fazer um antes de morrer. Ria e contava para todo mundo. Ninguém acreditava. Mas ele era teimoso. Muito obstinado. Sua esposa horrorizada tentou demovê-lo da idéia. Não conseguiu. Chamou os filhos (eram três) nada obtiveram. Vieram amigos escoteiros, desistiram em pouco tempo. Chegaram à conclusão que se ele não fosse morreria ali na sua casa em poucos dias. Quem sabe bem tutorado ele podia ir? Claro os filhos sem ele saber iriam vigiá-lo de longe. Um deles era médico. Assim ficou combinado.

Chefe Zezé (como era conhecido) preparou tudo com calma. Tirou sua mochila do baú, seu uniforme, ele mesmo lavou e passou. Sua manta de fogo de conselho, seu chapéu de três bicos, ainda prensado no porta-chapéu. Colocou seu tope que comprou em 1947, seu penacho azul de dirigente (tinha o verde e amarelo de Diretor Técnico, e os demais de outras sessões, hoje não se usa mais). Engraxou sua botina de campanha, olhou seu meio com carinho, a jarreteira deixou no lugar. Não iria usar. Pediu à esposa que pregasse os seus barretes na camisa cáqui. As medalhas ele levaria consigo, mas guardadas na mochila. Seria seu troféu de campo.

Estava ainda lá sua faca escoteira, limpa e com saudades viu que ainda possuía o talco que colocou antes de embainhar. Seu facão limpo, sua machadinha pequena e lá bem escondido em um canto do baú, sua bússola

silva. Olhou tudo, viu que o cinto de couro ainda estava firme, e a fivela brilhando. Até mesmo uma bandeira nacional bem antiga ele levou. Sua mente só via o acampamento que iria fazer. Tinha de ser superior a todas as noites de acampamento que fizera. Nem mais e nem menos. Deveria marcar sua vida para sempre. Não levaria seu lenço de insígnia. Iria com o verde e amarelo quando fez a primeira promessa. Lembrou do seu primeiro acampamento de lobos (na época lobinhos acampavam), sua promessa escoteira, sua patrulha sênior, e vários amigos que junto a ele fizeram com que as matas, florestas, campinas, serras, montanhas e tantos lugares fossem incrustados para sempre na sua memória.

Disse que iria na semana seguinte. As margens do Rio da Serpente. Sozinho. Não queria companhia. Todos os filhos sabiam onde era. Já tinham ido lá com ele várias vezes. Sorriram e não disseram nada. Ele preparou tudo com carinho. Ração C para três dias. Capa leve de chuva. Uma lona simples e macia para montar um pequeno toldo de sua cabana (ia fazer uma), seus remédios, seu inalador, e no bernal o bujão de ar. Pelo telefone comprou a passagem. Eram quatro horas de viagem. Pediu a seus filhos para o levarem à rodoviária. Estava uniformizado. Na entrada subiu sozinho. Deu até logo e disse que não precisava de ajuda. Subiu as escadas com dificuldade. Fingiram não o observar. Viram quando ele entrou no ônibus. Um dos filhos seguiu de carro atrás. O filho chegou à cidade de destino primeiro. Sabia que dali até a as margens do rio seriam mais quatro quilômetros. Ele disse que iria alugar um animal. Cavalos ou burros. Não dava para subir a pé.

O ônibus chegou. Desceram todos. Surpresa! Chefe Zezé não estava no ônibus! O motorista disse que ninguém tinha viajado com aquelas características. O filho ligou para os outros. Todos se dirigiram para a cidade de destino. Reunião de família. O que fazer? Onde estaria seu pai? Onde? Procuraram por todos os lugares, por toda a parte. Nada. Um dia, dois três. Se ele resolveu dar um golpe e seguir sozinho a outro lugar, pois sabia que aonde ia seria vigiado, deveria estar de volta à noite do terceiro dia. O dia amanheceu. A família desesperada. Polícia acionada. Busca em todos os lugares. Bombeiros, helicópteros. Nada. Chefe Zezé sumiu! Não sabiam mais o que fazer. A polícia desistiu. Ninguém quis mais procurar. Seus filhos precisavam voltar à luta. Tinham seus empregos. Esposas, filhos. A vida continua.

Duas semanas depois a esposa do chefe Zezé, parou de chorar. Os olhos vermelhos inchados. No décimo quinto dia, receberam um recado. Um telegrama. Um vaqueiro disse ter visto um homem parecido conforme foto nos jornais na serra do Canta Galo. Todos os filhos foram para lá. Bem longe. Mais de nove horas de viagem. Serra desconhecida para eles. A cidade

pequena. Alguns tinham visto quando ele chegou quinze dias atrás. Conseguiram um guia, encontraram o vaqueiro. Arrumaram cavalos e subiram a serra. Local ermo e de difícil acesso. Tinham medo, muito medo do que iriam encontrar. Avistaram ao longe uma fumaça branca subindo aos céus. Pequenas esperanças. Quem sabe está vivo? Chegaram ao local. Viram-no encostado em uma árvore, como se estivesse desfalecido. Correram até ele. Respirava e parecia dormir. Abriu os olhos, sorriu. Como me encontraram disse?

O filho médico o examinou. Achou estranho. Sua respiração parece ter melhorado. Viu o bujão de ar ainda cheio. Ele não tinha utilizado. Ele se levantou, olhou para o céu, para as árvores, um pássaro preto em um galho voou. Alguns outros se juntaram a ele. Todos voando em volta do chefe Zezé. Borboletas surgiram. Azuis, vermelhas, verdes e amarelas. E então vamos? - Disse. Com sua cabeleira vasta e caindo na testa, cantava a pleno pulmões - Avançam as patrulhas, ao longe, ao longe! Adeus meus amigos, ou melhor, até breve, eu voltarei, disse ele olhando os pássaros, a mata, o riacho e não viram mais nada.

Arrumou sua mochila, sempre com calma e bem arrumada nas costas gritou! - À frente tropa! Bandeiras ao vento! Marche! Agradeceu a oferta de ir a cavalo. Andava como uma lebre. Incrível pensavam. Mais acima dois quatis acompanhavam e mais ao longe dois lobos guarás do rabo curto também. Uma passarada foi com eles até a cidade. Uma figura o chefe Zezé. Dizem que na cidade todos bateram palmas. Os pássaros quando ele entrou no automóvel do filho, cantaram alto. Mas o que houve com ele? Perguntei ao distrital. Olhe, soube pela esposa que tinha um livro e anotou tudo que aconteceu. Uma espécie de diário. Ela me emprestou. Soube que já com seus 91 anos tem uma saúde de ferro. Não toma mais remédios. Voltou ao Grupo Escoteiro. Sempre colaborando. Fui para casa e nem bem cheguei "apoitei" em minha poltrona favorita. Li com sofreguidão e pressa tudo o que o "Velho" Escoteiro escreveu.

Que doce leitura. Linda. Que aventura! Que inveja do chefe Zezé. Quanto daria para estar no lugar dele. Vivam comigo essa esplêndida história de um "Velho" que se transformou através de um acampamento só dele. Cheio de amigos, amigos que todos nós gostaríamos de ter. Amigos sinceros, leais, sem interesses, e que não ficavam azucrinando com aquelas palavras chatas que ouvia. "Velho" gagá, babão, seu lugar é em casa. - Preparei tudo. Meu plano fora traçado. Combinei com um chapa carregador de malas, para colocar um chapéu parecido com o meu, e levar minha mochila até o ônibus. Fingiu que entrava e deu meia volta. Embarquei duas horas depois. Não fui para as margens do rio da Serpente. Sabia que iriam me monitorar. Queria liberdade.

- Cheguei à cidade de Catuava, e lá aluguei uma mula. Para 20 dias. Arrumei tudo e parti para a Serra do Canta Galo. Vi em mapas e li sobre ela. Linda. Achei um local maravilhoso. Um pequeno bosque, mais ao longe uma mata linda, próximo uma cascata, águas límpidas, bem arejada. Neste dia montei minha cabana. Ficou “joia” Toda de galhos e folhagem verde. À tarde construí uma mesa e o fogão suspenso. Que saudades das que eu fazia no passado. Uma fossa de liquido, outra de detrito e retirado uns 50 metros um WC. O vento soprava do meu campo para ele. Almocei linguiça na brasa. Dois pães. Um suco. Mais tarde fiz um café. Saudades do meu café mateiro. Atrás de umas folhagens avistei dois quatis. Olhavam-me espantados. Sorri e eles se aproximaram. Daí para frente seriam meus amigos para sempre. Notei que um pássaro preto me encarava. Sorri para ele. Ele cantou uma canção e pousou em meu ombro. Outros pássaros se aproximaram. Comecei a conversar com eles. A noite chegou. Uma coruja veio e também pousou no meu ombro. Arrumei alguns galhos e fiz uma fogueira.

Foi minha primeira noite. Antes de dormir lembrei que não tinha tomado meus remédios. Não sentia falta. Não usei mais. O ar entrava em minhas narinas de maneira agradável e apetitosa. O sono veio. Nem olhei as estrelas, nem a brisa gostosa que soprava. Deitei e dormi não sem antes agradecer a Deus pela vida maravilhosa que me dava. Há muito tempo não dormia assim. Sonhei coisas lindas canções lindas. Acordei com o cantar da passarada na mata. Os dias foram passando. Eu não queria contar. Estava vivendo os mais belos dias da minha velhice. Horas? Não tinha interesse. Minha ração começou a acabar. Achei na beira do riacho uma boa plantação de “taioba” adorava taioba. Comi taioba por três dias. Um pequeno remanso e vi traíras e lambaris bocarra. Lindos, fáceis de pegar. Peixe frito no almoço e na janta. Um pé de maracujá. Minha sopa preferida. Depois dois pés de mamão carregados. Maduros e verdes. Vagem mais abaixo do riacho. Amigos ali era um éden. Poderia ficar a vida inteira neste paraíso.

Não sei como, a tarde um casal de capivaras apareceu. Ficaram em volta do meu campo por dois dias. No segundo nasceram três capivarinhas. Um espetáculo incrível. Mas o melhor mesmo foi à amizade que fiz com dois lobos guarás. Eles me seguiam aonde ia e o pássaro preto nunca me abandonou. Uma tarde vi um homem a cavalo. Fui encontrado. Deixei lá meu amigo pássaro preto, a coruja “buraqueira”, que me acompanhou todas as noites quando deitava na relva e ficava a imaginar como seria o universo. Valeu. Disseram-me que foram quinze dias. Dias maravilhosos. Quantos amigos eu fiz lá. E olhe só eu falava e eles educadamente me ouviam. Ainda vou voltar lá, O caminheiro e a Midiata, nome que dei aos lobos guarás eu sei que estarão lá me esperando. Até hoje no meu quinta lá estão na castanheira em frente a minha casa, os sabiás que cantavam na serra e hoje cantam para mim todas as tardes. Sei que acham que sou louco. (Risos) não

sou. Que pensem assim. Não me importo. No próximo verão irei voltar. Saudades da minha serra querida, dos meus amigos, bons tempos que não quero que termine nunca mais.

Fiquei ali na minha poltrona por muito tempo. Parecia um conto inexplicável, contado de uma maneira tão simples, tão pulcra, que muitos iriam dizer que se tratava de uma fábula. Que seria uma história inverossímil mal contada e que o chefe Zezé nunca existiu. Será?

As aventuras de Maneco Papa Léguas, um Monitor das Arábias.

Ninguém acreditava quando ele foi eleito Monitor. Impossível dizia uns, incrível diziam outros. A patrulha Gavião do Mar não sabia o que dizer. Melhor pensar que pimenta nos olhos dos outros é refresco. Será? Pode ser, pois quem com ferro fere com ferro será ferido. Alguns meses depois é que conversando com um e outro todos ficaram sabendo que tudo não passou de uma brincadeira. Brincadeira? Sim, isso mesmo, Zezito votou nele para zuar. Pensava que seria o único voto. Nonô pensou a mesma coisa. Malemali fez o mesmo e até o Joca o Monitor que saia do cargo também votou nele. Coitada da patrulha Gavião do Mar. Agora ela seria sempre a última. Mas águas passadas não movem moinho. Nos últimos tempos ela não ia bem. Não era sempre a última, mas nunca chegava ao primeiro lugar. Virou motivo de piadas na tropa a eleição de Maneco Papa Léguas.

Dizem por aí que não há mal que sempre dure. Dito e feito como o velho provérbio que dizia não faltará rei que vos mande, nem papa que vos excomungue a Patrulha Gavião do Mar se sentiu humilhada. Reuniram-se na casa de Maneco Papa Léguas. Ele estava meio “vexado”. Claro quando viu que teve quase todos os votos riu de orelha a orelha. Nem notou o espanto da patrulha. Ele sempre dizia para si que não há capuz por mais santo em

que o diabo não possa meter cabeça. Ia mostrar a todos da tropa Agulhas Negras que ele seria o melhor Monitor até então. Ele iria aprender, jurou que iria aprender tudo e ser o melhor Monitor que já existiu no Grupo Escoteiro Olavo Bilac. Iria com calma, pois quem corre cansa, e quem anda alcança. Precisava da colaboração dos outros, pois ele sabia que uma andorinha só não faz verão.

Maneco Papa Léguas nasceu sorrindo. No início seus pais não notaram. É sempre assim quando somos bebê. Mas cesteiro que faz um cesto faz um cento. E eles um dia descobriram que ele era lerdo, ou melhor, vagaroso e mesmo sabendo que cachorro que muito anda, apanha pau ou rabugem eles não desanimaram. Fizeram tudo para que Maneco Papa Léguas acompanhasse seus amigos de classe. O apelido de retardado era comum nos colegas de classe. As professoras gostavam dele. Calado, nunca reclamava, mas seu aprendizado deixava a desejar. Elas sabiam que água mole em pedra dura, tanto bate até que fura e assim aos trancos e barrancos ele foi passando de série em série. Mas sempre foi motivo de piada no Grupo Escolar Padre Coimbra. Ele abaixava a cabeça e não dizia nada. Pimenta nos olhos dos outros é refresco dizia. Que aproveitem agora, pois ele um dia seria o prefeito da cidade. Mesmo com dificuldade ele se esforçava. Ele sabia que quem guarda o que convém um dia a te servir bem.

Entrou no Grupo Escoteiro com oito anos. Seus pais explicaram aos chefes como ele era. Eles sorriram e disseram que ele era bem vindo. Seu pai pensou que quem a boca do meu filho beija a minha boca adoça. Não colocaram apelido nele quando lobinho. Ao passar para a tropa dos escoteiros em uma excursão viram que ele andava bem devagar, alguém riu e disse que ele era um papa léguas. O apelido ficou. Não conseguia acompanhar os demais com as provas de classe. Só com treze anos e com muita dificuldade conseguiu a segunda classe. Ele sabia que quem não valoriza a candeia próxima, dificilmente entenderia o esplendor das estrelas. Nunca pensou em ser Monitor. Ele amava o escotismo ao seu modo. Sentia-se bem ali. Sabia que cada dia ensina algo ao dia seguinte.

A reunião da Patrulha em sua casa o encheu de alegria. Ele sabia que amigos verdadeiros são como o sol, não precisam aparecer todos os dias para saber que eles existem. Combinaram de fazer da patrulha uma união perfeita. Um por todos e todos por um seria o lema agora. Maneco Papa Léguas chorou de alegria. Foi uma surpresa na reunião seguinte. Viram Maneco Papa Léguas na frente da patrulha sem olhar e ela bem formada. No primeiro jogo do Vira Latas ele levou a patrulha com maestria. O Chefe Ziraldo ficou boquiaberto. Nunca pensou que a patrulha Gavião do Mar se transformasse tanto. Disse para si mesmo que tudo o que somos é o

resultado do que temos pensado. Se uma pessoa fala ou age com pensamento ruim, a dor a segue, tal como a roda segue a pata do boi que puxa a carroça... Se uma pessoa fala ou age com um pensamento puro, a felicidade a segue como uma sombra que nunca a abandona.

Estava aproximando a data do acampamento de verão. Sempre a tropa vibrava naqueles dias principalmente se o local escolhido fosse bem arborizado, boa aguada, bambus e um remanso que não fosse fundo e com corredeiras. Maneco Papa Léguas o novo Monitor achou que podia e não sabia que poder é ter o que fazer. Na Corte de Honra tentou uma autorização para só a patrulha fazer um acampamento de fim de semana. Não aprovaram. Com muito custo os deixaram fazer uma atividade em um domingo no sítio do Prefeito Galo Preto que era Presidente do Grupo. Se você vai fazer alguma coisa errada, aproveite. Não é assim que falam? Todas as três patrulhas esperaram o pior nesta atividade. O próprio Chefe Ziraldo achava que se alguma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível. Ele estava com medo.

O Chefe Ziraldo se preparou para monitorar de longe a patrulha Gavião do Mar. Ele sabia que a condenação do silêncio é mais eficiente que as acusações ruidosas. Mas não se sabe como o Chefe Ziraldo dormiu até tarde. Acordou já era mais de meio dia. Pegou sua bicicleta e saiu a toda até o Sítio do Prefeito Galo Preto. Esqueceu-se de pensar como fazia sempre. Antes de começar o trabalho de mudar o mundo, dê três voltas dentro de sua casa. No sítio não encontrou ninguém. O caseiro disse que chegaram lá e partiram. Para onde ele não sabia. Pensou que nada é tão fácil quanto parece, nem tão difícil quanto à explicação do manual. Ele era um bom mateiro e iria encontrá-los. Viu suas pegadas na beirada do córrego do Caiapó. Eles passaram por ali a mais ou menos três horas. Esperava que tudo estivesse bem com Maneco Papa Léguas e seus patrulheiros. Ele sabia que a felicidade é uma pausa na inquietação da vida.

Os Gaviões do Mar estavam se divertindo a beça. Já tinham tomado um banho num lindo remanso. Ele agradecia ao bom Deus que lhe deu este prêmio. Ele não era o que diziam. Ele sabia que aquele que não agradece pelas pequenas coisas não agradece o bastante. Sentados em uma pedra observando a queda de uma enorme cascata Maneco Papa Léguas ouviu um gemido. Pediu silêncio a patrulha. Ninguém ouviu nada. Continuaram em silêncio. De novo o gemido. Os patrulheiros achavam que Maneco Papa Léguas não estava bem com suas ideias. Sabiam que aquele que pergunta é um tolo por cinco minutos, mas aquele que não pergunta permanece um tolo para sempre.

Maneco Papa Léguas chamou a patrulha e pediu para segui-lo. Eles acharam mesmo que seu Monitor não era o que pensavam. Tentaram demovê-lo, mas uma mente fechada é como um livro fechado; somente um bloco de madeira. – Vocês me desculpem, mas não vou arredar o pé de dar uma busca naquela pequena mata. Se vocês forem patrulheiros disciplinados me sigam ou então fiquem aqui. Ele sabia e tinha certeza que iria descobrir o motivo do gemido. Nada que se compare aquelas seis fases de um projeto: Entusiasmo; Desilusão; Pânico; Busca de culpados; Punição dos inocentes e glória aos não participantes. Que seja. Subiu morro acima e não demorou em encontrar um automóvel todo destruído. Ainda saía fumaça dos motores.

Viu que toda a patrulha estava com ele. Lá dentro viu um motorista ensanguentado e ao seu lado uma mulher também. Atrás um bebê sorrindo em uma cadeirinha presa ao banco trazeiro. Ele sabia que o tempo não apaga o tempo. A probabilidade de o pão cair com o lado da manteiga virado para baixo é proporcional

Ao valor do tapete. Não podiam pensar. Tinham de socorrer. Com muito custo tiraram a mulher e o homem. Sangue para todo o lado. Foi nesta hora que chegou o Chefe Zivaldo. Tomou conhecimento da situação. Onde está o Maneco Papa Léguas? – Tentando socorrer um bebê preso no banco trazeiro. Chefe Zivaldo foi correndo até lá. Viu que começava a sair chamas pelo capô do motor. Sabia que o carro iria explodir logo que as chamas atingissem o tanque de gasolina. Gritou chamando Maneco Papa Léguas. – Vai explodir Maneco! Saia daí urgente! A confiança é aquele sentimento que você tem antes de compreender a situação. Era assim que o Chefe Zivaldo pensava e não sabendo o que fazer.

Nada é tão ruim que não possa piorar. Ele sabia que o material é danificado segundo a proporção direta do seu valor. A morte de Maneco Papa Léguas seria sua derrocada. Ele nunca deveria ter aceitado a eleição na patrulha. Um clarão se elevou aos céus e um enorme estrondo aconteceu. O carro havia explodido. Toda a patrulha e o Chefe Zivaldo estavam prostrados a olhar de longe aquela fumaça da explosão que praticamente dizimou a vida de Maneco Papa Léguas. Qualquer esforço para se agarrar um objeto em queda provocará mais destruição do que se deixássemos o objeto cair naturalmente. Era assim que todos pensavam. O impossível aconteceu. Maneco Papa Léguas bem queimado trazia no colo o bebê que chorava. Como conseguiu ele mesmo nem sabia. Os assuntos mais simples são aqueles dos quais você não entende nada.

Em menos de quatro horas o socorro chegou. Os bombeiros agiram rápidos. Dizem que depois da tempestade vem a bonança. Era hora de ver se errar é humano, se persistir no erro é americano e acertar no alvo é mulçumano. A ação de Maneco Papa Léguas chegou rápido a cidade. A patrulha salvou um dos mais altos dignitários da nação, nada mais nada menos que Excelentíssimo Doutor Pocahontas Nonato. Homem que todos admiravam pelo seu trabalho na Suprema Corte Brasileira. A patrulha teve uma homenagem especial em Brasília. Cada um recebeu um certificado parabenizando o que fizeram. Maneco Papa Léguas recebeu a Medalha de Mérito Nacional.

Onde Maneco Papa Léguas passava era saudado como herói. A imagem que faziam dele de retardado desapareceu. Ele sabia que quem é sábio procura aprender, mas os tolos estão satisfeito com sua própria ignorância. Ele não se enfeitou com todas as bajulações, mas confiava em sua patrulha em sua tropa. Maneco Papa Léguas cresceu. Formou-se em técnico agrícola. Aos vinte e cinco anos foi eleito prefeito da cidade. É o tal negócio quem procura ter sabedoria ama a vida, e quem age com inteligência encontra a felicidade. No escotismo encontramos todo tipo de pessoas. Mas sabendo que água mole em pedra dura tanto bate até que fura sabemos que o crescimento individual e coletivo é infalível. Enfim como disse Salomão, o sábio esconde sabedoria, o tolo anuncia a sua ignorância.

Muito além do por do sol. Uma linda história de amor.

Charles tinha sonhos, sonhava em brincar em sorrir e cantar. Não gostava da escola. Mas sua mãe insistia. Ela dizia que iria partir um dia e ele ficaria só. Ele não deveria ser dependente de ninguém. Não entendeu bem, mas passou a prestar mais atenção às professoras. Charles ficava na porta de

seu barraco esperando sua mãe chegar. Ela saía cedo, fazia o café deixava no forno seu almoço e quando chegava fazia o jantar. Ele chegava cedo da escola almoçava e ficava na porta do barraco sonhando acordado. Sonhava em ter um vídeo game para brincar. Uma televisão para ver, pois a sua queimou e não tinham dinheiro para consertar. Isto ele até achava bom, pois depois da janta, sua mãe já de banho tomado eles sentavam nas velhas poltronas da saleta e ela tricotando contava para ele belas histórias. Ele amava as histórias de sua mãe.

Foi por elas que ficou sabendo do seu pai. Uma noite chuvosa ela contou com lágrimas nos olhos o seu passado. Ele não entendeu bem, mas ela o abraçou no final da história e o beijou varias vezes no rosto. Tentava no outro dia lembrar-se do que ela contou. – Eles moravam em uma fazenda, em uma cabana de sapê, seu pai fazia empreitadas para o dono da fazenda. Consertava cercas, capinava, limpava os currais e quando podia dava uma mão na vaquejada que se realizava anualmente. Um dia ele fazia uma cerca ao lado do Rio Verde e uma enorme tempestade se formou. Um raio caiu sobre ele que morreu na hora. O Senhor da fazenda um mês depois foi até lá dizendo que precisava da casa. Casa? Uma cabana simples de pau a pique – Eu preciso de alguém para ajudar na lide da fazenda - disse. Seu marido se foi já tenho outro arrumado e preciso que a senhora desocupe.

Fazer o que? Ela partiu para a cidade grande. Dormiram ao relento por vários meses. Ele tinha três anos. Ela lutou para conseguir seu barraco na favela do Engenho. Não conseguiu uma creche para ele e muitas vezes o levava a tiracolo escondido. Era faxineira. Trabalhava em cinco residências por semana. Sua mãe contava estas histórias e outras que ele ria sem parar. Nunca esqueceu a do Neguinho do Pastoreio. Um dia na escola Norberto um menino rico apareceu de uniforme. – Que é isto perguntou. – Sou Escoteiro não sabia? Charles gostou do uniforme. Perguntou a sua mãe se ele podia entrar. Ela riu e disse que não era para eles, lá só tinham ricos e brancos. Charles e sua mãe eram negros. Charles nunca se preocupou com sua cor. Nunca na sua ingenuidade de menino de onze anos sentiu que não tinha seu lugar na sociedade.

Charles foi aceito no dia da visita ao Grupo Escoteiro. Os chefes foram simpáticos e ele gostou da sua Patrulha Lobo. Em pouco tempo se enturmou. Agora tinha duas alegrias o Escoteiro e as histórias de sua mãe que ela nunca se esquecia de contar para ele. A televisão ainda estava quebrada. Consertar como? Um dia na patrulha ficou sabendo que ele era “adotado”. Não entendeu. Sua mãe tentou explicar que o Grupo Escoteiro pagava suas despesas. – Mãe, mas porque não pagaram para o acampamento nacional? Eu não fui, pois não pude pagar a taxa, a senhora mesmo disse que seria

impossível. Ela sorriu e disse para ele não se preocupar. Um dia ele mesmo iria sem depender de ninguém. Bem Charles não se preocupou com isto. Sabia que mesmo sendo negro era bem amado por todos na sua tropa. Ia acampar excursionar, brincava, cantava e fazia coisas impossíveis com bambus e alguns metros de sisal.

Charles cresceu. Passou para os seniores. Já não era tão dependente. Passou a estudar a noite e trabalhava durante o dia na loja do seu Odorico. Ele quase não o aceitou, mas depois de muita insistência em trabalhar outros dias ele foi aceito. Ele não queria ser impedido de aos sábados participar do seu querido Grupo Escoteiro. Ganhava metade de um salário mínimo, mas ajudava muito sua mãe. Ele amava os seniores, e ali se sentia realizado. Martinho o Chefe abriu a tropa para as meninas. Vieram três agora a tropa tinha duas patrulhas completas com seis cada uma. Não se enturmou com nenhuma delas. Ele arredio em sem assuntos pouco ria ou falava com uma a não ser o sempre alerta rotineiro. Um sábado Nathalya foi apresentada a tropa. Cabelos vermelhos cortados no ombro, um rosto lindo um corpo sonhador. Ela no final da reunião conversou com Charles. Ele vermelho não sabia onde colocar as mãos, os pés nada. Conversaram banalidades.

David o Monitor sempre ficava ao lado dela. Charles olhava o par e olhava para o chão. Sabia que nunca ela poderia ser sua namorada. Em uma excursão no Vale Florido eles deram uma parada próxima a uma linda cachoeira. Sentaram nas pedras e extasiados admiravam a maravilhosa obra da natureza e de Deus. Ela o convidou para sentarem em uma sombra onde uma linda Copaíba se destacava. Sentaram ali e ela alegre e gentil contou muitas coisas sobre a sua vida. Charles ficou sem jeito de falar sobre ele. Era negro ela branca ruiva de cabelos vermelhos. Ela insistiu e ele se abriu com ela. Ela nada disse. Ele sabia que agora a tinha perdido para sempre. Sua vida pobre e sem futuro não iria interessar a ela. O apito do Chefe tocou três vezes. Reunir. A hora maravilhosa daqueles momentos mágicos havia acabado. Eles levantaram e para surpresa de Charles Nathalya o abraçou e o beijou. Ele não sabia o que fazer. Não foi um beijo dos que seus amigos se gabavam. Foi um beijo lindo, um roçar de lábios e poder olhar nos olhos, sentir o perfume que ela exalava e sem querer acariciou seu rosto, seus cabelos e de novo o apito do Chefe.

Foi um êxtase de momento. Uma quimera de segundos, mas que Charles nunca mais esqueceu. Na semana seguinte Nathalya não veio. Na outra também não. Charles torcia as mãos, olhava para o portão e quando a reunião terminou tentou achar a casa dela. Ninguém sabia o Chefe disse que ela não voltaria mais. Era escoteira em outra cidade e veio passar uns dias com sua tia. Não lembrava onde era a cidade e nem conhecia sua tia. Ela

tinha pedido para participar das reuniões enquanto estivesse aqui. Charles tomou um choque. Uma dor incrível cravou em seu coração. Sua mãe o abraçou e ambos ficaram assim por um bom tempo com os olhos molhados de um choro que não saía. Charles nunca encontrou outra moça para namorar. Não se interessava. Nunca iria tirar o momento mágico do afago e do beijo entre ele e Nathalya.

O tempo passou. Charles cresceu. Formou-se como Técnico Mecânico. Sua mãe velhinha não trabalha mais. Charles comprou uma linda casinha para ela. Mobilou e perguntou se queria uma televisão. Ela disse: Minhas histórias ou a televisão? Ele sabia o que iria escolher. Charles continuou Escoteiro, mas preferiu ficar colaborando sem ser um chefe. Durante toda sua vida uma vez por mês Charles devagar sem correr vestia seu uniforme, embarcava em um ônibus e descia próximo ao Vale Florido. Sentava na sombra da Copaíba e sua mente ia ao passado distante que nunca esqueceu. Lembrava tudo que Nathalya naquele dia mágico lhe contou. Sorria quando se lembrava. Depois de horas ficava de pé, fechava os olhos e via Nathalia a sua frente o beijando. Meu Deus! Incrível esta visão virtual. Visão de um grande amor que nunca morreu. Estava vivo na sua mente para sempre.

Hoje aos setenta anos Charles ainda vai no mesmo ônibus e lá está ele com seus passos trôpegos a procurar seu Vale Florido. No mesmo local na mesma árvore, naquela Copaíba que assistiu o desenrolar de um grande amor ele agora com dificuldade sentava naquela sombra e sonhava. Disse para si mesmo que ninguém mais iria beijá-lo, ninguém faria esquecer o beijo que um dia elevou seu espírito aos céus. Um dia Charles se foi. A Copaíba sentiu sua falta. O perfume que ela deixou em sua sombra nunca mais se esvaiu. Nas suas exéquias Charles sentiu uma luz azul brilhante a lhe convidar para pegar sua mochila, seu chapéu de abas largas, sua bandeira e subir para a cidade dos sonhos para uma grande excursão. Todos os Escoteiros estavam lá, seus amigos de outrora que ainda estavam vivos e ela, ela mesmo, Nathalya com seus cabelos brancos foi prantear um amor do passado que nunca esqueceu!

A sombra e a escuridão.

"Que meus inimigos sejam fortes e bravos para que eu não sinta remorsos ao derrotá-los"

Em minutos o tempo mudou. Parecia noite, mas não era. O relógio de Donato marcava quatro da tarde. A trilha fazia volta no morro do Pastor. Os Javalis seguiam em fila, pois a trilha era estreita. Do lado direito da trilha um gigantesco penhasco. Cair era morte certa. Não dava para apertar o passo, tinham que seguir calmamente para não acontecer o pior. Molano olhou para o céu e se assustou. As nuvens cor de cobre não deixavam dúvidas, é temporal que se descobre. Um trovão ribombou por toda a encosta da montanha. O coração de todos os patrulheiros batia aceleradamente. Pelo menos era só um trovão, o pior era o raio mortal que vinha antes dele. Monte Alto o Monitor dos Javalis era experiente. Não foi a primeira vez que sua jornada fora agraciada com uma tempestade. Mas aquela era diferente. O vento começou a soprar forte e a chuva caía torrencialmente parecendo inundar a pequena trilha que eles caminhavam. Monte Alto não teve dúvidas. Chamou Rolemberg que estava com a corda, e aberta foi dada a primeira volta para um Fiel Duplo, quem sabe melhor o triplo numa pequena árvore a beira da estrada. – Todos já sabiam o que fazer se abraçaram uns aos outros próximos a árvore e a corda foi passada por eles e a pequena árvore várias vezes.

Parecia que o mundo ia desabar. Difícil falar com tanto raio e trovão que não parava. Javier olhou para a trilha encharcada. O vendaval não perdoava. Se estivessem soltos não iriam sobreviver naquela trilha molhada e barrenta. Andar por ela era escorregar e cair no penhasco que escuro nem o fundo se via. Ele não acreditava que aquela enorme Onça Pintada pudesse estar ali próximo a eles. Ela com seus olhos vermelhos não sabia da chuva, dos raios, dos trovões e que a sua esquerda poderia sumir no penhasco mortal. Javier cutucou Monte Alto, que cutucou Rolemberg, que cutucou Lorenzo e Donato. Justino não conseguia ver o que eles apontavam. Estava em outro extremo da corda que os segurava naquele vendaval imenso e não puderam ver a enorme Onça Pintada. A mão de Deus? Só podia ser. Um raio enorme caiu à frente da Onça pintada que deu meia volta e subiu correndo à montanha a procura de um abrigo. Um alívio tomou conta de todos apesar dos trovões dos raios e da chuva que não parecia terminar nunca. Se tens vento e depois água, deixe andar que não faz magoa, mas se tens água e depois vento põe-te em guarda e toma tento! Todos sabiam e a

preocupação aumentou com aquele vendaval que só veio quando a chuva caía aos borbotões.

A noite chegou e a chuva não parava. Pelo menos o vento e os trovões sessaram. Desamarraram-se e partiram, mas andando a passos de tartaruga. Escorregar seria o principio do fim. Todos estavam amarrados uns aos outros, mas a trilha escorregadia poderia não poupar ninguém em uma queda. Foi Lorenzo que avistou uma pequena saída à esquerda e avisou Monte Alto o Monitor. A saída foi à salvação, mas só para passar a noite, pois a trilha era o único meio deles atingirem a Ravina do Bem Ti Vi. Em pouco tempo limparam uma área de quatro metros quadrados. O suficiente para passarem a noite. Justino ofereceu para fazer uma sopa e todos sabiam que ele era capaz, Monte Alto achou melhor esperar o amanhecer. Como bons Escoteiros acampadores eles dormiram. A chuva prosseguiu até às três da manhã. Foi Molano que olhando para o céu viu quando a chuva passou e as estrelas surgiram no céu. As nuvens de chumbo desapareceram.

Monte Alto acordou a todos antes do amanhecer. Queria colocar o pé na trilha nos primeiros raios do sol. Estavam todos molhados, mas ninguém reclamava. Afinal eram valentes mateiros e não ia ser uma “chuvinha” que poderia assustá-los. Monte Alto fez um Conselho de Patrulha. – Podemos fazer um lanche quente e estamos precisados ou podemos ir em frente, pois acredito que mais dois quilômetros atingiremos a Estrada do Negro Monte. De lá menos de duas horas chegaremos a Ravina do Bem Ti Vi. Gostaria de saber a opinião de cada um. – Todos deram sua opinião, queriam chegar logo, montar um bom campo, comer uma bela refeição feita por Justino o Cozinheiro da Patrulha. Todos sabiam que as Patrulhas Corvo, Andorinha e Águia Dourada se encontrariam lá. Eles não queriam atrasar já que o Chefe Bill tinha preparado um belo jogo à tarde daquele dia. Já tinham percorrido uns mil e duzentos metros. A trilha molhada ainda oferecia perigo e continuavam a andar em passadas lentas.

Foi Molano quem viu a onça. Estava à direita da trilha, e por um milagre não tinha caído no penhasco. Preza em galhadas e cipós não podia se mexer. Era como se uma enorme tarrafa a tivesse segurado. Todos pararam para observar. Ela era enorme, seus olhos vermelhos encaravam aqueles valentes Escoteiros que se arriscavam na Trilha da Morte como era conhecida. Por uns instantes ninguém disse nada. Molano tomou a frente, abriu a corda e fez na ponta um balso pelo seio, na outra ponta em um pequeno arvoredor fez um volta de fiel duplo. Todos entenderam sua ideia. Eles sabiam que não podia deixar a Onça Pintada morrer ali. Seria uma morte terrível. Não seria fácil laçar a Onça com o Balso Pelo Seio. Rolemberg se ofereceu a descer próximo a ela e com seu bastão tentar enlaçar a Onça.

Vários cabos foram entrelaçados para se fazer uma corda e todos seguraram Rolemberg por ela. Se a onça caísse ele não cairia. Não foi fácil, uma hora depois conseguiram. A onça tentou se desvencilhar da corda, mas não conseguiu.

Monte Alto estava preocupado. Se a Onça ao ser salva resolvesse atacá-los eles não teriam como se defender. Nenhum patrulheiro do Javali pensou nisto. Só pensavam em salvar a Onça Pintada. Não foi difícil logo ela atingira a trilha onde estavam. Monte Alto, Javier, Donato e Justino fizeram uma barreira com seus bastões. O Balso Pelo Seio não se soltou. A Onça Pintada estava em pé olhando para eles. Não se sabe se foi por medo ou se foi uma coragem não esperada que Molano se aproximou da onça, com seu bastão desfez o Balso Pelo Seio em seu corpo. A Onça estava parada e parada ficou. O nó desfeito a corda puxada e enrolada já se encontrava nas costas de Javier. Parece mentira, vão dizer que não é verdade, mas a onça se abaixou com as pernas da frente, fez uma mesura, deu um passo atrás se virou e partiu. Ninguém disse nada. Um suspiro de alívio? Não. Para eles valentes Escoteiros acampadores aquilo era rotina. Eles se consideravam profissionais no campo nas jornadas e nada amedrontava aquela Patrulha.

Partiram com sol alto para seu destino. Se alguém contou alguma coisa foi porque leu no Livro de Ata da Patrulha tão bem anotado por Lorenzo o Escriba. Falar sobre a chegada, sobre o que aconteceu com eles nos quatro dias que confraternizaram com as outras patrulhas quem sabe não era uma história tão digna na jornada que fizeram para chegar lá. Sei que todos eles mesmo tendo um enorme orgulho da Patrulha Javali, nunca em suas vidas esqueceram aquela Onça Pintada na Trilha da morte. Afinal são histórias, são coisas de Escoteiros!

- “Você pode viver com dignidade, mas não morrer com ela”.

No mundo de fantasia entre bruxas, fadas, Duendes e Gnomos. O que eu sei que as Bruxas nos fazem apaixonar e cessar no tempo. As fadas nos ensinam a ser criança. Os duendes esconde de nós, o tesouro mais íntimo, assim como os Gnomos ficam rindo da nossa cara.

Max Reygson

A incrível lenda do Guardião da Floresta da Bocaina.

“Conta uma lenda que toda vez que alguém desaparecia na Floresta da Bocaina as margens do Rio Vermelho, a sudoeste de Palo Verde e ao norte da capital do Pará, uma densa neblina tomava conta para evitar que as buscas tivessem sucesso. Dizem que era uma floresta tão densa que a luz do sol raramente passava entre as copas das árvores e isto criava um cenário ideal para a existência de lobisomens, bruxas e gnomos”.

Prologo:

Quando me contaram esta história sorri de leve para não deixar Diógenes sem graça. Ele mesmo se jactava que em uma das suas reencarnações tinha o mesmo nome, e que era aquele que andava com um lampião aceso dizendo estar em busca de um homem honesto. Eu conhecia a lenda, ela aconteceu lá pelos idos do ano de 323 antes de cristo. Diógenes era chamado de Cínico e foi um filósofo da Grécia antiga. Se fora anedota ou não ele foi exilado de sua cidade, mudou para Atenas e depois virou um mendigo que perambulava pela rua carregando um lampião, durante o dia dizendo estar procurando um homem honesto. Ele acreditava que a virtude seria mais bem revelada se na ação e não na teoria. Mas o Diógenes de hoje não sei não. Ele não trabalhava e vivia também perambulando pela cidade, sem seu famoso lampião e diferente de muitos mendigos ele tinha uma casinha boa e vestia sempre roupas caras. Bem eu não era amigo dele e para dizer a verdade nem sabia quem eram seus amigos. Naquela tarde estava me preparando para uma difícil prova que iria realizar para ver se conseguia uma vaga de Auditor Fiscal da Secretaria da Fazenda quando ele sentou ao meu lado.

Eu gostava da Praça do Povo, um lugar simples sem movimento e que me deixava tranquilo para aclarar as ideias. – Eu já te contei esta? Ele falou. Não sabia que ele estava ao meu lado. Qual Diógenes? – A do Guardião da Floresta da Bocaina! Ele disse. Nunca tinha ouvido falar, mas dei corda a ele.

Eu sei quanto vale uma história bem contada e quem sabe minha cabeça a mil ouvindo uma boa história até me ajudaria a entender melhor aquela matemática infernal que tentava entender para a prova do dia seguinte. – Olhe – Ele continuou – Não sei o seu nome, mas sei que você é um Escoteiro. Já vi você de calças curtas muitas vezes. Sei que vocês gostam de acampar, explorar novas florestas e montanhas enormes e sei também que adoram um curso de água doce à procura de sua nascente. Antes de morar aqui eu morava em Palo Verde, uma cidade a sudoeste do Rio Vermelho bem longe da Capital do Pará. Lá eu era bem conhecido e tinha até um Cinema que aos sábados e domingos uma fila enorme se fazia para assistir a um bom filme.

Uma história, apenas uma história.

Foi lá em Palo Verde que vi vocês a correrem pela cidade, a desfilarem, a colocar uma mochila e ir para os campos a procura de aventuras. Eu até um dia pensei em ser um de vocês, mas depois desisti. Porque desisti? Tudo por causa do Jobson dos Santos. Um menino pequeno, magro, raquítico que só vendo. Quase não falava e quando dizia alguma coisa era de uma sabedoria tremenda. Ele era daqueles que nunca deixava nada sem fazer. Não levava desaforos para casa apesar de que bastava um empurrão e ele se esparramava pelo chão. Jobson resolveu ser Escoteiro. Foi aceito porque sua mãe era amiga de uma Chefe de lobinhos e isto porque não existiam vagas. O Grupo Escoteiro estava cheio. Na Patrulha Lagarto ninguém ligava para ele. No primeiro acampamento ele sumiu por horas. Apareceu depois sorrindo e mesmo com a “lavada” do Monitor e do Chefe ele continuou rindo e não disse nada.

Jobson era inteligente. Menos de cinco meses sabia tudo para fazer as provas de segunda e primeira classe. Só não fez porque o Monitor Maguilson lhe disse que precisava ter um tempo. Precisava também de algumas especialidades. Jobson não disse nada, ele não encrencava e nem retrucava. Aceitava tudo de bom grado. Um dia em um acampamento de fim de semana um fazendeiro amigo da tropa fez uma visita e a noitinha em uma Conversa ao Pé do Fogo contou uma história interessante. Claro que ninguém acreditou. – “Escoteiros” - ele disse – Se um dia vocês forem para os lados do Rio Vermelho, bem a sudoeste de Palo Verde nunca entrem na floresta Negra da Bocaina. É uma floresta tão densa que é difícil andar. Mesmo com um bom facão fazer uma trilha é difícil. À tardinha uma bruma cinzenta percorre toda a mata e quase nunca o sol consegue penetrar entre as árvores.

- Todo mundo prestava a máxima atenção ao senhor Zeferino o fazendeiro. Olhos arregalados, pois se tinham uma coisa que gostavam eram

histórias incríveis e quem sabe um dia viver uma delas? – Continuou o Senhor Zeferino – Nesta floresta negra dizem que habitam “lobisomens, bruxas e gnomos”. Contaram-me que tem um enorme leopardo rajado de amarelo e negro que toma conta de tudo. Ninguém ousa entrar lá e o tal Leopardo com suas enormes garras mata quem se arrisca. Um empregado meu, de nome Zózimo riu quando soube da história. Pegou uma espingarda e um facão e alardeou a todos que ia entrar. Sumiu por dois meses. Encontraram-no quase morto as margens do Rio Vermelho e ficou internado na UTI de um hospital por dois anos. Quando saiu pegou o primeiro ônibus e sumiu da cidade. Os que ouviram sua história tremem até hoje em contar.

Lourenço muito amigo dele disse que ele encontrou o Leopardo. Horrível, não deu tempo de fugir. Mas o Leopardo o encurralou em uma gruta e ele deu vários tiros e só a fumaça saía pela arma. O Leopardo sumiu e a noite escura e sem luar, apareceu uma linda moça, com um vestido longo e branco e o chamou. Ele sorriu e pensou quem mais alguém habitava aquela floresta. Foi até ela e os dentes enormes e as unhas enormes logo o envolveram. A moça se transformou em um Leopardo e só não o matou porque ele conseguiu correr pulando nas águas escuras do Rio Vermelho. Ele disse que enquanto nadava para a outra margem avistou um enorme lobisomem e várias bruxas que voavam por cima da sua cabeça. Bem eu nunca acreditei na história completou o Senhor Severino, mas querem saber? Nunca fui para aqueles lados. Mais tarde, na barraca Jobson deitado pensava na história. Não saía de sua cabeça. – Vou ver onde fica, se ninguém quiser ir eu vou!

Dito e feito. Jobson convidou a todos da patrulha – Vocês não acreditam nesta história acreditam? Acreditando ou não ninguém quis ir. Ele tentou tudo e até o Chefe o proibiu de comentar mais com a tropa. – Jobson ele disse – Ninguém nunca foi lá e voltou vivo, porque esta insistência? Acredite ou não eu o proíbo de comentar novamente com sua patrulha. Jobson olhou o Chefe e não disse nada. Uma tarde Jobson sumiu. Seus pais preocupados o procuraram no grupo e com todos seus amigos. Nada. O delegado chamou diversos homens e correram por toda a vizinhança da cidade. Dona Matilde disse que o viu pela manhã de uniforme Escoteiro e chapéu, Uma mochila e um bernal rumo a nascente do Rio Vermelho. Os Escoteiros quando souberam pensaram logo que ele tinha ido para a Floresta Negra da Bocaina. Danado! Pensaram. No fundo todos o invejavam.

Jobson sumiu. Por anos ninguém mais ouviu falar dele. Nonato Castanheira era Sênior e tinha também o sangue aventureiro a correr em suas veias. Quando Jobson sumiu ele era lobinho. Agora como sênior vivia sonhando em ir também conhecer o mistério da Floresta Negra. Tinha um

medo enorme e sabia que ninguém iria se arriscar a ir com ele. Sem mais nem menos Nonato Castanheira um sênior da Patrulha Pico da Neblina sumiu. Outro? Parecia uma epidemia, mas até então eram dois. Cinco meses depois Nonato Castanheira apareceu. Tinha um olhar diferente, não falava e nem sorria. Escreveu um bilhete aos seus pais pedindo desculpa por não ter dado notícias. Onde fora era difícil. Ele ia voltar e nunca mais iriam vê-lo novamente. No bilhete ele disse que apaixonou pela Fada Violeta, a mais linda mulher que o mundo conheceu. Ela a noite se transformava em fada e durante o dia era o temido Leopardo Guardião da Floresta.

Completo dizendo que a Princesa Violeta tinha muitos homens em sua volta. Formavam um enorme batalhão que a defendia contra tudo e contra todos. Sobre as bruxas e Lobisomens e Gnomos ele não escreveu nada. Parece que os homens que amavam a Princesa se transformavam a noite enquanto ela virava uma linda moça em monstros. A Floresta Negra maldita para uns cheia de amores por outros, cheia de fantasmas por muitos e muitos anos ficou intacta de visita de seres humanos. Eu soube que uma unidade da Marinha com mais de duzentos soldados entraram na floresta. Nunca mais voltaram. Ninguém mais se arrisca a entrar lá. Olhei para Diogenes e sua história mirabolante. Toda história eu sei que tem um fundo de verdade, mas aquela era demais. Quando voltei para casa procurei na internet todo que poderia contar no Google sobre a tal Floresta. Nada encontrei.

Pelo sim e pelo não um dia vou a Palo Verde, nem sei onde fica se é longe da Capital do Pará. Mas sou um Escoteiro aventureiro e não deixo nada sem investigar. Eu adoro histórias assim e breve muito em breve vou descobrir a verdadeira história da Floresta Negra da Bocaina. Vou tirar a limpo a história dos guardiões e da Princesa Violeta. Sei que eu não vou me enamorar. Adoro minha esposa e meus filhos e até já disse a eles o que vou fazer. Na próxima primavera irei de avião até Belém. De lá embarco em um navio em busca do Rio Vermelho. Se Palo Verde e a Floresta Negra existem, eu um Escoteiro vou encontrar sem sombra de dúvida. E quando voltar, se voltar vocês saberão toda a verdade!

Era tudo tão perfeito
um tanto quanto surreal
bruxas e belas princesas
unicórnios no quintal

onde andavam de mão dadas
chapeuzinho e lobo mau
e então agente acorda

tudo volta ao seu normal
bruxas queimam na fogueira
princesas só no carnaval.
Felippe Moraes

O grande amor da Escoteira Nataly.

Nataly não estava acreditando. Nunca pensou em passar por aquela situação. Namorar alguém na tropa? Nunca! O grupo escoteiro Tesouro do Mar já teve experiências que não deram certo. Os chefes se reuniram e fizeram uma norma. Pequena, sem muitos artigos. Aconselhava a não ter namorados entre escoteiros e guias. Na sede e na saída era proibido. Se os pais concordassem desde que dessem testemunho pessoal ao Chefe, o namoro em casa ou em locais devidamente autorizados poderiam acontecer, no grupo não. Ela riu quando viu estas normas. Era Escoteira. Dedicava de corpo e alma a sua Patrulha, suas atividades e em tempo algum pensou em namorar alguém. Quando a norma foi entregue a todos ela mesmo comentou com Norberto da sua Patrulha – Estamos aqui para fazer escotismo e não namorar. Era firme nas suas palavras.

Nataly naquele setembro fez sua passagem para a Tropa Sênior. Eram dezesseis. Seis rapazes e dez moças. Escolheu a Patrulha Pico da Neblina e ali encontrou grandes amigos. Não esquecia sua Patrulha Quati. Sempre que podia fazia uma visita e as amigas que lá ficaram. O disse me disse de quem gosta de quem havia entre os seniores e guias. Ela nunca deu ouvido para isto. Não era o que queria. Sonhava em ser Escoteira da Pátria e este era seu objetivo maior. Gostava da tropa. Animada, com mais liberdade de ação e de ideias. No Conselho de Tropa Sênior podia-se opinar e sugerir. Junto com eles fora em vários acampamentos regionais e até em um Jamboree. Mas sua preferencia mesmo era os acampamentos da tropa. Se possível longe da cidade, terreno desconhecido e sem casas perto. Nada que pudesse trazer a lembrança de civilização.

Tudo aconteceu no Acampamento em Agua Doce. Lindo local bem arborizado, um riacho gostoso para banho, muitos bambus para pioneirias. Seriam quatro dias e poderia ter sido o melhor acampamento de sua vida. Poderia mas não foi. No segundo dia à tarde o Chefe Landinho comentava sobre orientação, percurso de Giwell, leitura de mapa tema já discutido com o Monitor Robson da Patrulha e ele nos dava conhecimento da jornada do outro dia. Sem querer ela olhou para Paulo Roberto. Era um “bonitão” da tropa. Viu que ele olhava para ela e não tirava os olhos de sua direção. Ficou sem ação. Já o conhecia, não tinham muitas amizades fora do grupo e até na última “balada” na casa da Guia Marly pouco dançou com ele.

A noite ele se aproximou dela durante o jogo dos Feiticeiros da Morte. Perguntou se precisava de ajuda. Obrigada disse. Foi dormir impressionada. Sonhou com ele. Pela manhã acordou pensando nele. O amor chegava. A paixão adolescente florescia. Nataly estava ficando apaixonada. Tentou tirar ele da sua mente e não conseguia. Todo o acampamento para ela deixou de existir. O amor das atividades passou a ser o amor por ele. No terceiro dia só suspirava. Seu coração batia descompassadamente. Sua respiração quando olhava para ele acelerava. Sintomas de uma paixão? Ou de um grande amor chegando? Nunca em sua vida pensou que isto pudesse acontecer com ela. Afinal foram três dias de campo e tudo isso aconteceu tão rápido assim?

Na noite de sábado após o Fogo de Conselho as amigas se reuniram com os seniores para um “sarau” (cantigas de roça, desafios, poesias) e sob a supervisão de Chefe Vera eles ficaram até meia noite se divertindo. Paulo Roberto sentou ao seu lado. Ele a atraía. Irresistível. Seu coração como sempre deu pulos e pulos e sentiu sua mão suada quando ele a pegou. Era uma emoção forte demais. Ficaram rindo, brincando e se divertindo quando foi dada a ordem de recolher. Nataly achou que naquela noite não tinha dormido bem. Esqueceu por completo o acampamento. Esqueceu que ia tirar a especialidade de pioneiras. Esqueceu-se de tudo. Só pensava nele e já em plena madrugada dormiu. Sentiu um calor enorme no corpo e acordou assustada. Rezou. Pedia a Deus para que não se entregasse tanto aqueles devaneios.

No último dia após a inspeção e bandeira ele lhe fez um sinal. Ela não entendeu e ele repetiu. Subir o morro e encontrar com ele. E agora? Não sabia o que fazer e seu coração pediu que ela fosse. Atrás do bambuzal lá estava ele. Olhar lindo. Ele era o homem mais lindo que ela conhecera. Ele a tomou nos braços, a beijou e ela quase desmaiou. Ouviu vários jovens rindo e batendo palmas. – Ganhou a aposta Paulo Roberto. Disse que a

beijaria e beijou. Nataly ficou vermelha. Aposta? Maldito! E ela acreditou? Saiu correndo e chorou. E como chorou. Sua monitora ficou preocupada. O acontecido logo, logo tomou conta da tropa. Nataly queria morrer. Ali mesmo a Chefe Vera fez um Conselho de Tropa. Pediu a cada um sua opinião do que tinha acontecido. Foi correto? Foi Escoteiro? Leal? Votou-se pela suspensão de Paulo Roberto por dois meses.

Ele não voltou mais a tropa. Dizem que sua família mudou para um bairro distante. Nataly aprendeu a lição. Por vários meses detestou todos os homens. Mas depois sentiu que na tropa o apoio moral foi grande. Os que apostaram e fizeram chacota pediram perdão. Eu não gosto de julgar. Sempre não fui a favor de tropas mistas. Mas aceito que tem muitas dando bons resultados. Se esta história serviu de lição para mim não sei. Para Nataly tenho certeza. Ela só foi namorar firme com dezoito anos. Casou aos vinte e dois. Tem dois lindos filhinhos gêmeos. A males que vem para o bem. As coisas ruins que acontecem hoje conosco, podem nos ajudar e muito no futuro. Nada como ter exemplos e experiências para achar a trilha certa. A trilha que conduz ao Caminho para o Sucesso!

Coletor um saudoso Escoteiro e seu violão mágico.

Eu me lembrei dele hoje. Não sei por quê. Afinal era cedo, o calor se fazia presente e havia dias que não cantava nada. Ou melhor, quase não canto mais, pois a tosse não deixa. Se não me engano, pois minha memória não anda boa nos o chamávamos de Coletor. Porque este apelido eu não sei afinal Coletor lembra os templos bíblicos onde os Coletores de Impostos eram odiados. Alguém um dia me disse sorrindo que o imposto é a arte de pelar o ganso fazendo-o gritar o menos possível e obtendo a maior quantidade de penas. Risos. Ninguém gosta de pagar impostos. Seu nome verdadeiro era Cristófamo. Nome que eu nunca tinha ouvido falar e nunca

perguntei a ele porque o batizaram com este nome infernal. Melhor mesmo chamá-lo de Coletor.

O moço era um craque no violão. Como tocava. Era ele aparecer e uma grande roda se fazia. Não tinha uma bela voz, mas não precisava. Seus dedos deixavam a todos embasbacados. Coletor era um homenzarrão. Grande mesmo. O violão nos seus braços se tornava parte do seu corpo. Parecia que o violão gostava dele, pois se olhasse bem o violão estava sempre sorrindo, embalado por aqueles dedos especiais. Ele entrou para nossa patrulha entrando nos seu quatorze anos. Logo se tornou um de nós pela sua simpatia e esforço. Coletor era negro e forte como um touro. Naquela época acredito que tinha mais de um metro de oitenta. Não sabíamos de suas qualidades e seu domínio com um violão. Perguntou-me se podia levar seu violão nos acampamentos. – Claro, eu disse. Mas só pode tocar nos tempos livres. Ele enrugou a testa e perguntou – O que é tempo livre? – Eu ri dele, pois sabia que no campo nosso tempo livre era para trabalhar.

Qual não foi nossa surpresa quando a noite na Conversa ao Pé do fogo que sempre fazíamos todas as noites ele pegou o violão e começou a dedilhar. Naquela época o bom violonista tocava sempre com maestria o Luar do Sertão, As Rosas não Falam, Prece ao vento, Para dizer adeus, Chão de estrelas e tantas outras. Deitados em volta da pequena fogueira e olhando para o céu estrelado esquecíamos-nos de tudo. Quando Coletor aprendeu as músicas escoteiras foi um sucesso. A escoteirada vivia em sua casa. Ele nunca disse não. Tocava com alegria de saber que os ouvintes apreciavam sua técnica. Afinal quem não gosta de ouvir lindas músicas escoteiras? Ou quando ele tocava as suas prediletas? Eu sonhava o dia que ele pudesse gravar em um disco de vinil aquelas músicas que só seu violão tocava como se estivesse cantando. Já tinha em minha casa o disco do Trio Irakitan que tantas alegrias me trouxe, mas achei que Coletor era melhor no violão.

Em Conselheiro Pena fizemos um acampamento de grupos, uma época que não tínhamos distritos, mas uma grande amizade entre todos. Eram quatro Grupos Escoteiros. Na primeira noite, no nosso campo de patrulha as outras ouviram o dedilhar do violão do Coletor. – Dá licença? E assim foram chegando e sua fama se espalhando. No fogo de conselho foi ovacionado de tal maneira que no debandar ninguém debandou. Ficaram lá ouvindo as maravilhosas músicas de Coletor.

Eu só conhecia sua mãe. Ele nunca falou de seu pai. Perguntei ao Farolete, um sênior vizinho dele e pelo seu olhar vi que não iria contar nada. Só fiquei sabendo no dia seguinte da tragédia. Seu pai um bandido famoso

veio visitar o filho e a esposa. A Polícia de Captura estava de campana e uma saraiva de tiros se abateu sobre a casa de Coletor. Morreram todos. Nunca se cobrou nada das autoridades, uma época que a Polícia de Captura não dava satisfações a ninguém. O enterro do Coletor e sua família foi a noite. Para evitar palavrórios contrários decidiram que ninguém poderia participar. Ficamos de longe com olhos cheio d'água e chorando de fazer dó. Só espiando no alto de algumas árvores próximas ao cemitério. Durante uma semana dois policiais ficaram de guarda na porta do cemitério. Ninguém podia visitar o local onde foram enterrados.

Uma semana depois tiraram a guarda e eu corri até lá. Não só eu, mas a maioria dos jovens do Grupo Escoteiro. Era uma sepultura comum, só terra em cima e nem uma cruz havia. Não foi preciso de Conselho de Patrulha e nem Corte de Honra. Fizemos nosso trabalho. Com a ajuda do Mausoléu, um coveiro amigo nosso demos a ele e sua família uma bela sepultura. Era o local mais florido daquela morada onde todos diziam que quem estava lá não poderia voltar. Muitos Escoteiros e eu também juramos de pé junto que nas noites de lua cheia Coletor tocava. E como tocava. O campo santo começou a encher de ouvintes. Milhares e milhares acorriam. Eu mesmo ouvi o som do seu violão tocando o Canto da Promessa, da Despedida, do Fogo de Conselho e muitos outros. Nesta hora ninguém chorava e sim dávamos as mãos e fechávamos os olhos para sentir mais a presença do Coletor.

Um dia a necrópole se silenciou. Os sons do violão do Coletor emudeceu. Alguém disse que ele foi para o céu. Nossa patrulha mesmo assim não desistiu. Todas as noites fazíamos questão de arrumar as flores, limpar seu jazigo e na hora de ir embora dávamos as mãos em volta de sua morada e rezávamos baixinho um Pai Nosso pensando que ele, nosso amigo Coletor estava conosco nesta hora. Dizem que a vida não tem começo e nem fim. Os maiores poetas já diziam também que viver é uma maneira de sentir o mundo em um minuto e morrer é viver para sempre. Nunca mais voltei a minha cidade. Pelas correspondências o ex-Escoteiros da nossa patrulha que ficaram lá sempre diziam que o jazigo continuava limpo. Um deles me escreveu que nasceu sem ninguém plantar um enorme jequitibá. Outro dizia que muitos viram Coletor tocando seu violão em um galho do enorme Jequitibá. São coisas de cidade pequena. As histórias contadas sempre aumentadas, mas que nos fazem sentir que a felicidade existe nas lembranças para sempre!

Abba Fayard um menino muçumano que sonhava ser Escoteiro.

Abba Fayard nasceu em Zareh Sharan uma pequena cidade do Afeganistão. Desde pequeno todos os dias recitava a Shahada, pois ensinaram a ele que não há outro Deus que não Alá e Maomé, fazia as preces de manhã antes de ir para a escola e lá as preces do meio dia e ao retornar ao anoitecer e pela noite. Todas as sextas feiras ia com sua família a mesquita. As preces ele aprendeu a fazer em língua árabe, sobre um tapete e voltado para a Meca. Fazia questão de dar uma esmola legal desde que seu pai ou tio dessem a ele uma moeda. Sua família fazia frequentemente doações para favorecer o Islã, construir mesquitas, escolas corânicas e beneficentes. O Ramadã, o jejum anual era cumprido à risca. Seu pai era exigente e não perdoava. Sempre sonhou em fazer uma peregrinação a Meca e por ser pequeno seu pai dizia que ele precisava crescer para acompanhá-los.

Seu pai e sua mãe ensinaram a ele que ser muçulmano é acreditar num só Deus, incomparável, invisível, indivisível, poderoso, criador de tudo e de todos, não tem filho nem pai, não tem parceiro no seu reino. E ele acreditava piamente em tudo. Um sábado a família foi a Mesquita e ele pediu ao pai para sair e ir ao banheiro que ficava do lado de fora. Não aguentava mais. Quando saiu a Mesquita explodiu e morreram todos que estavam lá dentro. Abba Fayard chorou por muitos dias. Seu pai e sua mãe era sua família e ele não conhecia outros. Um amigo do seu pai disse que ele tinha um tio morando no Brasil. Passaram um telegrama e seu tio veio buscá-lo. Morava em Morro Vermelho, uma pequena cidade no interior de São Paulo. Tudo era estranho para ele. A língua portuguesa era difícil e só dois anos depois ele conseguia se entender, mas com dificuldade.

Não fez amigos, pois se achava um forasteiro entre eles. Não reclamava de sua nova família. Seu tio era um homem bom e sua tia não dizia nem sim e nem não. Um ano depois começou a frequentar a escola. Mesmo prestando a máxima atenção não entendia nada. Já estava com doze anos. Não fez amigos e na Mesquita não tinha meninos só adultos. Seu tio não era tão exigente, mas as obrigações de um bom muçumano eles faziam questão

de cumprir. Um dia seu tio o levou a um desfile na cidade. Disse que era a data magna e se chamava Sete de Setembro. Data da libertação do país. O que ele adorou foram os meninos e meninas uniformizados de caqui e com um chapelão lindo. Não tirou os olhos deles. Pediu ao tio para ir com eles marchando. Seu tio riu e balançou a cabeça dizendo sim. – Não demore, eles são escoteiros.

Descobriu sua sede e ficou lá olhando o que eles faziam. Voltou outros sábados e um dia um senhor de idade avançada o chamou – Quer ser Escoteiro? Abba Fayard ficou vermelho porque nunca ninguém dirigiu a palavra assim a ele. Claro que queria, mas sendo muçulmano ele não sabia se o iriam aceitar ou se seu tio deixaria. Esperou vários dias para falar com seu tio. Foi educado a não incomodar os mais velhos a não ser por extrema necessidade. Quando falou seu tio o ouviu e disse: - Porque não? Vamos sábado conversar com o Chefe. Dito e feito. Explicaram ao Chefe que eram muçulmanos, tinham normas, horários e dias certos para cumprirem suas obrigações com Alá. O Chefe disse que discutiria tudo na Corte de Honra e ela daria a palavra final. Explicou ao seu tio o que era a Corte de Honra.

Quinze dias depois seu tio foi informado que ele foi aceito. Abba Fayard riu de orelha a orelha. Foi com seu tio no sábado a reunião. Ele sabia que sempre às dezoito horas ele deveria fazer suas preces em língua árabe, ajoelhado e voltado para a Meca. A reunião só foi terminar às seis e meia da tarde. Mas ele pediu permissão ao Monitor, viu a direção onde estaria a Meca com sua bússola, ajoelhou e começou a rezar. A tropa parou e assustou com aquilo. O Chefe chamou a todos e explicou que Abba Fayard era muçulmano e sua religião tinha rituais que nenhum deles poderia deixar sem fazer. No sábado seguinte a patrulha procurou Abba Fayard para pedir se podiam rezar com ele. Ele falou para seus irmãos escoteiros que um bom muçulmano acredita em todos os Profetas de Deus. Desde Adão até Muhammad incluindo Jesus, ele acreditava também nas escrituras de Deus, nos seus anjos e que haveria um juízo final e nele todos fariam a apresentação de suas contas individuais pelas ações praticadas. Se eles pensassem assim claro que poderiam orar com ele.

Na primeira vez foram oito escoteiros e na segunda mais de doze. As preces não eram longas, mais ou menos dez minutos. A princípio o Chefe achou que seria ótimo os meninos conhecerem outra religião. A participação foi tomando vulto e agora até os lobinhos participavam. Mas em um sábado o pároco do bairro foi até lá. Horrorizou-se com o que viu. Chamou o Chefe e disse que ele não deveria permitir. O padre não parou por aí. Nas missas dos finais de semana ele contava tudo que viu para os participantes da igreja. O tio de Abba Fayard o aconselhou a sair. A cidade inteira não

entendia o que era aquilo e como a maioria era católica mais cedo ou mais tarde eles iriam condenar os poucos muçulmanos que moravam na cidade. Abba Fayard chorou toda a semana. Ele amava o escotismo, nunca pensou em abandonar seus amigos, mas ele amava também sua religião. No sábado avisou o Chefe e sua patrulha que não voltaria mais.

A patrulha ficou revoltada. Um absurdo eles disseram. O tema foi levado a Corte de Honra e foi parar no Conselho de Chefes. A maioria era a favor de Abba Fayard, mas se sentiram sem ação naquele caso. Não se sabe como alguém pegou varias assinaturas e foi convocado uma Assembleia do Grupo em regime extraordinário. Dos oitenta e seis votantes setenta foram a favor dele continuar. Uma comissão foi conversar com o padre e ele irredutível. Foram conversar com o Bispo e ele disse que era problema do padre. Um belo domingo o Grupo Escoteiro quase completo e tendo também muitos pais juntos saíram em passeata pela rua. Cartazes explicavam o porquê. – Abba Fayard tem direitos dizia um – Abba Fayard é muçulmano e nosso irmão dizia outro cartaz. Uma multidão foi atrás. Na missa da tarde a maioria dos católicos condenaram o padre pela sua ação intempestiva.

Um mês depois o bispo veio visitar a cidade. Para mostrar que eles podiam errar foi até a mesquita dos muçulmanos e lá orou com eles. Tudo mudou na igreja do pároco. Abba Fayard voltou ao grupo. Recebido com abraços de um por um de todos os participantes do grupo. Até o prefeito resolveu doar todo fim de ano uma boa quantia para o grupo. Ninguém amigo de Abba Fayard mudou de religião. Quem era católico continuou católico. Quem era evangélico continuou evangélico. Um menino, uma patrulha, uma tropa e um Grupo Escoteiro mostrou que existe lugar para todos no escotismo. O final da história? Realmente não sei. Não me contaram mais nada, mas será que existiria mais alguma coisa para contar? Afinal o Escoteiro não é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros?

Nós não herdamos a Terra de nossos antecessores, nós a pegamos emprestada de nossas crianças.

Ele era apenas um índio... Um índio brasileiro!

Ele sabia que não era de uma extirpe de índios famosos, seus antepassados se foram e agora eram uma tribo de gente triste e sem futuro. Seu nome era José Raposo. Seus pais disseram que o primeiro nome dele era Guaraciaba, aquele que tem cabelos de sol. Loiro? Diziam que sim. Zé com seus dezoito anos era um índio simples, curtido de sol, usava um calção verde e com ele ficava por uma semana ou mais. Tinha um corpo jovem, mas um medo atroz de uma doença maldita que quase acabou com sua tribo. Kerexu ainda contava belas histórias dos índios Botocudos, quando eram fortes e famosos e habitavam a Serra do Onça no Alto Rio Doce. Kerexu dizia ter duzentos anos, mas não era verdade. Devia chegar nos 105 anos não mais. Ninguém entendia porque ele não morria. Era tudo na tribo, o Pajé, o doutor, o psicanalista e o religioso. À noitinha a meninada corria para a porta de sua Oca. Ali ficavam esperando a hora que ele com seu cachimbo enorme, com folhas de tabaco ressequidas soltava gostosos rolos de fumaça que fazia os olhinhos da turma seguirem o O ou o U que ele fazia com a fumaça que expelia do cachimbo. Kerexu era uma alma boa. Jose Raposo o considerava como um pai.

Zé não tinha o que fazer. Zanzava para um lado e outro da aldeia e seus arredores. Sempre de olho nas águas modorrentas do Rio Doce. Ele sabia que terminando a estação das chuvas Anajé o Branco poderia aparecer. Eles se conheceram quando Zé viu-os acampados próximo à cachoeira do Limão, logo abaixo da curva da serpente. Ficou a olhar de longe os meninos brancos de chapéu longo, de lenços no pescoço e tentava em sua pequena compreensão ver o que iriam fazer. Alguém o cutucou por trás e Zé deu um salto se preparando para a luta. Anajé riu quando viu que ele se encrespava todo. – Paz amigo, muita paz! E sem ele esperar o Branco lhe deu um abraço. – Como se chama? Zé pensou que devia dizer seu nome indígena, quase disse – Apenas Zé... Mas orgulhoso falou alto: - Guaraciaba, o homem dos cabelos do sol! - Muito prazer Guaraciaba, meu nome é Josiel, mas me chame por Anajé, o gavião das montanhas! Recebi este nome há dois anos quando saltei o Fogo do Conselho no Vale das Corujas.

Ficaram amigos e a noite, quando eles fizeram um fogo, Anajé cortou acima de seu pulso com a faca, repetiu o mesmo com o seu e dos demais brancos da patrulha. Juntou as junções que sangravam e disse – Guaraciaba, você e eu Anajé e os Patrulheiros da Raposa agora somos irmãos de sangue para sempre. Guaraciaba sorriu. Nunca teve amigos

brancos e viu que os jovens de caqui lenço e chapelão bateram palmas. Guaraciaba os convidou para visitar a aldeia. Meu amigo Anajé, não espere ver tendas de lona redondas feitas de pele de búfalo ou cavalos malhados a saciarem a sede na beira do nosso rio. Não espere roupas coloridas, colares feito de pedras preciosas, penachos de penas de pássaros que só nas mais altas montanhas se encontram. Nada disto, nossas tradições se perderam no tempo, hoje somos à sombra de uma famosa tribo dos Botocudos que um dia se orgulharam de suas histórias e lendas que desapareceram com o vento. Anajé riu. – Amigo e irmão Guaraciaba, não quero ver grandiosidades, basta o amor que vocês têm no coração. Anajé voltou lá por muitas luas. Fez muitos amigos na tribo e conversa constantemente com Kerexu.

Quando Guaraciaba e Anajé estavam juntos, eles corriam pelas campinas, pisando em flores macias, saltando riachos de águas cristalinas, escalando montanhas e picos próximos a Nanuque, Crenaque ou na Mata do Condor. Nunca Guaraciaba foi tão feliz. Kerexu fez boas previsões para a amizade dos dois, mas preveniu Guaraciaba que um dia Anajé iria desaparecer como o vento da chuva para sempre. Anajé o levou a visitar sua cidade, o alojou em sua própria casa, ele sentou em uma mesa com a mãe de Anajé e seu pai, se sentiu importante por fazer as refeições junto aos brancos. No passado ele não gostava de brancos. Zumbiara o Chefe da FUNAI era traiçoeiro. Nunca atravessou o rio. Sempre mandava chamar o seu pai o Cacique Aritana para dar ordens, remédios e mantimentos. O fazia com desprezo, como se estivesse dando do próprio bolso. Mas ali, junto à família de Anajé Guaraciaba se sentiu outro. Tinha orgulho agora de ser um índio. Ele sabia que seu coração era feito de sangue vermelho, sangue dos antepassados e agora mais ainda sorria por ser quem era.

Naquele sábado que ele foi apresentado a Tropa, a Alcateia, ao Grupo Guaraciaba chorou. Não queria demonstrar fraqueza, pois diziam que índios são fortes valentes e não choram. Sentiu a força dos meninos de amarelos e azuis, de lenço e chapéu grande. Sentiu uma amizade entre eles incrível. Quem sabe ele poderia fazer isto na sua tribo? Retornou pensando em mudar. Em voltar no tempo dos guerreiros fortes, sorridentes e que manteriam para sempre seu passado e se orgulhassem dos seus antepassados. Guaraciaba casou com Avati e com ela teve dois filhos homens. Mandou vinte guerreiros estudar na capital. Dois voltaram doutores. A tribo mudou da água para o vinho. Agora a Aldeia tinha uma escola e um posto de saúde e Guaraciaba corria pelos campos, pelos rios e riachos a procura dos gazeteiros. Dava um sermão e eles de cabeça baixa voltavam para a escola. Anajé um dia disse a ele: - Guaraciaba um dia não vou voltar. Tenho que partir para longe em busca do meu destino. Mas

quero que lembre que meu sangue está junto com o seu. Em espírito aqui irei morar para sempre.

Anajé partiu. Muitas luas se passaram e Guaraciaba ficou doente. Seus doutores e Kerexu fizeram tudo para salvá-lo, mas não conseguiram. Os filhos de Guaraciaba agora adultos juraram ao seu pai que os antepassados dos Botocudos iriam se orgulhar na nova tribo para sempre. Uma semana depois Guaraciaba estava nas últimas. Seus olhos quase não abriam. A taba cheia de índios rezando. Alguém pediu passagem e ninguém mais ninguém menos que Anajé apareceu. Deu um abraço aperto em Guaraciaba. – Meu amigo, eu estava longe e uma noite Caapora e Catu me apareceram em sonhos. Disseram que você precisava de mim e logo sumiram em uma nuvem branca no céu. Aqui estou e vim trazer para você o meu amor Escoteiro onde um dia nossos sangues se cruzaram para que pudéssemos ser amigos até no firmamento na terra dos seus antepassados. Quando você partir o sol vai sorrir, quando você chegar ao meio do céu Tupanã o Deus do Universo vai abraçar você. Então Tupanã vai soprar sobre você e vai dizer – Aqui Guaraciaba. Você vai esfriar sua sede, aqui o fogo do céu vai aquecer seu corpo quando sentir frio. Aqui você vai correr pela terra junto aos seus antepassados.

Guaraciaba morreu sorrindo. A tribo começou a cantar aos sons de tambores, chocalhos, guizos e cabaças. No céu de brigadeiro um trovão anunciou a chegada de Guaraciaba junto a Tupanã. Anajé partiu três dias depois. Abraçou Piatã e Apuã os filhos de Guaraciaba – Estarei com vocês em todas as horas e em todos os momentos. Pensem em mim quando precisarem de ajuda. Anajé colocou seu chapéu de abas largas, firmou seu lenço verde e amarelo no pescoço, amarrou sua bota negra e alçou sua mochila verde nas costas. Em uma simples jangada atravessou as águas tranquilas do Rio Doce levando consigo as saudades de um índio que sempre amou!

“Porque o meu irmão índio também me ensinou o valor da terra, o amor pelo chão e por seus frutos”.

A canção que ela fez para mim!

Naquele sábado fui para a reunião meio desanimado. Não sei por quê. Muitas reuniões parados na sede, nenhuma excursão, jornada ou até um acampamento de fim de semana. Para ser franco eu também não mexi uma palha para animar a patrulha. Na sede ninguém. Por quê? Sempre nos encontramos ali antes do início, falar dos outros, papear, “causos” não era uma rotina? Fui para o pátio da sede. Então eu a vi. Fiquei sem fala. Linda! Impossivelmente linda! Uma princesa ou uma rainha? Desceu das nuvens direto na sede? Ou quem sabe um anjo que Deus mandou para dar novo ânimo aos seniores? Olhe meu coração disparou. Minha mente deixava o corpo e se transportava para os mais lindos locais que já tinha ido. Fui à Cachoeira do Sonho, fui à Montanha Das Borboletas Douradas, fui até no despenhadeiro da Mil Mortes. Joguei-me lá de cima. Sabia que não ia morrer.

Foi então que percebi. Lá estavam os Seniores. Todos eles. Não faltou ninguém. Em pé todos encostados na parede da sede, e como eu não tiravam os olhos da linda moça dos cabelos dourados. Cachos despencando como na Cascata do Sol Nascente. Olhos? Azuis! Incrivelmente azuis como um água marinha do fundo do mar... Uni-me a eles. Não notaram a minha presença. Seus olhos esbugalhados assim como o meu só tinham uma direção. Cláudia Alvonaro. Seu corpo? Não posso dizer aqui. Sênior não tem pensamentos impuros. Ele é limpo de corpo e alma! Mas ela parecia ter sido esculpido por Michelangelo, ou melhor, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni. Ah! Una Madonna Escoteira? Quem sabe ali estava sua obra prima da renascença sua bela escultura a Pietá. Não podia ser. Estávamos em 1958 e não 1498 quando ela foi esculpida.

A paixão tomou conta de mim. De mim só não de todos os seniores. Doze rapazes perdidamente apaixonados pela bela Cláudia Alvonaro. Mas de onde ela veio? Da cidade não era. Conhecíamos todas as beldades. – Ela é de Vitória. Espírito Santo disse Lucas um Monitor. Meu Deus! Capixaba e linda assim? Bendita Vitória do Espírito Santo. Santino o Chefe Sênior adentrou ao pátio. Jovem ainda. Vinte e oito anos. Viu-nos e foi até nós cumprimentando. Ninguém olhou para ele. Inteligente como todo Chefe Sênior descobriu através de um “Kim” imaginário o motivo de nossa perplexidade e imutabilidade. – Ora, ora, parecem que nunca viram uma garota! Ele disse. Sem respostas. Continuávamos mudo. Olhos vidrados na bela Cláudia Alvonaro. A mais bela capixaba que o mundo conheceu. E nós

os bravos seniores da tropa Anhanguera ali pensando que os anjos também existem.

Ela estava linda. Uniforme azul, bonezinho de lobo. Saia curtinha (que pernas meu Deus!). Akelá? Não tinha mais de dezoito anos! Não seus bobos disse o Chefe Sênior. Ela é Assistente. Tem dezessete. Está fazendo uma visita. Vai embora hoje no trem noturno das oito. – Vou também! Falaram todos ao mesmo tempo. Chefe Santino riu sonoramente. Que vida. Descobrir o amor de nossas vidas, a nossa alma gêmea e ela vai embora assim? E para piorar tudo ela começou a cantar. Os lobos sentados em círculo e ela cantando uma canção que não conhecia. Voz? Ela não devia estar ali. Devia estar cantando na Broadway ao lado de Frank Sinatra e Lisa Minelli. Uma cantora nata! Ninguém na sede tirava os olhos dela. Maravilhosamente bela e uma voz harmoniosa, que podia seguramente ser a maior cantora de todos os tempos.

O céu que me condene! Que me mate! Que acabe comigo. Estava “deverasmente” apaixonado. Perdidamente apaixonado. E o pior aconteceu! Ela olhou para mim e deu um sorriso. Senti o corpo tremer. Tive que sentar. Que sorriso! Que voz! Que rosto! Que corpo! Não podia ser uma mulher Akelá. Era uma deusa trazida do Olimpo. E eis que como se fosse uma chicotada, como se tivesse caído uma pedra enorme em minha cabeça, um Chefe novo de uns vinte e cinco anos entrou acompanhado do Chefe do grupo. – Vamos embora meu amor! O que? Meu amor? Então olhei melhor, ele estava com a aliança na esquerda e ela também. Marido e mulher. Macacos me mordam! Com mil demônios! Que mil raios caíam em minha cabeça. Pelas barbas de Maomé. O sonho fugiu pelo ralo. Era comprometida. Quem sabe poderia combinar com alguns seniores e dar um sumiço no tal Chefe?

Ela se foi. Deu um “xauzinho” sorrindo, e disse um Sempre Alerta com uma vozinha tão doce que nunca mais, nunca mais mesmo e eu juro, irei esquecer. A mulher dos meus sonhos, a mulher que iria ser a minha vida, a minha alma gêmea se foi. Se houve reunião de seniores eu não sei. Acho que os outros também ficaram como eu no mundo da lua. Começamos mudos e terminamos calados. Chefe Santino sorria no alto dos seus vinte e oito anos. Um homem experimentado sabendo o que sentia aqueles garotos que estavam crescendo e aprendendo com a vida. Cláudia Alvonaro virou a esquina abraçado com seu amado. A tropa acompanhou com os olhos seu ultimo adeus. E eu? Fiquei meses sonhando, pensando até que um dia!...

Era uma vez... O Trem dos Escoteiros.

Tonico estava na roça. Ao seu lado Zeca e Alfeu. Seu pai estava mais ao longe e todos capinavam a roça onde iriam plantar milho e feijão. As chuvas de março não iriam demorar a cair e o tempo era curto para o plantio. Não havia nada de novo, era sempre assim, mês a mês, ano a ano. Tonico não sabia sonhar, não desejava o que não tinha. Afinal sonhar com que? Ele só conhecia aquela vida. Uma pequena casa de três cômodos, uma mesa com dois bancos e um fogão de lenha. Não havia luz elétrica. As noites seu pai ligava um radinho de pilha e Tonico ouvia com gosto a Voz do Brasil. Debaixo da Aroeira eles costumavam sentar a noite antes de dormir. Era ali que ele pensava no mundo a sua volta, mundo que não conhecia. Tonico queria estudar, mas a escola mais próxima era em Santo Agostinho. Um vilarejo a mais de trinta quilômetros de distancia. Ele sabia que seria como seu pai, como seu avô. Fazia parte de sua vida do seu destino.

Era um simples trem. Cinco ou seis vagões de passageiros. Tonico sempre o via pela manhã a passar correndo nos trilhos de aço da estrada de ferro proximo onde trabalhava. Dava uma parada na capinagem, segurava no cabo da enxada e via pelas janelas os sorrisos, as alegrias dos viajantes e até alguns deles diziam adeus com as mãos fora da janela. Seu pai dizia ser o Trem Expresso das onze da manhã. Era por ele que paravam para almoçar. Sua mãe sempre prestimosa levava as marmitas com um pouco de arroz, um ovo cozido e farofa que ele adorava. O trem seguia seu caminho e Tonico voltava à labuta que era sua vida, sua rotina. Com doze anos Tonico não podia ser chamado de um menino triste, não era. Ele gostava de a noite pegar a viola de seu pai, dedilhar uma canção e cantar baixinho com medo de que a noite escura não lhe ouvisse seu cantar tristonho. Sua mãe fazia questão que na hora de dormir ele e ela dessem as mãos quando pediam a Deus para que nada faltasse aquela família.

Tonico ouviu o apito do trem. Lá vinha ele correndo feito um louco em cima dos trilhos de aço. Desta vez ele diminuiu a velocidade, parou bem em frente onde Tonico, Zeca e Alfeu capinavam. Tonico sorriu quando viu que o

trem parou. Não entendia porque ele parou. Da janela de um vagão meninos de chapéu de abas largas acenavam para ele. Quem eram? Tônico sorria sem saber do porque o sorriso. Quem sabe pelos meninos de roupas iguais? De chapéu grande? De lenço no pescoço? Ah! Tônico daria tudo para saber quem eram eles. Lá onde estava ouviu o cantar deles no trem das onze, hora para eles almoçarem, pois sua mãe estava chegando. Mas ele prestou atenção no cantar na letra e sabia que nunca mais iria esquecer: - ¶¶ “Escoteiros sempre avante, pois nos vamos acampar, bem além do horizonte, lá na serra do além-mar” ¶¶. Tônico sorria, ele gostou da canção. Aprendeu os primeiros versos e acordes. Sabia que a noite ele iria cantar e seu pai e sua mãe iriam ouvir sem saber o que significava.

O trem das onze começou a andar devagarinho. Buzinou para o céu azul como a dizer – “Eu quero passagem, eu preciso seguir meu destino”! Tônico sem perceber começou a correr ao lado do trem. Ele corria junto à janela daqueles meninos de roupas iguais com lenço no pescoço e uns chapéus enormes. Os meninos começaram a bater palmas para ele, um deles lhe jogou um lenço e Tônico saltou como uma onça e o pegou no ar. Era seu troféu. Um lenço azul cor de anil. Apertou com suas mãozinhas no peito o presente que ganhou daqueles meninos de roupas iguais, um lenço no pescoço e chapéus grandes na cabeça. O trem foi mais veloz que Tônico e sumiu na curva do Boiadeiro, onde Tônico, Zeca e Alfeu e seu pai voltavam à noitinha para casa após a capina. Tônico parou e nem sabia no que pensar. Tônico chorava e não sabia se de alegria, de tristeza e de saudades daqueles meninos de roupas iguais, de um lenço no pescoço e de um chapelão na cabeça.

Ouviu seu pai lhe chamando para almoçar. Hoje iriam comer correndo, pois no céu nuvens negras se formavam. Em nenhum momento Tônico esqueceu o trem das onze, dos meninos de roupas iguais, da canção que cantaram para ele e do lenço que deram a ele de presente. Seria seu troféu por toda a vida. Enquanto almoçava Tônico pensava. O que eles iriam fazer? Para onde iriam? Será que eles conhecem a Mata do Sino? Será que eles algum dia cantaram ao som de uma viola em volta de uma fogueira? Tônico não sabia. Mas Tônico sabia que eles sorriam muito, eles cantavam que eles eram muitos e que ele nunca mais iria ver aqueles meninos sorridentes de roupas iguais, lenço no pescoço e um chapelão na cabeça. Tônico voltou naquele dia para casa tristonho, e pela primeira vez pensou que ele também poderia ser um deles, pela primeira vez Tônico sonhou. Que sonho lindo, ele no trem das onze, na janela cantando, todos se abraçando e partindo para um lugar maravilhoso, que ele só imaginava, pois nunca esteve lá.

Nunca mais Tônico viu os meninos de roupas iguais, de lenço no pescoço, com um chapelão na cabeça e dentro do trem das onze. Tônico nunca mais esqueceu aquele dia e hoje, já homem feito, lá na mesma roça que antes era do seu pai, junto ao seu filho Felipinho, ele sempre conta a mesma história, canta a mesma canção, dos meninos de roupas iguais, de lenço no pescoço e de chapelão na cabeça. Felipinho sorri sempre quando ele canta e conta a história do trem das onze. Ele não imagina como devia ter sido e presta muita atenção quando o trem apita, quando o trem passa correndo e não para. Não dá para ver quem vai lá dentro dos vagões. Não dá para ouvir canções e sorrisos. A vida é assim mesmo. Tem aqueles que podem ter e viver um sonho tem aqueles que podem sonhar, mas nunca irão viver o sonho. Mas cada um em sua vida pode ser feliz, pois Deus nos trouxe ao mundo para viver o seu destino.

- ¶ “Escoteiros sempre avante, pois nos vamos acampar, bem além do horizonte, lá na serra do além-mar” ¶.

Enzo, o Monitor da Tropa Cadopora.

Enzo estava pensativo. Já duravam duas semanas e na patrulha não se falava outra coisa. O Arthur ia passar para os sêniores no mês que vem. Até aí tudo bem, mas o Arthur era Monitor. Mesmo com o Murilo seu sub. há muito tempo todos sabiam que haveria eleição. Era uma tradição desde que a tropa fora fundada. O sonho de Enzo sempre foi ser um Monitor. Desde que passou dos lobos para a tropa. Sabia que tinha de esperar sua vez e para isto sempre foi participativo no trabalho e nas ideias da patrulha. Havia uma amizade enorme entre eles, mas havia Julia ela também sonhava. Um dia ela disse para ele. – Enzo, eu também sonho em ser uma monitora. Os demais não tinham essa preocupação. Para eles tanto fazia ser como não ser. Enzo não entendia porque, afinal seu pai um dia disse para ele que quem fica parado é poste. – Siga seu próprio nariz se quer ser alguma coisa na vida, dizia o Chefe Tomaz. Era seu direito em sonhar e a Julia era páreo

duro. Primeiro que ela sorria de uma maneira tal que ninguém dizia não. Sabia conquistar e fazer amizades.

Arthur o Monitor achou por bem fazer um Conselho de Patrulha. Explicar a sua ida para os seniores e combinar a data da eleição do novo Monitor. Arthur não foi um excelente Monitor, todos o achavam muito mandão. Sim ele trabalhava e muito, mas exigia demais. Quando na inspeção a patrulha falhava todos sabiam que ia haver sermão. Arthur não era participativo. O que se falava na Corte de Honra ninguém sabia nada. Nas outras patrulhas havia comentários, mas a Tamanduá não se falava outra coisa. Robertinho da Patrulha Arara morava na sua rua e lá eles eram grandes amigos. Eles tinham liberdade de conversar tudo que achavam da Tropa Caapora. Enzo nunca escondeu de sua decepção com a patrulha no último acampamento. Não se classificaram tudo porque o Arthur dormiu mais do que devia e era sempre ele que acordava a patrulha. Resultado não deu tempo para preparar o campo e na hora da inspeção a tampa da fossa de líquidos estava quebrada, no fogão suspenso havia muita cinza, uma das barracas tinha a forquilha solta e só isto jogou a patrulha lá embaixo. Enzo quase chorou e ainda bem que o Robertinho era bom amigo e o consolava sempre.

- Sabe Robertinho, dizia Enzo – Eu queria ser Monitor, queria mostrar a todos o que deveria ser um Monitor. Iria seguir a risca o que Baden-Powell disse - ‘Quero que vocês, monitores, entrem em ação e adestrem suas patrulhas inteiramente sozinhos e à sua moda, porque para vocês é perfeitamente possível pegar cada rapaz da Patrulha e fazer dele um bom camarada, um verdadeiro homem’. De nada vale ter um ou dois rapazes admiráveis e o resto não prestando nada. Vocês devem procurar fazê-lo todos positivamente bons. – Robertinho retrucou que não é fácil conduzir uma patrulha. Cada Monitor tem um estilo. Veja o Joel nosso Monitor. Todos o acham paradão, se não fosse o Cassio o Sub a patrulha já tinha ido para o brejo há muito tempo. Enzo lembrou quando entrou para a tropa e o Chefe Josias com sua barriga e suas pernas curtas nunca acompanhou como devia a tropa. Só sabia gritar e quando ia fazer algum comentário deixava todos de pé por vinte ou trinta minutos. – Sabe Robertinho, naquela época quase saí.

- Ainda bem que ele foi embora e entrou o Chefe Marcelo. Ele é bom demais. Amigo, compreensivo, educado e só chama a atenção de alguém em particular. Na semana seguinte o Conselho de Patrulha votou que a eleição seria na próxima semana. Qualquer um poderia ser candidato. Arthur fez questão de perguntar a um por e um e só Enzo e Julia seriam candidatos. Claro que ele aproveitou para fazer uma preleção sobre como

devia ser o Monitor, mas não disse que deviam ser diferente dele. Ninguém reconhece seus erros só os acertos. Tudo ia bem quando na quinta o mundo de Enzo explodiu. – Não era possível! Ele pediu tanto a Deus e agora? Seu pai naquele dia entrou em casa sério, chamou Enzo, Norma sua irmã e sua mãe dizendo que tinha um importante comunicado da fazer – Entrou logo no assunto: - Fui transferido para Monte Azul. Meu salário terá um aumento considerável e lá serei o Diretor da Secretaria Fazendária. Enzo foi para seu quarto e chorou mesmo com sua irmã e mãe tentando ajudá-lo a compreender as responsabilidades na família.

Nunca na vida Enzo chorou tanto. Queria tentar entender, mas sua mente só tinha uma preocupação o seu amor pelo escotismo e o sonho de ser Monitor. Sonho que estava tão perto! Naquele sábado as suas pernas não ajudavam. Enzo foi para a reunião com o peito queimando. Sabia que a mudança da família seria feita só em janeiro a espera do termino do semestre para eles não ficarem prejudicados na escola. Seu pai iria antes. Quando chegou a sede viu a alegria tão conhecida, as patrulhas reunidas, muitos de pé lhe dando o Sempre Alerta, os lobinhos em uma correria sem fim. – Será que vou aguentar? Ainda faltam oito meses para a mudança, mas eu conseguirei continuar aqui? Meu coração pesa, minha mente está em pedaços, meu Deus não sei o que fazer! A reunião começou, só ao termino dela a Patrulha faria seu Conselho. Conselho tão esperado por Enzo. Quando o Arthur chamou a patrulha para se reunirem na sede, na sala onde se fazia A Corte de Honra e outras reuniões importantes, Enzo fechou os olhos e rezou pedido a Jesus que lhe desse força.

Aberta a reunião do Conselho Enzo pediu a palavra. Contou tudo. Seus olhos estavam marejados de lágrimas. Não haveria volta ele ia partir. Durante segundos e minutos ninguém disse nada. Todos sabiam que Julia agora seria a nova monitora. Ela pediu a palavra – Patrulheiros, pela primeira vez eu senti que não seria digna de ser monitora, não neste momento. Se todos concordarem Enzo será nosso Monitor até janeiro quando vai embora. Acho que ele merece isto. Uma tremenda de uma salva de palmas. Até Arthur no alto de sua pose de Monitor, levantou da cadeira e deu um grande abraço em Enzo. Este não sabia o que dizer. Não sabia se chorava ou se ria. Monitor por um dia? Por meses? Porque não? Todos correram a abraçá-lo e jogá-lo para o ar. Se em todos os monitores do mundo existe uma força que o faria ser por tão pouco tempo um grande Monitor, Enzo não decepcionou.

No dia da partida foi uma festa. Uma festa que ficou marcada na vida de Enzo para sempre. Partiu sorrindo e chorando. Deixar para trás a tantos que sempre amou não era fácil, mas eles foram dignos com ele. Mereciam

que fossem gravados em sua mente para sempre. Se lá em Monte Azul não houvesse um Grupo de Escoteiros, Enzo faria tudo para que exista um. Coração de Escoteiro é assim, não desiste nunca. Não importa onde, não importa o lugar, Escoteiro é Sempre Escoteiro. Enzo foi um dos maiores monitores da história do escotismo. Onde estivesse eu sei que Baden-Powell estaria orgulhoso dele!

Nas terras bravias do Lago Dourado.

Foi uma noite calma. As estrelas não cintilavam no céu como no dia anterior. Algumas nuvens brancas as cobriam como se fossem um manto protetor. A lua se fora há tempos. Achei que ia chover. Não choveu. Meus olhos estavam fechados. Dormitava pela madrugada fria. Um pequeno tronco me serviu como travesseiro. Coisas de um "Velho" mateiro acostumado. Um pequeno fogo ao lado agora só brasas com pequenas fagulhas que se inibiam ao subir aos céus me davam um pouquinho de calor. Pela aba do meu chapéu de três bicos eu podia ver a escuridão da noite. Gostava dela. À noite. Era minha amiga de muitas e muitas jornadas.

Não ansiava pela madrugada. Que ela chegasse de mansinho como à brisa que aparece trazida pelo vento. Não era um arbusto e quem sabe seria um pequeno arvoredo que encontrei perdido naquele vale dos sonhos onde dormia. Serviu-me de manto para a noite gostosa daquele inverno que não fora tão rigoroso como os anteriores. Minha mochila ao lado era minha companheira de anos e anos de caminhada. Sempre fora. Dentro dela com carinho estavam minhas "bugigangas" de mais uma jornada. Meu bernal pendurado no galho guardava minha "matutagem" caso tivesse fome. Abri um olho de mansinho. Avistei uma cigarra azul que cantava baixinho seus cantos noturnos. Gosto das cigarras. Fazem-se de pródigas e só aparecem uma vez ao ano. E como são lindas. Amo-as! Muito!

Senti uma brisa leve no rosto. Soprava gostosamente. Gostosa mesmo. Afagante. A brisa. Sempre perdida por aí. Nas montanhas, nos vales nos rios caudalosos ou no pequeno riacho de águas turvas. Uma amiga. Não se esquece da gente. Os anos passam e lá está ela. A madrugada não iria demorar. Grilos falantes pareciam fantasminhas na escuridão noturna. Melhor tentar dormir. Fora um dia e tanto. Uma grande jornada de um "Velho" Escoteiro sonhador. Um vagalume pousou no meu ombro. Sorri para ele. Enrosquei-me na Manta Negra que um dia a muitos e muitos anos meu Vô me deu com carinho. Não sentia frio. O corpo curtido pela idade já não era aquele de um passado que se foi.

Um pequeno lusco fusco. Sinal que ela a madrugada ia chegar. Eu gostava das madrugadas. Eram lindas. Não importava se com sol ou com chuva. Adorava as madrugadas nos campos perdidos deste mundo de Deus. O cheiro da relva, das flores silvestres. O cheiro da terra. Ah! Maravilhoso! Tive madrugadas que marcaram. Com brumas a cobrir o campo verdejante, com brumas sobre os lagos azuis, cinzentos e vermelhos com o sol cobrindo-os. As brumas. Ah! Adoro-as. São lindas, querem cobrir meus olhos. Não querem que você veja ninguém só elas. Mas choram. Choram porque o sol irá chegar e elas terão que ir para longe, aonde ele o "Senhor Sol" ainda não chegou.

Lá no horizonte um pequeno brilho. Pequeno mesmo. O sol. Ele estava chegando. Gostava de anunciar sua chegada. Era o rei. Não era um astro qualquer. Não aparecia assim do nada. Anunciava que se preparassem todos. Uma pequena claridade, um pequeno vermelho desbotado, raios brancos tingidos de amarelo ouro e eis que ele aparece. A montanha o reverencia. O dia nasceu. Eu estou acordado. Uma hora sagrada. Sempre gosto de ver o nascer do dia. É como se fosse uma criança chegando ao mundo. As brumas cinzentas me disseram adeus. O orvalho se escondeu. A última gota do orvalho caiu de uma folha adormecida. A brisa insistente continuava lá a me acariciar o rosto. Não se afastava. Uma amiga de épocas e épocas passadas.

Hora de partir. Não disse adeus para todos eles que me acompanharam a noite e no lusco fusco da manhã. Não precisava. Eles sabiam que não era mais que um até logo, não era mais que um breve adeus. Eu voltaria. O "Velho" Escoteiro não para. Em sonhos ou pisantes nos meus pés hoje cansados. Ajeitei meu lenço, arrumei meu meião. Calcei meu velho coturno de guerra. Mochila as costas, pendurei meu bornal no ombro. Minha forquilha de anos e anos e agradei o arbusto que me serviu de lar e parti. O chapéu de três bicos já estava no lugar. Meu rumo? O mesmo de sempre. A busca da aventura para onde o vento me levar. Sabia que em algum lugar

iria encontrar o Lago Dourado. Diziam que não tinha peixes. Que uma bruma cinza o cobria por todo o tempo. Isto eu iria ver quando chegasse com meus próprios olhos.

O sol a pino. Gosto disto. Os primeiros pingos do suor caem e somem na estrada da vida que leva a rumos impossíveis. Meu chapéu de abas largas me protege. A forquilha me ajuda a andar e achar o caminho. Uma montanha verde, cheia de lindas árvores e floridas já avisto ao longe. Deve estar perto a minha busca incessante. Quem sabe na virada da curva da Raposa que Chora eu encontro o Lago Dourado. Acordo. Era um sonho. Sempre sonho com este lago. Um dia irei encontrar. A cada dia em meus sonhos mais me aproximo. Ainda estou sentado na minha varanda encantada. Dou um sorriso. Uma tarde linda. Lá fora ainda o sol. Não há brumas. Até o lusco fusco da tarde já não é mais o mesmo. A brisa lá fora sopra mansa e calma para quem passa naquela rua da minha morada. Gosto dela nunca deixou de me acariciar o rosto. Mais um dia terminando. Ele vai passar como tantos que passaram. E no meu amanhã eu voltarei. Na minha varanda dos sonhos vou sonhar e quem sabe um dia nestes sonhos impossíveis eu vou encontrar o Lago Dourado. Não vou desistir dos meus sonhos. Eles fazem parte de mim. A cada dia eu digo, não desista "Velho" Escoteiro. Digo sempre – “Eu voltarei”. Quem sabe um dia eu poderei dizer que encontrei o meu querido Lago Dourado?

As aventuras de Marquito, o lobinho que queria voar.

Marquito não pensava em outra coisa. Tudo bem que era estudioso e obediente, mas tinha uma ideia fixa. Uma verdadeira obsessão. Ele sonhava em voar. Aquilo ficava em sua mente desde que acordava até quando ia dormir. Como fazer? Como deslizar pelo céu como se fosse uma águia dourada levada pelo vento? Ele pensava. Havia de ter um jeito. Sua mãe começou a ficar preocupada. Leu sobre meninos que vestindo uniforme

de Batman, Super Homem pulavam de árvores ou de sacadas de apartamentos. Ela tinha medo e conversava sempre com ele. - Não se preocupe mamãe, nunca colocarei minha vida em perigo. Ela acreditava. Sabia que Marquito além de ser um bom filho era também um grande lobinho. Sempre recitava para ela as Leis do Lobinho e nunca deixava de dizer que o Lobinho ouve sempre os velhos lobos.

Na Alcateia todos sabiam do seu sonho. Ninguém ria dele, pois o respeitavam muito. Nonô e Maryangela de sua matilha verde sempre eram seus ouvintes favoritos. Ele contava tudo que aprendia e lia sobre como voar pelos céus. Um dia sua mãe comprou um computador para ele. Ele sonhava em ter um. Fazer pesquisas, já pensou? Não deu outra. Voltando da escola, após fazer seus deveres escolares lá estava Marquito pesquisando – Um Ultra Leve pode com facilidade ser montado ou armados na área de decolagem. E também desmontados ou desarmados na área de pouso. Um Ultra Leve deve ter o peso máximo igual ou inferior a 70 kgf. Marquito anotava tudo. Agora os materiais para construir um em casa. Aço inox? Impossível. Tela de poliéster e fibra de vidro? Nem sabia o que era isto. Mas embaixo uma noticia o animou. Com madeira você pode construir um ultraleve por menos de dez mil reais, claro sem o motor. Ele não tinha, mas sabia onde conseguir. Na Madeireira do Seu Leopoldo. Ele lhe daria tinha certeza. Afinal era o pai de Maryangela e da diretoria do Grupo Escoteiro.

Não foi fácil convencê-lo. Ele e Maryangela ficaram horas falando e falando. – Tudo bem, vou lhe dar disse – Mas quero ver toda semana seu trabalho. Beleza! Mãos a obra. Pegaram o desenho na internet. A alcateia em peso ia todos os dias no quintal da casa de Marquito para ver sua construção e ajudar. Não foi fácil. Terminaram três meses depois. Uma geringonça de madeira. Seu Leopoldo deu risadas. Isto nunca vai voar. A Akelá foi lá para ver. – Valeu Marquito. Valeu o esforço. Quem sabe agora ele desistia desta ideia estapafúrdia de voar? – Nada disto. Com a colaboração da Matilha azul, amarela e a sua a verde, levaram o ultraleve para um morro próximo. – Sem motor? - Perguntou Nonô. – Não se preocupe. Ele vai voar disse Marquito. Parecia que ele adivinhava. Um pé de vento se aproximava. Marquito e Maryangela se amarraram na geringonça. O vento os pegou em cheio. Subiram aos céus. Alto. Muito. O vento se foi. O Ultraleve plainava. Incrível!

A cidade inteira na rua. Os carros pararam. O povo boquiaberto. Lá em cima Marquito e Maryangela cantavam a plenos pulmões – “A promessa de Mowgly era matar o Shery Cann, para a paz de seu povo de Akelá e o seu Clã!” – Uma festa. Foguetes apareceram não se sabia de onde. Pousaram no Aero Club local. Dois pilotos o seu Jonas e o seu Martinho foram olhar. Não entenderam nada. Como aquele monte de taboas pregadas

de qualquer jeito plainou? O povo todo chegou ao Aero Club. Uma salva de palma. Marquito e Maryangela foram carregados. No sábado na reunião, abraços, parabéns e ambos foram chamados na diretoria. Sorrisos. Era a vez dos Diretores darem os parabéns pensaram.

Lá estavam os diretores do grupo, o Diretor Técnico, A Akelá o Balu o delegado, o tenente da aeronáutica e sua mãe! Nossa! Mas não foi nada do que eles pensaram. Falaram tanto. Das normas de segurança para aviação, de voar sem permissão, de ser menor de idade, enfim, eles ouviram tudo calados. O tenente pediu a Marquito que nunca mais fizesse isto. Ele prometeu. Voltaram para a reunião de Alcateia. Cabisbaixos. Olhando seus amigos de esquelha. Todos vieram correndo para abraçá-los. Marquito sorriu, mas ele tinha palavra prometeu que nunca mais faria aquilo e o lobinho diz sempre a verdade.

Um dia sua mãe o viu pesquisando na internet. O que procura Marquito? Nada mamãe, eu estou vendo o que é ser abduzido. Dizem que os alienígenas abduzem os terráqueos para levá-los em seu disco voador. Já pensou se eu fosse voar em um? A mãe de Marquito se assustou. De novo? - Não se preocupe mamãe. Prometi não voar mais lembra? Bem, a história termina aqui. Mas os sonhos de Marquito? Não sei. Dizem que sonhos de criança não terminam nunca. Eu que os diga nos meus sonhos aventureiros que um dia fiz neste mundão de meu Deus!

Em minhas preces de todo dia, sempre peço coragem e paciência. Coragem para continuar superando as dificuldades do caminho naqueles que não me compreendem. E paciência, para não me entregar ao desânimo diante das minhas fraquezas!...

Chico Xavier

A lenda de Zezé Saviola, superando limites.

Zezé Saviola poderia ter sido um bandido, um marginal ou um traficante de drogas. Não foi. Não foi por um motivo simples. Alguém resolveu ajudá-lo e este alguém se chamava Montana, um simples Chefe Escoteiro. Zezé Saviola era negro, magro e com o rosto marcado pela varíola que sofreu quando criança. Sua mãe vendia drogas e seu pai vigia na prefeitura vivia embriagado. Dona Leôncia morreu crivada de balas em um Beco no Jardim das flores bairro favelado onde moravam. Zezé não tinha ninguém por ele e por graças de boas almas vizinhas ele ainda tinha uma refeição e alguma roupa que lhe davam. Algumas vezes seu pai acordava sóbrio e olhava para ele chorando. - O que eu fiz? Perguntava a sí próprio ao olhar para seu filho Zezé Saviola. Ele amava o filho, mas era sair de casa seu caminho era cheio de bebidas alcoólicas. Muitas vezes acordava em uma marquise qualquer, em um banco da praça e muitos que o viam bêbado pelas sarjetas juravam que ele chorava.

Chefe Montana fora Escoteiro quando jovem e se tinha duas coisas que amava na vida era sua esposa Dorinha e o escotismo. Eletricista formado pelo SENAI tinha uma boa casinha, um carrinho simples e não desejava mais nada. Sua simplicidade supria suas dificuldades na fala, ele era fanhoso, sua voz era horrível e quem não o conhecia dava grandes gargalhadas o que o deixava triste, mas nunca enraivecido. Sua Tropa no Grupo Escoteiro Águia de Haia o adorava. Eram 18 Escoteiros e 10 escoteiras sendo estas aceitas quando Dorinha resolveu ajuda-lo para equilibrar meninos e meninas. Os que o conheciam sabiam de suas qualidades. Os pais o respeitavam e acreditavam que seus filhos teriam o melhor na formação que se pretendia na Tropa Escoteira. Quase não ficavam na sede e sempre estavam no campo, fazendo atividades aventureiras, acampando ou excursionando.

Zezé Saviola se sentiu encurralado. Aos dez anos desconhecia o medo e lutava com qualquer um que o desafiasse. Agora não, agora eram mais de seis meninos que o pegaram no Beco da Saudade e nem sabiam por que queriam lhe dar uma surra. Talvez pelo seu rosto “perebento” ou por ser filho de um beberrão. Zezé sabia que se tivesse oportunidade para correr ninguém o alcançaria. Corria como o vento e sempre que podia ia para a Estrada do Elefante e ali corria a mais não poder. Zezé se preparou para a defesa, com as duas mãos juntas sabia que pelo menos dois iriam arrepender-se de atacá-lo. Todos caíram em cima dele e aos gritos de mata o filho do demônio ele tentava se defender de todas as maneiras. Alguém

começou a gritar com todos para largá-lo. A meninada conhecia aquela voz fanhosa e sabiam que não era hora para sorrir. Saíram correndo e gritando – Vai ter outra vez Zezé Bexiguento!

Chefe Montana viu que ele sangrava no nariz e um olho estava inchado. O levou para sua casa e o tratou. Lourdinha o ajudou como podia. Zezé – Disse Chefe Montana – Quero ver você sábado no grupo escoteiro. Faça questão que seja um de nós – Zezé olhou para Chefe Montana ressabiado. Nunca pensou em ser Escoteiro, mas quem sabe poderiam ajudá-lo a enfrentar a molecada que sempre o espancava? No sábado ele chegou com receio. Não foi preciso, pois foi muito bem recebido e encaminhado para a Patrulha Javali. Com dois meses Zezé se sentiu outro e aquela tristeza que o acompanha se transformou em um sorriso. Disseram a ele que quem entra se transforma. Passa a acreditar que a felicidade existe. Quatro meses depois a tropa estava alvoraçada, pois sabiam que se aproximava a data das olimpíadas escoteiras distritais. Mesmo treinando muito todas as modalidades sabiam que dificilmente iriam ganhar uma medalha, no entanto isto pouco importava, pois o importante era participar como dizia o Chefe Montana.

Chefe Montana não gostava muito de participar da Olimpíada. Eram cinco grupos e dois deles se achavam os tais. Viviam se gabando que ninguém tinha vez com eles. Um deles o Grupo Escoteiro Dez Estrelas em todas as atividades que participavam sempre ganhavam. O Chefe deles um fanfarrão dizia que quem quisesse vencer que se “ralasse”, pois o grupo era de gente de posse. Contratavam sempre bons Professores de Educação Física e treinavam quase diariamente. Todos os anos colocavam uma faixa na porta da sede dizendo – Grupo Escoteiro Padrão Ouro! O melhor da cidade! Zezé quando soube pediu para inscrevê-lo em quatro modalidades – Corrida salto em altura, salto em distância e revezamento dos 200 metros. Inacreditável! Todos ficaram boquiabertos com Zezé. Ganhou todas. Nem Zezé sabia que era um triatleta. Zezé foi festejado e o Melhor Grupo da cidade humilhado. Se pelo menos aprenderam que a cortesia, a lealdade e a fraternidade escoteira eram um fato então valeu a pena as medalhas que Zezé ganhou.

Aos desesseis anos já sênior Zezé soube de uma corrida famosa na capital. Não tinha dinheiro para inscrição e o Chefe Montana fez questão de pagar. A tropa fez uma vaquinha para sua viagem e ficaram torcendo por ele. Zezé não tinha roupa apropriada para a corrida, usou a calça e a camisa de Escoteiro e sem calçado foi colocado em um dos últimos locais da corrida. Os melhores na frente. O mundo se surpreendeu com o maior Corredor brasileiro de todos os tempos. Primeiro lugar disparado e seu

prêmio em dinheiro foi de cem mil reais. Na cidade foi ovacionado e até um carro de bombeiro estava lá esperando a chegada do trem. Zezé humilde viu que a multidão aplaudia. Do prêmio fez questão de doar trinta mil ao grupo apesar do Chefe Montana tentar recusar. Com o saldo comprou uma casinha de alvenaria e prometeu ao seu pai que tudo ia mudar.

Mudou mesmo. Zezé Saviola passou a participar de todas as corridas em todo o mundo. Ficou rico e todos se divertiam, pois ele insistia em correr descalço e com a calça e camisa escoteira. Aonde ia fazia questão de estar com seu uniforme. Dizem que toda história tem final feliz, esta não tem. Poderia ter se não fosse Trinado da Morte, um bandido que morava na capital e recebeu um bom dinheiro de um financista que queria que seu pupilo ganhasse todas as corridas. Contratou o matador para matar Zezé Saviola. Foi um tiro certo, mas Zezé não morreu. Ficou paraplégico. Ainda bem que guardou um bom dinheiro e ele e seu pai tinham o que precisavam. Zezé nunca desistiu de nada. Jurou a si mesmo que voltaria a andar e correr. Cinco anos depois ele sentiu uma perna e dois anos depois a outra. Dez anos passados e Zezé ficou em pé. Quando quinze anos depois se inscreveu em uma corrida novamente foi saudado como herói por todo o Grupo Escoteiro. Chefe Montana e seus Escoteiros nunca abandonaram Zezé Saviola. Sua bondade, sua simplicidade e sua maneira de ganhar sem se vangloriar serviram de exemplos para eles por toda a vida. Como dizia Ayrton Senna - Se você quer ser bem sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si.

Enquanto não superarmos
a ânsia do amor sem limites,
não podemos crescer
emocionalmente.

Enquanto não atravessarmos
a dor de nossa própria solidão,
continuaremos
a nos buscar em outras metades.
Para viver a dois, antes, é
necessário ser um.

Obrigado Senhor por me fazeres um Escoteiro.

Obrigado Senhor por me fazeres um Escoteiro.

“Senhor obrigado por ter feito de mim um Escoteiro”,
A ser também um mateiro nas mil noites em campos sem fim.
Por me deixar conhecer a natureza perfeita, a sua maior obra...
Obrigado senhor por me dar a visão, por ela eu vi o sol,
Vi a lua, as estrelas e o firmamento. Doces momentos, obrigado Senhor.
Tudo que me destes fez de mim o que eu sou. Me deste a água da fonte,
Fez de mim amigo dos animais, deixou-me andar pelas florestas do mundo,
Conhecer pássaros coloridos e Gaviões tão grandes que me fizeram sorrir.

Senhor eu agradeço de coração, pois me deu além do que merecia.
Meu deu o olfato para sentir o cheiro da terra, sentir o perfume das flores,
Deixou-me rolar em uma campina florida, sorrindo junto a borboletas douradas.
Eu consegui Senhor só porque sou Escoteiro, senti o perfume da orquídea,
Nas florestas verdejantes e tão distantes que um dia explorei.
Eu sei senhor que fui um privilegiado, conheci a chuva molhada a me refrescar.
E por ter me dado o tato eu a pude senti-la em meus ombros, O ribombar e o
Estrondo, de uma tempestade juvenil. Eu tive a benesse, de acariciar a
Pele de um esquilo, em um vale colorido quando o sol se escondeu.
Brinquei com os dedos no dorso, de um Lobo cinzento charmoso,
Que me aceitou venturoso como irmão de ideal.
Senhor quer alegria maior do que sentir o vento no rosto?
Sentir o orvalho da madrugada? O sol nascer e o cantar dos pardais?
A audição que me destes, deixou-me ouvir os sons da natureza.

Meu Deus que alegria, ouvir o cantar da passarada, ouvir o trinar do bem-te-vi,
O som da cascata murmurante, o trovão da cachoeira distante,
O piar da Coruja no carvalho, ouvir o lenho arder nas noites de fogo amigo. As
Chamas tão vermelhantes, fazendo o lenho queimar e fagulhas subindo aos
céus.
O sorrir da meninada a cantar o Guinganguli, os olhos lacrimosos lembrando,
Da canção da despedida, cantada em versos sofridos, mas alegres no despertar.
Nada Senhor é mais lindo que sentir a respiração, ao subir em uma árvore.
A nadar num belo remanso e ver peixinhos a pular. E Senhor, ver todos,
Meus companheiros, cantantes alegres e faceiros, infantes lá nas estradas,
A marchar em terras distantes na trilha do alvorecer!

Obrigado mesmo meu Senhor, por ter me dado o paladar. Estalar a língua no
Almoço e no jantar, feito pelo meu amigo cozinheiro. Ele um bom Escoteiro,
Não reclama mesmo se o sal faltar, se tiver picadinhos de folhas secas,
Se uma formiga no arroz pedir socorro, à gente a retira e nunca vai reclamar.
Tudo isto senhor será motivo de glória, pois sabemos que o que fizemos,
E o que somos, irá ficar na memória para sempre em nossa história.
Obrigado Senhor, e que neste ano, eu nos meus setenta e três anos,
Ainda tenho no coração a alegria de um menino que nunca deixou de sorrir.
E sonhar. Sabe Senhor, a graça que me concedeu, de me dar grandes amigos.
Que os outros da minha idade, possam lembrar com saudade de tudo que
aconteceu.
Aceite o agradecimento, de um Velho Lobo teimoso, que se acha venturoso,
Por ter estado presente em sua obra tão linda e eu só posso dizer:
Valeu meu Deus. Valeu! Escoteiro eu sou e graças a ti!



FIN